

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA**

LAURO ROBERTO MARTINIANO GOMES

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: As implicações do ensino da Arte no contexto
escolar de estudantes surdos**

BAURU

2024

LAURO ROBERTO MARTINIANO GOMES

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: As implicações do ensino da Arte no contexto escolar de estudantes surdos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Docência para Educação Básica à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, Linha de Pesquisa Ciências Humanas e Ensino, sob orientação do Prof. Dr. Fabio Fernandes Villela.

BAURU

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

G633p

Gomes, Lauro Roberto Martiniano

Práticas Pedagógicas: as implicações do ensino da Arte no
contexto escolar de estudantes surdos / Lauro Roberto Martiniano
Gomes. -- Bauru, 2024

188 f.: il., tabs., fotos + objeto educacional

Dissertação (Mestrado profissional - Docência para a Educação
Básica) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de
Ciências, Bauru

Orientador: Fabio Fernandes Villela

1. Ensino de Arte. 2. Educação Básica. 3. Surdez. 4. LIBRAS. 5.
Folclore. I. Título.

CÓPIA DA ATA



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE LAURO ROBERTO MARTINIANO GOMES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 06 dias do mês de setembro do ano de 2024, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de LAURO ROBERTO MARTINIANO GOMES, intitulada "PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR DE ESTUDANTES SURDOS" e produto educacional : " DO FOLCLORE.". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. FABIO FERNANDES VILLELA (Orientador(a)

- Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Prof. Dr. JULIO CESAR TORRES (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Prof. Dr. VITOR MACHADO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Unesp - Faculdade de Ciências - Campus de Bauru. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: Aprovado.

----- . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. FABIO FERNANDES VILLELA

Documento assinado digitalmente
 **FABIO FERNANDES VILLELA**
 Data: 24/09/2024 17:37:57 -0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru -
 Av. Engenheiro Edmundo Carrijo Coube, 14-01,
 17033360 <http://www.fc.unesp.br/posdocenciaCNPJ>:
 48.031.918/0028-44.

“Não é na ciência que está a felicidade, mas na aquisição da ciência”

Edgar Allan Poe

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus anos de estudos (desde 2014) e a todos os outros que virão. A Deus, que me deu a serenidade para executar o trabalho, à minha família e aos amigos que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é um misto de emoção com sonhos! Primeiramente, agradeço a **Deus** por ter me dado as oportunidades do dia a dia para realizar os meus sonhos, agradeço a **mim mesmo**, por não ter desistido tão fácil de realizar o tão almejado mestrado.

Agradeço imensamente a minha **família e familiares** que sempre incentivaram os meus estudos. A meus amigos que muitas vezes me chamaram para passeios e viagens e ouviram “não, eu preciso ler e escrever”. Ao **Marcio Leandro**, pois, se hoje tenho uma graduação, foi a ajuda financeira dele, que me auxiliou em um momento que nem ele mesmo tinha condições. Agradeço de coração à professora **Anita Gombrade**, que sempre me cobrou que eu deveria fazer o mestrado e me orientou quanto aos meios para alcançar este objetivo.

Agradeço à Instituição **FASAR** (Faculdade Santa Rita de Novo Horizonte – SP), por ter me dado a primeira oportunidade e experiência como professor universitário, e assim fazer com que me sentisse muito mais motivado a realizar um mestrado. À professora **Raissa Mazareli** que foi um anjo de luz ao se dedicar junto comigo lendo o edital, entendendo, explicando e ajudando com os pensamentos, e muitas vezes dando as dicas para a dissertação. Ao **Edson Andrella**, amigo de todas as horas, por tantas vezes que me ofereceu um ombro amigo, seja no âmbito profissional, no pessoal, ou no acadêmico, por ler, corrigir e mostrar suas críticas, muitas vezes severas, mas sempre muito construtivas e sempre ajudando na construção das ideias. E claro, aos **professores do programa** Docência para Educação Básica (DEB), e aos seus servidores da UNESP Bauru, que sempre se mostraram muitos solícitos e educados ao realizar os atendimentos aos discentes do programa. Ao meu orientador **Fabio**, por sua tamanha instrução e dedicação comigo e na compra de ideias, aos **amigos do programa** que, ao longo deste tempo de dois anos, pude conhecer e compartilhar objetivos, sonhos, trabalhos, projetos, escritas, saberes, choros e dores. Aos **colegas de profissão**, que sempre foram muito atenciosos, principalmente à **professora Tatiana**, que leu e fez as devidas correções e opiniões, à **professora Érika** que muito me ajudou nas questões com a Sociologia, e ao **professor Rondon** que muito colaborou com o abstract. Às grandes intérpretes **Alda e Roberta**, que muito colaboraram com o trabalho e a execução do produto. À Unidade Escolar que muito gentilmente cedeu horários para que a aplicação do produto pudesse ser realizada. À professora Patrícia, que foi uma grande parceira, fazendo a mediação da

comunicação entre o sujeito de pesquisa e seus responsáveis. Ao meu **tio Rogério**, que muito me socorreu na elaboração do desenho do produto. E a todos aqueles que me apoiaram por meio de orações e vibrações positivas. OBRIGADO!

RESUMO

A presente pesquisa aborda o ensino de Arte para estudantes surdos em redes regulares de ensino, constituindo-se como um estudo de campo realizado em uma escola municipal no interior do estado de São Paulo. A investigação foi desenvolvida por meio de entrevistas com professores da rede municipal e estadual que lecionam o componente curricular de Arte, além da aplicação de um produto educacional junto a um sujeito surdo. O objetivo geral deste estudo é evidenciar a relevância de propor metodologias alternativas para o ensino de Arte voltadas para estudantes surdos. Dentre os objetivos específicos, destacam-se a qualificação do ensino de Arte para esse público e a análise de como a disciplina tem sido trabalhada nas escolas, a aplicação e avaliação de práticas pedagógicas, bem como a criação e implementação do produto educacional intitulado “Do Folclore”. Para a condução da pesquisa, foram utilizados como instrumentos: o levantamento de conhecimentos prévios do sujeito de pesquisa, entrevistas realizadas via formulários on-line, revisão bibliográfica e a observação direta de aulas de Arte. Os resultados indicam que, embora o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) esteja presente no processo educacional, ainda persiste um significativo preconceito por parte das famílias dos surdos e, em alguns casos, também entre profissionais da saúde. Ademais, verificou-se que o tema do folclore é explorado de maneira limitada nas aulas de Arte, sugerindo a necessidade de ampliar essa abordagem no currículo escolar.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Educação Básica. Surdez. Folclore.

ABSTRACT

The present research addresses the teaching of Art to deaf students in regular school systems, constituting a field study conducted in a municipal school in the interior of São Paulo. The investigation was developed through interviews with teachers from the municipal and state networks who teach the curricular component of art, and the application of educational products to deaf subjects. The general objective of this study is to highlight the relevance of proposing alternative methodologies for the teaching of Art aimed at deaf students. Among the specific objectives, we underline the qualification of the teaching of Art for this audience and the analysis of how the discipline has been worked in schools, the application and evaluation of pedagogical practices, and the creation and implementation of the educational product entitled "On Folklore". The following instruments were used to conduct the research: a survey of previous knowledge of the research subject, interviews conducted via online forms, a bibliographic review, and direct observation of art classes. The results indicate that, although the use of Brazilian Sign Language (Libras) is present in the educational process, there is still significant prejudice on the part of the families of the deaf and, in some cases, also among health professionals. In addition, it was found that the theme of folklore is explored in a limited way in Art classes, suggesting the need to expand this approach in the school curriculum.

Keywords: Art Teaching. Basic Education. Deafness. Folklore.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias.....	44
Figura 2 – Logo INES.....	45
Figura 3 – Fachada INES.....	45
Figura 4 – Alfabeto Dactilológico.....	46
Figura 5 – Sinal de Acessibilidade em LIBRAS.....	47
Figura 6 – Logo EFAPE.....	61
Figura 7 – Logo Currículo Paulista.....	61
Figura 8 – Fluxograma do Currículo Paulista.....	62
Figura 9 – Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa.....	65
Figura 10 – Quadro das Macrocompetências Competeências.....	67
Figura 11– Fachada da Escola.....	81
Figura 12 – Respostas da Entrevista 03.....	94
Figura 13 – Respostas da Entrevista 03.....	95
Figura 14 – Respostas da Entrevista 03.....	96
Figura 15 – Respostas da Entrevista 03.....	97
Figura 16 – Respostas da Entrevista 03.....	97
Figura 17 – Respostas da Entrevista 03.....	98
Figura 18 – Respostas da Entrevista 03.....	99
Figura 19 – Respostas da Entrevista 03.....	99
Figura 20 – Cartaz da Série Cidade Invisível.....	109
Figura 21 – Cena da 2ª Temporada – Cidade Invisível.....	109
Figura 22 – 1º Protótipo.....	112
Figura 23 – 2º Protótipo, 1ª página.....	113
Figura 24 – 2º Protótipo, 2ª página.....	114
Figura 25 – 2º Protótipo, 3ª página.....	114
Figura 26 – 3º Protótipo.....	116
Figura 27 – Mapa de Aprendizagem.....	118
Figura 28 – Produto Educacional, página 01.....	119
Figura 29 - Produto Educacional, página 02.....	120
Figura 30 - Produto Educacional, página 03.....	120
Figura 31 - Sujeito de Pesquisa, mostrando o seu entendimento sobre o Folclore.....	121
Figura 32 - Sujeito de Pesquisa, interagindo sobre a lenda, juntamente com a professora de AEE.....	121
Figura 33 - Figura 23 – Sujeito de pesquisa, escrevendo seu entendimento sobre a lenda.....	122
Figura 34 - Sujeito de pesquisa, escrevendo seu entendimento sobre a lenda, juntamente com o pesquisador, e a professora de AEE.....	122
Figura 35 - Sujeito de pesquisa, assistindo aos vídeos sobre a lenda Boto Cor de Rosa.....	122
Figura 36 - Entendimento e desenho do Sujeito de Pesquisa, sobre a lenda.....	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Entrevista Número 01 - Professores.....	87
Gráfico 2 - Entrevista Número 01 - Professores.....	87
Gráfico 3 - Entrevista Número 01 - Professores.....	88
Gráfico 4 - Entrevista Número 03 – Pessoas Surdas.....	91
Gráfico 5 - Entrevista Número 03 – Pessoas Surdas.....	91
Gráfico 6 - Entrevista Número 03 – Pessoas Surdas.....	91
Gráfico 7 - Entrevista Número 03 – Pessoas Surdas.....	93
Gráfico 8 - Entrevista Número 03 – Pessoas Surdas.....	94
Gráfico 9 - Entrevista Número 03 – Pessoas Surdas.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Diferenças: Deficiente Auditivo e Surdo.....	39
Quadro 02 – Graus de Surdez.....	49
Quadro 03 – Cronograma da Pesquisa.....	84

LISTA DE SIGLAS

a.C – Antes de Cristo

AEE – Atendimento Educacional Especializado

ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

AASI – Aparelho de Amplificação Sonora Individual

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF – Constituição Federal de 1988

dB - Decibéis

d.C – Depois de Cristo

EAD – Educação a distância

HQ – História em Quadrinhos

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LAS – Língua de Sinais Angolana (Língua de Sinais Angolana)

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LGP – Língua Gestual Portuguesa (Língua de Sinais Portuguesa)

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LSF – Langue des Signes Française (Língua de Sinais Francesa)

MEC – Ministério da Educação

MPB – Música Popular Brasileira

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

ProLibras – Proficiência em Língua de Sinais Brasileira

SME – Secretaria Municipal de Educação

UE – Unidade Escolar

SUMÁRIO	
RESUMO	9
ABSTRACT	10
APRESENTAÇÃO.....	16
INTRODUÇÃO	21
Problema de Pesquisa	21
Justificativa.....	22
Hipóteses	22
Objetivos	22
1 O ENSINO DO COMPONENTE CURRICULAR NAS ESCOLAS, A LEGISLAÇÃO, E A FORMAÇÃO INTEGRAL/OMNILATERAL	25
1.1 O que é Arte?	25
1.2 A legislação para o estudante com necessidades educacionais especiais	34
1.3 Deficiência, Surdez, LIBRAS e a Legislação	38
1.4 Educação e Formação Integral/Ominilateral de estudantes com deficiência	50
2 COMO O COMPONENTE CURRICULAR ARTE, TEM SIDO TRABALHADO	55
2.1 O aproveitamento que o estudante surdo tem nas aulas de Arte	69
2.2 Formação Integral/Ominilateral de estudantes com deficiência	72
3 METODOLOGIA	78
3.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa	78
3.2 Local do desenvolvimento da Pesquisa.....	81
3.3 Participantes.....	82
3.4 Procedimentos Éticos.....	83
3.5 Instrumentos de coleta de dados.....	83
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	86
4.1 Apresentação e discussão das entrevistas	86
5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	101
5.1 A prática do professor nas aulas de Arte e o Folclore	101
5.2 O Folclore.....	103
5.3 Uma didática	108
6 PRODUTO	111

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	126
APÊNDICE A – Entrevista 01	132
APÊNDICE B - Entrevista 02	133
APÊNDICE C – Entrevista 03.....	135
APÊNDICE D – 1º Protótipo	137
APÊNDICE E – 2º Protótipo	138
APÊNDICE F – 3º Protótipo.....	141
APÊNDICE G - Produto	142
APÊNDICE H – Produto Final	144
APÊNDICE I – QR Code do Produto Final – Todos Juntos.....	166
ANEXO I – Mapa de Aprendizagem	167
ANEXO II – Respostas do Estudante de Pesquisa.....	168
ANEXO III – Entendimento das Lendas – Estudante de Pesquisa.....	170
ANEXO IV – Texto Original da Carta do Folclore de Thoms.....	175
ANEXO V – Carta do Folclore Brasileiro	177
ANEXO VI - Termos	184

1. APRESENTAÇÃO

O início da minha trajetória para o mundo da aprendizagem se deu desde quando vim ao mundo, dia 24 de fevereiro de 1988, na cidade Catanduva, interior de São Paulo, tendo como meus pais, irmão e demais familiares como os meus primeiros professores, em especial minha tia, Ana Lúcia, que sempre se preocupou com o educacional dos sobrinhos (que na época era meu irmão Enderson, quatro anos mais velho que eu, e minha prima Nathiely, da mesma idade). No ano de 1994, iniciei realmente os meus estudos, em uma escola que era idealizada pelo governo Fernando Collor de Melo no antigo pré-primário, na Escola CIEM PG Professora Graciema Ramos da Silva, que alguns anos depois mudou o nome para EMEF Professora Graciema Ramos da Silva, escola localizada no município de Catanduva - SP. Desde a época que comecei o pré-primário, sabia que a carreira escolhida seria a de ser professor, mesmo com todas as dificuldades que eu apresentava para aprender (escrevia espelhado, odiava fazer as bolinhas de papel crepom, e outras coisas), mas estava decidido que queria ser professor de séries iniciais (assim era chamado naquela época). Sempre estudei no período da manhã, então, ao chegar da escola, era de praxe enfileirar os brinquedos, principalmente meu urso panda Sossego, o preferido, e reproduzir tudo o que a professora dizia, até mesmo as broncas, e levar as broncas depois dos meus pais, ao verem as paredes rabiscadas, até que minha tia Ana Lúcia me deu minha primeira lousa, apagador e giz, para poder brincar mais à vontade. No ano de 1996, eu me mudei da cidade de Catanduva, para uma Usina, sim, uma Usina de açúcar e álcool, que na época se chamava Usina Catanduva, e com o passar do tempo passou a ser Usina Virgolino de Oliveira. Nos anos de 1996 a 1999, morei na chamada Fazenda Gutierrez; para ir à escola, tínhamos de acordar por volta das 5h30 da manhã, andar quilômetros e tomar um ônibus até chegar em Catanduva, a cidade em que estudávamos, e obviamente chegávamos atrasados. Éramos taxados “do sítio”, mas não morri, nunca fiquei bravo, sempre me diverti com a situação. A casa em que morávamos pertencia aos donos da usina, que emprestavam as casas para seus servidores (no caso, meu pai). Lá, eu

não era a única criança; fiz, então, amizades, e logo muitos deles se tornaram os meus alunos, principalmente os mais novos, e as mães, naturalmente, adoravam a ideia.

No ano de 1999 ainda, mudamo-nos para uma colônia que pertencia à usina, a Colônia Bom Jardim, nada de muito novo, além de poder acordar um pouco mais tarde e não ter de andar tanto para tomar o ônibus. Nessa colônia, havia mais crianças e adolescentes, tanto que até se dividiam entre as cidades para estudar: Catanduva, Palmares Paulista e Ariranha.

No ano de 2002 (com 14 anos), consegui meu “primeiro trabalho” como professor, uma vizinha me pagava para auxiliar o filho nas tarefas da escola. Esse garoto era bem mais novo e estudava na cidade de Palmares Paulista - SP.

Minha vida toda estudei em Catanduva, o que era muito cômodo para mim e meu irmão, pois, se tínhamos algum problema ou se saíssemos mais cedo da escola, poderíamos ir à casa de nossa avó. O transporte era ofertado pela própria Usina na época, mas no ano de 2003, o ano que eu fui para o 1º ano do Ensino Médio, a usina tomou a decisão de que não iria mais fornecer transportes, principalmente por sermos em poucos alunos - apenas eu e mais um garoto que, um tempo depois, tornou-se meu afilhado de crisma (na época em que morei na cidade, ele era meu vizinho de fundo, e anos depois ele se mudou para a usina também). Tive então que estudar em Ariranha - SP. Não foi fácil essa notícia, iria para um lugar que eu não sabia como era, quem eram as pessoas, como era o ensino... O medo foi muito grande, porém, no ano de 2005, terminei meus estudos e não tive nenhum arrependimento de ter estudado na EE Gabriel Hernandez, até muitas vezes pensei “por que não fui estudar lá antes?”, foram os melhores três anos da minha vida no quesito educacional. A escola, por ser pública e a única da cidade da rede estadual, tinha um nível de escola particular.

Ainda voltando um pouco no passado, no ano de 2003, resolvi que queria desenhar casas, e esqueci um pouco o sonho de lecionar, pois via meu tio fazendo croquis e mais croquis. Aprendi na observação, então resolvi prestar Técnico em Edificações na ETEC. Em 2004 estudava pela manhã no ensino médio e à noite no curso técnico, e foi muito puxado, pois a prefeitura de Ariranha cedia o transporte, mas esse transporte passava por muitos sítios e fazendas pelas redondezas da cidade, e com isso novamente precisaria acordar muito cedo, 5h da manhã para chegar na escola às 7h, e ficar até 12h20. Chegava em casa por volta das 13h30, 14h; às 17h já saía de casa, pois o único ônibus era nesse horário, para poder ir para a ETEC; chegava em Catanduva às 17h30, 17h40 e ficava na casa da minha avó até às 18h40;

ia para a ETEC e lá permanecia até às 22h50; ao sair da escola, tomava um ônibus às 23h15 para chegar em casa às 23h50. Sobrevivi!

No ano de 2005, no 3º ano do Ensino Médio, voltou o desejo de querer ser professor, já que era o ano do famoso e destemido vestibular, porém veio a dúvida, professor do quê? Arte? Educação Física? Inglês? Ou séries iniciais, com a Pedagogia? Por fim, prestei os vestibulares, e acabei terminando meu curso técnico mesmo.

No ano de 2006, comecei a trabalhar com a minha tia, auxiliando-a na produção de bolos e chocolates. Era uma experiência divertida e de muito aprendizado, já que ela sempre tinha coisas a me ensinar. Envolvi-me em um projeto de música, porém havia um limite de idade para participação (18 anos). Em 2007, já com 19 anos, ao me despedir do projeto, fui chamado pela coordenadora para conversarmos e, na conversa, ela me disse “existe uma vaga para trabalhar aqui no projeto, e como você gosta muito do projeto, é uma vaga que você vai poder trabalhar e ainda continuar seus estudos na música”. Um anjo de luz perene essa mulher! Não era muito o salário, mas me permitia realizar algumas coisas, porém ainda me faltava uma, o desejo de ser realmente professor.

Então, no ano de 2011, prestei novamente o vestibular e fui cursar a tão sonhada Pedagogia, mas claro, sempre tem um porém... eu queria muito fazer o curso, mas, naquele ano, eu estava sem trabalho. No entanto, os anjos nos acompanham sempre, e outro anjo de luz perene, me disse “vai fazer sim, eu vou pagar enquanto você não está trabalhando e, quando arrumar alguma coisa, você continua a pagar o curso”. Com muita empolgação, apenas fui e me matriculei. Alguns semestres se passaram e consegui um novo emprego, assumi então as parcelas. Anos depois, fiquei sabendo que o anjo era um grande anjo, pois ele também não estava em condições de pagar, mas fez o possível para tal, e hoje só tenho a agradecer. No ano de 2012 e 2013, tive meus primeiros contatos trabalhando em escola, como Agente de Organização Escolar, em uma escola estadual. No período da manhã, trabalhava na secretaria da escola; à tarde, no corredor com os alunos. No ano de 2014, terminei o curso e logo já veio o desejo de começar a lecionar também no Ensino Superior. Prestei meu primeiro processo seletivo, passei muito mal, mas consegui aulas, era um cargo de professor auxiliar no município, esse cargo era um componente chamado “Leitura e Produção de Textos” das escolas estaduais que tinham se municipalizado e as professoras não tinham mais sedes para escolas estaduais, então lecionavam no município, mas tinham uma carga diferente que o

estado e o município não as pagavam, então entrava o professor auxiliar. Peguei uma turma de 1º ano, uma de 2º ano, duas de 4º ano e duas de 5º ano, e no período da tarde, para expandir a minha experiência, assumia aulas eventuais e foram experiências maravilhosas, cada dia uma escola, cada dia uma turma, cada dia uma surpresa, pois muitas vezes as professoras não deixavam conteúdo e tinha de improvisar.

Com o término da licenciatura, comecei a fazer uma especialização em Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa e LIBRAS.

Em 2015, ainda trabalhando como eventual no município, resolvi fazer a licenciatura em Artes Visuais, e fiz pela primeira vez meu cadastro na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Peguei apenas 2 aulas, como estudante, mas foi muito boa e super válida essa experiência. Nos anos de 2013, enquanto fazia Pedagogia, me apaixonei pela área da Educação Especial, principalmente da surdez. Comecei então a fazer meus cursos de LIBRAS. No ano de 2016, quando comecei, consegui pegar aulas de professor interlocutor de LIBRAS na cidade de Novo Horizonte – SP, e os anjos não deixam de nos acompanhar, conheci então a professora de história daquela escola que um dia me disse “preciso conversar com você, mas não pode ser aqui na escola”. Quando se ouve isso, o frio na espinha vem. No intervalo, ela me pediu para eu acompanhá-la em alguns lugares. Assim que entrei no carro, ela me fez as seguintes perguntas: “Você tem mestrado? Tem especialização? Não?! Quando termina?” pois respondi que estava fazendo especialização, e a conversa continuou: “alguns anos eu comecei como orientadora de estágio da faculdade local, e queria convidar você para integrar o corpo docente como docente de LIBRAS”. Que alegria poder realizar esse sonho, e vieram as novas experiências, terminei a especialização e lecionei até 2020 na IES.

Em 2017, comecei a me interessar pelo mundo acadêmico. Com o apoio e incentivo da coordenadora da IES, prestei meu primeiro processo seletivo de aluno especial no IBILCE – UNESP de Rio Preto. Foi, com certeza, uma das melhores experiências de aprendizado e oportunidade de conhecer pessoas, das quais muitas ainda tenho como amigos.

Nesse mesmo ano, prestei também meu primeiro processo seletivo de aluno regular para mestrado. Infelizmente, só foi possível chegar até a segunda fase, mas o importante é não desistir, então continuei prestando. Porém, não acontecia o sonho, e no ano de 2021, quando pensei em desistir, dizendo que não queria mais, recebi o apoio de uma professora amiga que lecionava comigo em uma escola, ela disse “não,

não, vamos continuar prestando, eu vou rever todo seu projeto para dar certo esse ano". Na escola, todos a chamavam de doutora, que era o seu título máximo. Foi dessa vez, no Programa de Docência para Educação Básica (DEB), Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, que o sonho de ser aprovado chegou. Correr com documentação, muita emoção, muito trabalho, um mundo novo, pessoas novas, novos amigos, pessoas tão solícitas, pessoas amáveis, e professores de tamanha humanidade, sem limites.

Com o passar dos anos, quando atuei no Ensino Fundamental I, como professor regente, comecei a perceber o quanto o componente curricular Arte era deixado de lado por outros professores, já que na grade curricular da rede municipal, o componente é apenas uma aula de 50 minutos, e ao longo desse tempo fui percebendo também o quanto o nosso rico folclore era deixado de lado, tendo ênfase apenas no mês de agosto. Depois, ao atuar como professor de Arte no Ensino Fundamental II e Médio, ficou mais nítido o quanto o ensino desse componente era pequeno aos estudantes, e mais uma vez percebi que o foco do folclore era sempre no mês de agosto, ou nem isso. No ano de atuação como intérprete de LIBRAS, foi então que notei que, quando o intérprete não estava, muitos professores não conseguiam trabalhar com a estudante surda, e o quanto ela não era estimulada nas aulas de Arte. Diante disso, surgiu o pensamento e o desejo de trabalhar as temáticas citadas. Como o professor de Arte ensina o estudante surdo? Quantos trabalhos na área do folclore existem para o público surdo? Mediante essas inquietações, foi que surgiu o interesse em aprofundar essa pesquisa.

INTRODUÇÃO

Na introdução desse trabalho contextualizamos o que o motiva, bem como seus objetivos e uma breve explanação da metodologia e da organização dessa dissertação.

Este trabalho tem como pergunta de pesquisa: Qual a maneira que o ensino da Arte vem sendo aplicado para estudantes surdos e como vem sendo seu aproveitamento para essas aulas, e no seu futuro?

Para que possa dar continuidade nessa introdução, é preciso saber que as terminologias de surdez e deficiência auditiva possuem algumas diferenças. Zanata (2004, p.21) quando se fala em deficiência, em específico à audição, diz que torna-se necessária uma explanação referente à terminologia, seguindo uma linha clínica, o termo deficiente auditivo usa-se para uma pessoa com déficit na audição e que pode ser corrigido ou amenizado através de aparelho de amplificação sonora.

Cabe ressaltar que nem todas as pessoas com deficiência auditiva faz uso da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Segundo Quadros (2019, p.18) a LIBRAS é uma língua usada para o ensino, a arte, com representação oral (visual-espacial) e escrita.

Quando se trata do termo surdez, ainda encontramos em Zanata (2004, p.23) que a questão terminológica que se refere à surdez vai muito além dos aspectos médicos e clínicos, passando justamente pela questão referente à comunidade. Para Lakatos (1989, p. 356), uma comunidade tem a consciência de pertencerem, ao mesmo tempo, ao grupo, ao lugar, que funcionam em conjunto, no que tange aos principais assuntos de suas vidas.

“Numa comunidade surda a definição de surdez pelos Surdos passa muito mais por sua identidade grupal que por uma característica física” (Zanata, 2004, p.23).

Com a inclusão hoje, estudantes surdos são matriculados em escolas regulares, já que a própria Constituição Federal de 88 diz, em seu artigo 205 – a educação é um direito de todos. Estando estes estudantes surdos matriculados na rede regular de ensino (pública ou privada), eles têm o direito de desfrutar de todos os componentes curriculares como os demais estudantes, principalmente no componente curricular Arte, no qual os professores devem explorar de sua criatividade, e incentivar até mesmo para que no futuro ele (estudante) possa se tornar

um artista reconhecido como todos os outros. Como exemplo para um estímulo a esses estudantes, podemos citar Ludwig van Beethoven que no auge de sua carreira, teve surdez adquirida e que mesmo assim continuou compondo suas músicas - a 9ª Sinfonia foi composta no auge de sua surdez.

Em todos os componentes curriculares está presente o Folclore, mais especificamente no componente curricular Arte, lembrando que este deve ser trabalhado gradativamente em cada ano escolar, ressaltando a sua importância, e que é um conjunto de tradições, festas, brincadeiras, canções, e não apenas um misto de lendas e mitos. Para este trabalho, a espera é de que os estudantes surdos possam ter conhecimento, através das lendas em LIBRAS, que o Folclore existe, que sua data oficial é em 22 de agosto, mas que pode ser comemorado todos os dias ou meses.

Como justificativa para o tema, ao observar a dificuldade preexistente em ensinar Arte em escolas regulares e para estudantes surdos, no que diz respeito a conceitos importantes e contextualização sociocultural, bem como limitação e ineficiência em saber atribuir os conceitos da Arte para estudantes surdos, notou-se a viabilidade de elaborar uma pesquisa com ênfase na criação de metodologias e materiais didáticos que ajudem os professores e demais profissionais da educação, a oferecer um ensino eficaz e de qualidade, além de proporcionar, também, uma maneira prática e justa de avaliação individual dos estudantes de acordo com suas necessidades e progresso durante a aquisição de conhecimento.

Ao iniciar a pesquisa, fazendo leituras, criam-se algumas hipóteses. Como problema, nota-se que falta formação inicial e continuada dos profissionais da educação, a fim de que estejam melhor preparados para quando tiverem um estudante surdo, e de maneira alguma essa qualificação dos profissionais substituirá a função do interlocutor de LIBRAS.

Uma possível solução é ter mais formações, incluindo nas próprias universidades.

Em se tratando do folclore, é preciso incentivo para que o Folclore Brasileiro esteja mais visível e acessível para todos.

Assim como todos os trabalhos e pesquisas, este tem como objetivo geral estipular e evidenciar a relevância de se propor metodologias alternativas efetivas para o ensino de Arte e avaliações de aprendizagem voltadas à necessidade dos estudantes, principalmente os surdos.

E, Objetivos Específicos:

- ✓ Qualificar como o ensino de artes para estudantes surdos tem sido trabalhado em escolas inclusivas.
- ✓ Aplicar e avaliar práticas pedagógicas alternativas e individualizadas para o ensino de arte respeitando as necessidades de cada estudante surdo
- ✓ Criar um produto educacional, que serão lâminas de leitura adquiridas durante as aulas de Arte para estudantes surdos, a fim de que os auxilie e os estimulem na questão artística.

Nesta dissertação em cinco capítulos veremos:

Capítulo 01

Neste capítulo, veremos a compreensão do que é o componente curricular Arte, sua mudança de Educação Artística para Arte, bem como as suas linguagens artísticas. A trajetória das pessoas com deficiência, principalmente as com surdez, a legislação que regulamenta LIBRAS a lei 10.436/2002, reconhecida como meio de comunicação e expressão dos surdos no Brasil.

Capítulo 02

Para este capítulo, entenderemos como o ensino da Arte vem sendo aplicado atualmente, e como vem sendo o aproveitamento de estudantes surdos e suas produtividades em sala de aula, a legislação dos estudantes surdos para frequentar a escola regular, e como será posteriormente no mundo do trabalho. Análise de entrevistas de professores de Arte em relação a estudantes surdos.

Capítulo 03

A metodologia do trabalho, seu tipo de pesquisa, coleta de dados, e passo a passo da aplicação do produto educacional.

Capítulo 04

Resultados e discussões durante a pesquisa, apresentação das entrevistas e discussão das etapas da aplicação do produto.

Capítulo 05

Este capítulo aborda como é a didática do professor de Arte com o estudante surdo, entender um pouco mais do Folclore, a aplicação do produto educacional “Do Folclore” com o estudante de pesquisa, análise dos resultados da aplicação do produto, análise de uma entrevista com uma pessoa surda a respeito do seu ensino regular.

Capítulo 06

Este último capítulo se trata do Produto Educacional, que é uma exigência da Faculdade Ciências, do Câmpus Bauru, juntamente com a dissertação para obtenção do título de mestre, como foi confeccionado, imagens dos primeiros protótipos, a metodologia da aplicação do produto, bem como imagens de sua aplicação para a estudante.

E, por fim, as considerações finais da dissertação, levando em consideração as pesquisas, as entrevistas e o produto educacional.

1 O ENSINO DO COMPONENTE CURRICULAR ARTE NAS ESCOLAS, A LEGISLAÇÃO, E A FORMAÇÃO INTEGRAL/OMNILATERAL

“O ensino em arte amplia o repertório cultural do aluno a partir dos conhecimentos estéticos, artísticos e contextualizados, aproximando-o do universo cultural da humanidade nas suas diversas representações” (Cava, 2009, p4a).

Neste capítulo, será abordado o que é a Arte, bem como o componente curricular vem sendo aplicado nas escolas. Esta pesquisa foi abordada nas escolas públicas, mediante as autorizações, juntamente com alguns relatos de professores do componente curricular.

Um dos objetivos é entender que a nomenclatura (nome e conceito) mudou de Educação Artística para Artes, o porquê de ter ocorrido isso e suas diferenças, as linguagens artísticas e os tipos de arte.

Encontra-se, também, neste capítulo, a abordagem dos documentos do componente curricular e a legislação para alunos com deficiência, tendo como tema da pesquisa os alunos surdos e a formação omnilateral para esses estudantes.

1.1 O que é arte?

A arte é uma manifestação artística do ser humano, desde os tempos das cavernas, os famosos desenhos nas paredes das cavernas, conhecidos por Arte Rupestre [...] consideravam que as imagens tinham poderes mágicos, sobrenaturais, como de aprisionar a alma dos animais, garantindo a caça do dia seguinte (SESI-SP, 2016, p.18), os materiais para caça, para armazenamento de mantimentos, a expressão para comunicação, desde então a Arte está presente em nossa vida, como tudo ela também evoluiu e assumiu formas, e foi se classificando em diversos tipos, bem como serviu e serve a diversos propósitos.

“A arte existe porque a vida não basta”. (Gullar. Ferreira, 2010)¹,

¹ Nascido em 10 de setembro de 1930, em São Luís do Maranhão, José de Ribamar Ferreira. Com o pseudônimo de Ferreira Gullar, se tornaria um dos nomes mais relevantes da literatura brasileira do século 20, por seu trabalho como escritor, poeta, crítico de arte, tradutor, memorialista, teatrólogo e ensaísta. Disponível em <<https://institutoling.org.br/index.php/explore/entre-fases-e-historia-a-trajetoria-poetica-de-ferreira-gullar>>. Acesso em 25/06/2024.

'A arte existe porque a vida não basta', diz Ferreira Gullar em entrevista que completa 80 anos, fez um balanço irreverente de sua carreira ao Portal G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>>. Acesso em

A arte passou por vários momentos, alguns mais rápidos, outros processos mais lentos, passando por meios sociais, políticos, ideológicos e também tecnológicos.

Por meio das artes, é possível rever e reviver o mundo em seu contexto, viajar no tempo e alcançar um novo entendimento do passado, do presente e do futuro (SESI, 2016, p. 15).

Segundo Kanton (2013), também podemos dizer que arte é uma forma de conhecer o mundo, as culturas, a história e as civilizações.

Assim fizeram e fazem os artistas, retratam suas histórias do passado ou o que querem no futuro, muitos nem imaginaram que se imortalizariam através dela, a Arte.

Vale ressaltar que quando falamos em arte, não estamos apenas tratando das pinturas dos famosos.

O ser humano sempre procurou representar, por meio de imagens, a realidade em que vive – pessoas, animais, objetos e elementos da natureza etc. – e os seres que imagina – divindades, por exemplo. (Proença, 2005, p. 06)

Essa necessidade de socialização e acolhimento é própria dos seres humanos e demonstra não apenas a precisão e a vontade de expressão pelo visual, mas a pulsação para criação de formas que representem o mundo (SESI, 2016, p.15).

Segundo Aulete, arte tem por definição:

1. Capacidade e aptidão do ser humano de aplicar conhecimentos e habilidade na execução de uma ideia, de um pensamento; essa aplicação e essa execução: *Esse quadro revela toda a arte de da Vinci.* [Cf. *teoria, ciência.*]
2. Atividade criadora do espírito humano, sem objetivo prático, que busca representar as experiências coletivas ou individuais através de uma impressão estética, sensorial, emocional, como tal apreendida por seu apreciador [Designa esp. as belas-artes, contrapondo-se à ciência e à tecnologia. Cf. *estética.*]
3. Produto dessa atividade: *obras de arte.*
4. Conjunto de preceitos, regras, técnicas etc. indispensáveis à realização de qualquer atividade criadora, ofício etc; esses preceitos etc. aplicados a alguma atividade, algum ofício etc.: *arte de pintar: arte da ourivesaria.*
5. Cada campo específico dessa atividade e de seu produto, de acordo com o tipo de expressão estética e sensorial, os meios de realizá-la etc.: *a arte da música, da poesia, da escultura etc.*
6. Conjunto das obras de arte de um povo, país, época, artista etc. (*arte brasileira; arte clássica*): *exposição da arte de Rodin*
7. Obra, tratado que contém os preceitos e as regras de alguma arte (5): *Arte Poética, de Aristóteles [...]*

Já Barsa (2012, p.548) define arte como:

Substantivo feminino 1. Conjunto de preceitos e regras para fazer bem qualquer coisa. 2. Perícia com que se faz algo, dom, habilidade. 3. Atividade criadora que expressa, de forma estética, sensações ou ideias. 4. A capacidade criadora do artista de expressar tais sensações ou ideias. 5. O conjunto das obras de arte de uma época, de um país, de uma escola. 6. Ofício, profissão. 7. Artifício, artimanha. 8. Travessura, traquinice. 9. As artes plásticas.

Como podemos analisar, os dois dicionários definem a arte da mesma forma, ou seja, que a arte é a capacidade criadora do ser humano, um dom de cada pessoa, ressaltando que os dicionários não mostram quais são essas habilidades das pessoas, cada ser humano sabe a sua melhor maneira de fazer arte, sua habilidade, tal como compor, interpretar ou tocar músicas, escrever, falar, desenhar e por tantas outras formas.

Derdik (p.12, 1989), relata que todas as pessoas são inatamente criadoras, independentemente de formação cultural, de sua atividade, origem racial ou de lugar. “Pensamos que o criar, tal como o viver, é um processo existencial”

Porém, como já sabemos, a arte vai além dessa definição, principalmente com a Teoria do Belo, o que é beleza para uns, para outros não, o que alguns podem considerar obra de arte, outros já não conseguem ver da mesma forma. A Arte vai além, é expressão, é emoção, razão, os sentimentos humanos... que está presente em várias formas, mesmo não a enxergando.

Após muitos debates e manifestações de educadores, a legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica. (Brasil, 1998, p.19)

Ao considerarmos o documento mais atual, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos mostra que as entrevistas cedidas para a realização deste trabalho estão de acordo com o pensamento sobre a Arte ser reconhecida como expressão: “A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte”. (Brasil, 2018, p. 193)

Muitos sabem que, por muitos anos, esse componente curricular denominava-se Educação Artística.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional², a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento. (Brasil,1998, p. 26)

A Educação Artística é a transmissão de conhecimento que coloca o indivíduo em contato com a arte. Oferece, assim, condições para que se possa interpretar, interagir e produzir arte e se inserir socialmente de maneira mais ampla. Tal transmissão pode ser feita através do ensino regular, ou seja, em sala de aula ou pela comunicação em massa.

Em relação ao que é arte, já abordado no início do capítulo, mas para poder diferenciar Arte³ de Educação Artística de uma forma mais objetiva, define-se arte como aquilo que produzimos (um desenho utilizando parafusos, uma HQ, um quadro...), e educação artística é aquilo que é ensinado, uma transmissão de conhecimento (exemplos: conceitos, técnicas, a concepção das cores). Um fato importante é que todo e qualquer ser humano é capaz de fazer Arte, desde crianças até nossa fase mais experiente. As crianças de hoje fazem suas obras de arte, e não precisaram frequentar aulas de Educação Artística.

Para fazer arte basta apenas usar a criatividade e ser o autor da obra, ser o artista, todos podemos ser, segundo Villela (2008, p.4):

O que nos impede de exercer o nosso desejo criativo? De um ponto de vista psicológico, é a concepção de que somos um ser acabado, estável, agarrado a uma ideia de “eu”, tal como uma tábua de salvação no meio do mar. Para a sociologia, trata-se do processo de “estranhamento” imposto pela sociedade e que se reflete, em termos educacionais, em uma formação unilateral, ao invés de uma formação completa, isto é, “omnilateral”.

Ou seja, o poder da criatividade só depende de cada um, já que a arte tem o seu papel cultural, expressando o seu ponto de vista ou mudando nossa maneira de ver. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural. (Iavelberg, 2003, p. 09).

Iavelberg (2003, p.10), diz que “o papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida.”

² Em 1971, a lei 5692/71 não é uma nova LDB, mas que diz respeito a reforma do antigo ensino de 1º e 2º graus.

³ Quando escrito Arte com letra maiúscula trata-se do componente curricular, por algumas pessoas conhecida como disciplina ou matéria.

É importante evidenciar que a palavra arte (em minúsculo) se refere a obras de arte, o estado da arte, que pode ser uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio, e que Arte (em maiúsculo) é o nome que se atribui a um componente curricular, conhecido também pelo termo disciplina curricular.

De maneira geral, entre os anos 70 e 80, os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino médio) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em Arte. (Brasil, 1997, p. 24)

As quatro linguagens são referentes a: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 193):

Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.

A BNCC ainda reforça que é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance.

A arte está inserida em muitos contextos dentro e fora da escola.

Então, nesse modo, espera-se que o componente curricular Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens (das quatro linguagens e outros componentes da área de linguagens) – e no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento –, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas. (Brasil, 2018, p. 205)

O PCN de Arte mostra qual a importância do estudo do componente curricular, explicitando:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas

por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.
(Brasil, 1997, p.15)

A arte nos deixa sensíveis a críticas e respeito com a análise das obras, em diferentes contextos e tipos, já que hoje a arte se expandiu de grande forma, ou seja, abandonamos a ideia daquela arte grega ou romana, com as suas perfeições. A arte nos mostra que o mundo é repleto dela, e cada região, cada país com a sua, a arte na escola mostra aos alunos o respeito pela cultura e expressão do próximo, é muito comum encontrarmos alunos que dizem “eu não gosto de arte!” mas aquele aluno sempre vai achar algo bonito, seja em uma cultura regional, de país, até mesmo no futebol. Essa é a forma de reconhecer a arte “Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas.” (Brasil, 1997, p. 19).

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (Brasil, 1997, p.19)

O documento do PCN de 1997 menciona que a arte também está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades; o conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos. O que nos remete à descrição dos dicionários citados anteriormente.

A arte, assim como a ciência e a filosofia, constitui uma das esferas da produção não material, cujas relações com as necessidades humanas não se caracterizam por uma linearidade do tipo: necessidade – produção do objeto que satisfaz essa necessidade. O objeto artístico é igualmente um produtor de necessidades que pode impulsionar o indivíduo para além das fronteiras delineadas pela vida cotidiana.
(Assumpção, 2017, p. 171)

A arte é uma ciência, é uma filosofia, é a realidade vivida do ser humano, é a criatividade que nos move todos os dias, a criatividade nos impulsiona seja para o nosso trabalho, seja por prazer, seja uma necessidade, mas ela está presente e é necessária.

Assumpção (2017, p.172) retrata a arte autêntica, entretanto, elabora os problemas humanos de uma maneira própria, que não é aquela da cotidianidade, não tendo por objetivo produzir resultados imediatos. Mas, ao alcançar resoluções

propriamente estéticas para as grandes questões humanas, a arte acaba por enriquecer o mundo humano, agindo indiretamente sobre as questões cotidianas.

Tanto na disciplina Educação Artística como no componente curricular Arte, são abordadas as quatro linguagens artísticas: artes visuais, teatro, dança e música. Através das linguagens artísticas nos tornamos mais harmoniosos e críticos, aguçando assim todos os nossos sentidos.

As linguagens artísticas são as diferentes formas que podemos nos expressar, por meio da arte, elas podem ampliar o potencial comunicativo. Ao certo não sabemos qual linguagem foi criada pelo homem, mas sabemos por meio de toda história que a arte é primeira linguagem, a primeira forma de nos expressarmos. A linguagem é algo que foi criada para nossa comunicação efetiva com suas dimensões, cognitiva e afetiva.

“O ser humano sempre organizou e classificou os fenômenos da natureza, o ciclo das estações, os astros no céu, as diferentes plantas e animais, as relações sociais, políticas e econômicas, para compreender seu lugar no universo, buscando a significação da vida.” (Brasil, 1997, p.26)

E até hoje o ser humano gosta de classificar e organizar as coisas, assim fizeram e fazem com a arte, como Artes Plásticas, que são as pinturas, esculturas, a fotografia, o registro, o artesanato, a habilidade de manusear instrumentos e deles criar objetos, seja para enfeites ou utilidades domésticas, assim o homem classificou as várias formas de arte e seus estilos. Sendo assim, é desejável que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada. (Brasil, 1997, p. 41)

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance). (Brasil, 1997, p.45)

Pela BNCC,

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos

tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. (Brasil, p.195, 2017)

O documento de 1997, trata-se do PCN de Arte, e o documento de 2017, a atual BNCC, mostram que as linguagens artísticas, além de serem divididas em quatro, ainda se subdividem em estilos.

Em Artes Visuais (ressaltando que Artes Visuais é uma linguagem artística) podemos citar: Escultura, Desenho, Grafite, Pintura, História em Quadrinhos (HQ), Moda, Bordado, Arquitetura, Maquiagem, Arte Circense, Restauração, Design, Cinema, Games, entre tantos outros estilos e modos, a linguagem das Artes Visuais⁴, é uma linguagem muito ampla.

A arte da dança faz parte das culturas humanas e sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer. Os povos sempre privilegiaram a dança, sendo esta um bem cultural e uma atividade inerente à natureza do homem. (Brasil, p. 49, 1997)

Na BNCC,

A Dança se constitui como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicados no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, discutindo e significando relações entre corporeidade e produção estética. (Brasil, p.195, 2017)

Assim como as Artes Visuais, a linguagem da Dança também se divide em outros estilos, alguns para serem citados são: Frevo, Maracatu, Samba, Pagode, Forró, Brega, Salsa, Capoeira, Salão, Funk, K-Pop, e muitos outros.

A música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente as referências musicais das sociedades pela possibilidade de uma escuta simultânea de toda produção mundial por meio de discos, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade etc. (Brasil, p. 53, 1997)

A BNCC, mostra a linguagem da música

A Música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da

⁴ A acessibilidade a pessoas com deficiência visual para a linguagem artística Artes Visuais, se dá através de meio táteis, quando não há essa possibilidade, bem como em museus, essa acessibilidade se dá por meio de áudio descrição.

sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio das culturas no mundo. (Brasil, p.196, 2017)

Essa linguagem também se divide em estilos, como: Ópera, Clássica, Barroca, Tecno, Sertanejo, MPB, Country, alguns até parecidos com a linguagem da Dança: Pagode, Samba, Tango, Funk, entre mais.

Por fim, sobre a última linguagem, o Teatro.

A arte tem sido proposta como instrumento fundamental de educação, ocupando historicamente papéis diversos, desde os grandes filósofos, Platão considerava a arte como base de toda a educação natural. O teatro, como arte, foi formalizado pelos gregos, passando dos rituais primitivos das concepções religiosas que eram simbolizadas, para o espaço cênico organizado, como demonstração de cultura e conhecimento. É, por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação. (Brasil, p. 57, 1997)

Com relação a essa linguagem, a BNCC indica que:

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuentes e espectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção. (Brasil, p.196, 2017)

Esta última linguagem também apresenta estilos, como nas demais, Comédia e Drama (os mais antigos estilos), Sombra, Marionete, Stand-Up (estilo mais moderno, em que o ator ou atriz faz sátiras sobre a própria vida, cotidiano, ou até mesmo acontecimentos no mundo).

E a arte se mistura, se complementa, se transforma, uma linguagem pode estar acrescida de outra, ou até mesmo de outras, assim fica conhecida como Linguagem Híbrida, no caso de uma ópera, é necessário todo um figurino, todo um preparo vocal para cantar, para chegar à afinação correta, os movimentos da coreografia, assim, esse estilo precisa de todas as outras linguagens para complementá-la.

O ensino de Arte é a área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno (Brasil, 1997, p.37). Ou seja, gostar de Arte é uma coisa comum, mas para lecionar o componente curricular, é necessária a graduação para tal.

Em síntese, o componente curricular Arte articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico, social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação como cidadão no mundo. (Brasil, p. 196, 2017)

Para concluir, vemos que a arte é um leque de possibilidades, meios, expressões, onde todos podem achar uma parte para se encaixar e deixar fluir, a arte não escolhe quem, sexo, idade, ela simplesmente nos dá esse presente para utilizarmos da forma que conseguimos nos expressar.

1.2 A legislação para o estudante com necessidades educacionais especiais

Há muito se sabe os inúmeros laudos⁵ a respeito das necessidades educacionais especiais, e com o avanço do tempo, vamos entendendo e, cada vez mais, podendo ajudar com materiais, meios de comunicação, a educação escolar, o convívio com o próximo. Atualmente, já vemos que esse preconceito diminuiu muito em relação às pessoas com deficiência.

Tal diminuição se dá por conta de convívio com esses sujeitos, sendo em ambientes escolares ou ambientes profissionais, juntamente com as legislações vigentes, mostrando que são seres humanos como tantos outros, isso porque a exclusão social/escolar são problemas não apenas de ordem pedagógica, mas também de ordem econômica, política, social e cultural (Spozatti, 1996, p.55).

Neste subitem, a tratativa vigente será em ambiente escolar.

A legislação contida na Constituição Federal do Brasil de 1988 (artigo 208) juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996), reforça que o atendimento às pessoas com deficiência deve ser dado, preferencialmente, na rede regular de ensino, acredita-se que desta forma a educação seja a mais integrada

⁵ Atualmente as escolas são inclusivas, para que esses estudantes com necessidades educacionais especiais frequentem uma escola regular, são necessários laudos médicos, tais como para TEAs, cadeirantes, cegos, surdos, entre outra deficiência, para que a escola possa estar adaptada ou fazer suas devidas adaptações, e formação com seus profissionais.

possível e reduziria a exclusão generalizada dos sujeitos com necessidades educacionais especiais.

Para entendermos melhor o artigo 208 da CF 88, é necessário entender primeiramente os artigos 205 e 206, inciso I, que preconizam:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Analisando o artigo 205, não vemos uma exclusividade no direito de quem estuda, o artigo deixa claro que a educação, principalmente a básica, é um direito de todos, isso inclui os alunos com necessidades educacionais específicas, e o inciso I do artigo 206, deixa claro que as escolas devem estar preparadas para todos os estudantes, preparadas tanto no espaço físico (tais como largura de porta, rampas de acesso, banheiros adaptados, entre outros, materiais, capacitação de profissionais (desde o quadro do magistério até o quadro de servidores), porém sabemos que grande parte das escolas não está preparada para receber os estudantes com deficiência, principalmente a questão da formação dos profissionais.

Ademais, de acordo com Veiga (2005. p. 59) não basta pregar o acolhimento às diferenças e de uma escola para todos, a recomendação é que estejamos dispostos a fazer um acolhimento crítico; capaz de transformar a escola em “um ambiente de tradução entre experiências culturais e formas de vida diferentes”.

O artigo 208 da CF 88, reforça sobre a inclusão:

Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Necessariamente a rede pública não é a única destinada a educar os alunos com deficiência, como diz o artigo 208 - inciso III, ele usa o termo “preferencialmente” e não “exclusivamente” da rede pública, ou seja, a rede particular também pode receber um estudante com deficiência, porém na pesquisa apresentada, a tratativa será apenas para a rede pública de educação básica.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (Lei nº 9394/96), prescreve que as crianças portadoras de necessidades educacionais especiais devem ter sua escolaridade atendida, fundamentalmente, pela escola regular, de modo a promover sua integração/inclusão.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, em seus artigos 53 e 58, mostra o quanto o papel da escola é importante para a educação dos estudantes com deficiência: “Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com necessidades especiais.”

Capítulo IV Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer
Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho assegurando-lhes:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Podemos observar que estes artigos ainda complementam sobre ser “preferencialmente” na rede regular de acordo com o artigo 208 da CF 88, do mesmo modo que o artigo 59, incisos I ao V, dão continuidade aos direitos desses alunos:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

O inciso II menciona a terminalidade para os alunos que não conseguem atingir o nível exigido, mas muitas escolas não se preocupam com o fato de esses estudantes não aprenderem e, por conta da burocrática documentação, preferem que estes estudantes prossigam para os anos estudantis seguintes, ou simplesmente querem se livrar do aluno e dar sua terminalidade, por conta de não ter profissionais do quadro de magistério com a capacitação apropriada, como cita o inciso III, ainda da LDB.

Parágrafo único. O poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

A CF 88, juntamente com a LDB, mostra que estão aptas para seguir a Declaração de Salamanca de 1994, que prevê os direitos estudantis dos alunos com necessidades educacionais especiais, seja qual for o laudo.

- [...] toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas;
- sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades;
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades.

O Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008, que aprovou o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007, estabelece algumas normas a respeito do reconhecimento e da discriminação de pessoas com deficiência, como item principal:

- a) Relembrando os princípios consagrados na Carta das Nações Unidas, que reconhecem a dignidade e o valor inerentes e os direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana como o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,
- “c) Reafirmando a universalidade, a indivisibilidade, a interdependência e a inter-relação de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, bem como a necessidade de garantir que todas as pessoas com deficiência os exerçam plenamente, sem discriminação;”

Todo, e qualquer ser humano tem o direito de sua independência, bem como o estudo e acesso a trabalho de igual para igual.

- e) Reconhecendo que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;

Como já mencionado, a cada ano passamos por descobertas novas e novos laudos, com o avanço dos estudos, hoje conseguimos com mais facilidade chegar ao ponto para ajudar as pessoas com deficiência a serem mais independentes, e ter sua vida comum como todos os outros.

- i) Reconhecendo ainda a diversidade das pessoas com deficiência,
- j) Reconhecendo a necessidade de promover e proteger os direitos humanos de todas as pessoas com deficiência, inclusive daquelas que requerem maior apoio,

l) Reconhecendo a importância da cooperação internacional para melhorar as condições de vida das pessoas com deficiência em todos os países, particularmente naqueles em desenvolvimento,

Todas as pessoas com deficiência devem ser contempladas com os seus direitos civis, o decreto citado acima relata que são pessoas que podem e devem usufruir dos seus direitos e deveres como qualquer cidadão, independentemente do país que essa pessoa residir.

O Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008, tem como real objetivo:

Artigo 1 Propósito

O propósito da presente Convenção é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente. Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

E,

Artigo 3 Princípios gerais

Os princípios da presente Convenção são:

- a) O respeito pela dignidade inerente, a autonomia individual, inclusive a liberdade de fazer as próprias escolhas, e a independência das pessoas.
- b) A não-discriminação;
- c) A plena e efetiva participação e inclusão na sociedade;
- d) O respeito pela diferença e pela aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e da humanidade;
- e) A igualdade de oportunidades;
- f) A acessibilidade;
- g) A igualdade entre o homem e a mulher;
- h) O respeito pelo desenvolvimento das capacidades das crianças com deficiência e pelo direito das crianças com deficiência de preservar sua identidade.

Perante esse artigo, é notável o quanto ainda são desconhecidos os direitos das pessoas com deficiência, e o quanto essas pessoas são consideradas como seres incapazes, tendo muito ainda que se conquistar, principalmente o seu espaço na sociedade.

A presente pesquisa é focada nos estudantes com surdez, mas é necessário entender o que as leis preconizam como direito e dever desses estudantes.

1.3 Deficiência, surdez, LIBRAS e a legislação

A língua de sinais já era utilizada desde os homens primitivos para facilitar a comunicação. Nos primórdios ainda não se sabia utilizar a fala e a formação de palavras; após civilizações já construídas, em eras gregas onde o padrão era a perfeição, pessoas com deficiência eram vistas como incapacitadas, sem liberdade

para cuidarem de suas vidas, sendo levadas, muitas vezes, ao abandono, eliminação ou sacrifício.

A terminologia entre deficiente auditivo e surdo pode variar entre indivíduos e comunidades, bem como as suas preferências, mas é importante respeitar as autoidentificações.

Para entender um pouco melhor a diferença dessas nomenclaturas, segue a tabela abaixo:

Quadro 01 – Diferenças: Deficiente Auditivo e Surdo

Deficiente Auditivo	Surdo
Refere-se à pessoa que tem algum grau de perda auditiva ⁶ , que pode variar de leve a moderada. ⁷	Refere-se à pessoa que tem perda auditiva profunda ou total.
Pode usar aparelhos auditivos (AASI) para melhorar sua capacidade de ouvir e entender sons.	A perda auditiva é tão significativa que, mesmo com amplificação, a pessoa não consegue ouvir nenhum tipo de som ou entender a fala claramente.
Frequentemente, ainda consegue entender a fala, especialmente com a ajuda de dispositivos de amplificação ou em ambientes silenciosos.	Muitos surdos se identificam com a cultura surda e usam a Língua de Sinais como seu principal meio de comunicação.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de Zanata (2004)

Pela religião a deficiência era vista como um castigo dos deuses, não tendo essas pessoas um atendimento educacional ou até mesmo social, muitas vezes nem sendo considerado um membro familiar.

“Se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns para os outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas, empenhar-nos em indicar o significado pelas mãos, pela cabeça e por outras partes do corpo?” – Sócrates 470- 399 a.C.

Conforme este questionamento, entende-se que o filósofo era a favor de pessoas com deficiência serem educadas e inseridas no meio da cidadania, ele os reconhecia como seres humanos, diferente de Platão (384-322 a.C.), cuja filosofia era de que o pensamento era impossível sem a palavra.

⁶ Vide Quadro 02

⁷ Decreto 5626/05 - Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Sêneca faz uma referência hostil para aqueles que nasciam com deficiência:

Matam-se cães quando estão com raiva; exterminam-se touros bravios; cortam-se cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas; matamos os fetos recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos e monstruosos afogamo-os, não devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis. (Sêneca apud Silva, 1986, p.129)

Na Antiguidade, pessoas com deficiência sofreram os horrores da época, Berthier, relata:

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: "A infeliz criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar. (Berthier, 1984, p.165)

Ainda sobre os horrores e preconceitos, em Roma, aqueles que nasciam surdos eram privados dos seus direitos legais, também não podiam participar de testamentos. Influência da Grécia, viam os surdos como seres imperfeitos, então era comum lançar crianças surdas (especialmente as pobres) ao rio Tibre, para que fossem cuidadas pelas ninfas. (Guarinello, 2007)

Carvalho (2007) diz que os surdos eram vistos e tratados diferenciadamente já nas primeiras civilizações do mundo. No Egito eram considerados pessoas adoradas que podiam dominar a resistência de se comunicar com os deuses.

Segundo Andrade, Maffei (2012, p. 17), nessa mesma época na Roma e Grécia, com suas limitações, pessoas com deficiência eram vistas pela Igreja Católica como seres com "almas imortais", pois não conseguiam verbalizar os sacramentos nem ao menos se confessarem.

A deficiência por muitos era analisada como meio de ganhar dinheiro, tal forma era denominado freakshow, em tradução literal: show de horrores ou show de aberrações, os surdos muitas vezes eram deixados em portas de castelos, e criados para serem os bobos da corte, para alegrar a majestade, principalmente no momento histórico denominado como Idade Média, ou Idade das Trevas.

Apesar das pessoas serem movidas pela fé, quando era constatada alguma deficiência, essas crianças também eram abandonadas em portas de conventos ou seminários. São Paulo Apóstolo, por sua vez, também negou o direito às pessoas com deficiência, mais especificamente aos surdos: "a fé deriva da pregação e a pregação é o anúncio da palavra" (Epístola aos Romanos 10,17).

Os surdos só conseguiam respeito social ou jurídico se usassem a fala, e o casamento somente era permitido através da autorização do maior representante da Igreja, no caso o papa (Andrade, Maffei, 2012 p. 18). Essas pessoas então viviam em isolamento nesse período, pois não tinham como ser ensinadas, e não conseguiam a comunicação. O primeiro a ensinar um surdo a falar foi John Beverley, o único registro da época, por volta de 700 d.C, ainda na Idade Média.

Partindo da Antiguidade e Idade Média, chegando à Idade Moderna, por volta do século XVI, a deficiência passou a ser “curada” através de alquimia, astrologia, magia e até mesmo alguns métodos da medicina. Acabam então surgindo os hospitais psiquiátricos e os asilos, com o objetivo de mais exclusão que tratamento. Segundo Aranha (2001), “tais instituições eram pouco mais do que prisões”.

Somente nos séculos XVII e XVIII, é que os hospitais começaram a ter um melhor assistencialismo para as pessoas com deficiência, mutilados em combates de guerras, cegos e surdos, bem como interesse de alguns educadores e médicos, para que as pessoas com deficiência pudessem ter acesso à vida acadêmica e claramente se comunicar. (Andrade, Maffei, 2012 p.18)

Uma das primeiras possibilidades de instruir os surdos por meio da língua de sinais e da linguagem oral foi feita por Bartolo della Marca d’Ancona (1314-1357), escritor do século XIV. (Guarinello, 2007, p.20)

No Congresso de Veneza, 1872, uma decisão drástica vem à tona, para comunicação humana e o pensamento, somente por língua oral, orientando assim os surdos a fazerem leitura labial.

Em 1880, no Congresso de Milão, vários presentes tinham a influência de Alexandre Graham Bell, este defendia que somente a oralização era a forma de comunicação, assim o congresso teve o impacto e a defesa de Bell, proibindo a sinalização para pessoas surdas, assim sendo obrigatória a língua falada às pessoas com surdez.

De tempos em tempos, a língua de sinais passou por períodos críticos, ora era permitida, ora não mais. A oralização (a fala) era o método de comunicação mais permitido, até por vezes pessoas com surdez eram amarradas nas cadeiras para assim não sinalizar mais, e sim usar a fala para pronunciar o que desejavam.

Para Gesser (2009, p. 76,77), o surdo pode desenvolver suas habilidades linguísticas e cognitivas, se assegurado o uso da língua de sinais, a surdez não compromete, e sim a falta de uma comunicação, o acesso à língua, ausência que pode ter consequências gravíssimas, como tornar o indivíduo solitário, e comprometer

as suas capacidades mentais, pois através da língua nos constituímos como seres humanos, comunicando com os nossos semelhantes, construindo nossas identidades, compartilhando informações para compreender o mundo que nos cerca.

O médico Girolano Cardano afirma que os surdos podem ser ensinados, e passa a se interessar por surdez, já que seu filho mais velho tinha surdez. O monge espanhol Pedro Ponce de Leon começa um trabalho educacional com os surdos de elites, seu objetivo era “[...] ensinar a falar, escrever, ler, fazer contas, orar e confessar pelas palavras, a fim de ser reconhecidos como pessoas nos termos da lei e herdar seus títulos[...]” (Guarinello, 2007, p.21)

Ainda no ano de 1815, Thomas Hopkins Gallaudet, educador americano e pioneiro na educação de surdos, vai para a Europa com o objetivo de conhecer novos métodos para a educação de surdos. Em 1816, ano seguinte, volta para os Estados Unidos, com Laurent Clerc, um dos primeiros professores surdos, este iria auxiliar na fundação de uma escola.

Para a história dos surdos, um dos maiores educadores foi Charles Michel de L'Épée, que funda em Paris, a primeira escola para surdos, pública, com objetivo de que esses alunos pudessem aprender a ler e escrever, já que o interesse da Igreja ainda era as orações e as confissões para reconhecimento de almas imortais.

L'Épée teve como missão substituir seu professor, falecido, que lecionava para duas irmãs gêmeas, ainda na fase de crianças, L'Épée, observava a comunicação gestual entre as duas, e buscou a realização do ensino para elas, sinalizava com uma das mãos e escrevia em seu quadro com a outra.

A França é o país que registra a língua de sinais e se torna influência, que foi fundamental no Brasil. Sua língua é a LSF (Langue Des Signes Française ou Língua de Sinais Francesa), assim fica evidente que a língua de sinais não é universal, cada país tem a sua própria, ressaltando que pode ter muitas coincidências entre os sinais, mas cada país com a sua língua de sinais. Os Estados Unidos contam com a ASL (American Sign Language ou Língua de Sinais Americana); em Portugal, a LGP (Língua Gestual Portuguesa); LAS (Língua Angolana de Sinais).

Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (Strobel, 2009, p.29).

A LSF foi a base para a construção da LIBRAS, sigla para Língua Brasileira de Sinais, o que muitas pessoas acreditavam é que o alfabeto manual já era a própria língua, porém este tem a função apenas para soletração, uso de siglas. (Santos, 2007)

Durante a Segunda Guerra, em 1945, o governo nazista perseguiu os surdos e instituiu a chamada “Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias”, principalmente os que eram judeus, praticando o seu extermínio. A Lei autorizava a esterilização compulsória de quem sofria de doenças hereditárias que pudessem acarretar sérias deficiência físicas ou mentais⁸, praticavam o aborto de bebês com surdez, as crianças eram encaminhadas a centros especializados, seus pais acreditavam que estavam as enviando para a cura da surdez, com a autorização do então líder nazista da época, Hitler, e eram encaminhadas para a câmara de gás, depois seus órgãos eram retirados para experiências, tal decretava que as deficiência seriam:

§2º Para os fins desta lei, qualquer pessoa que sofre de uma das seguintes doenças deve ser considerada como doente hereditário:

- I – Debilidade mental congênita;
- II – Esquizofrenia;
- III – Desordem circular (maníaco-depressiva);
- IV – Perda dos sentidos hereditária (epilepsia);
- V – Coreia Hereditária (Doença de Huntington);
- VI – Cegueira hereditária;
- VII – Surdez hereditária;
- VIII – Deformação corporal hereditária significativa.

⁸ TERMO CORRETO: **deficiência intelectual** (sem especificar nível de comprometimento). A partir da Declaração de Montreal sobre Deficiência Intelectual, aprovada em 6/10/04 pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004), em conjunto com a Organização Pan- Americana de Saúde (Opas), o termo “deficiência mental” passou a ser “deficiência intelectual”. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao#:~:text=A%20partir%20da%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20de,a%20ser%20%E2%80%9Cdefici%C3%Aancia%20intelectual%E2%80%9D>. Acesso em 23/09/2024.

Figura 1. Reichsgesetzblatt (1933): Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias.



Fonte: Domínio Público.

[...]“executadas em meio ao silêncio e à passividade geral da sociedade” (Albuquerque 2008, p.02), retrata o autor pelas 70 mil mortes de pessoas com deficiência, embora o líder nazista interrompe a perseguição e morte para a câmara de gás, porém até o final da Segunda Guerra Mundial, 275 mil pessoas com deficiência foram assassinadas.

Como identificação de pessoas com deficiência, os nazistas amarravam faixas azuis nos braços, a comunidade surda escolheu então a cor azul turquesa para representar a luta por esses anos sofridos e desumanos, no Brasil, conhecido como Setembro Azul (2011), mantendo viva a memória daqueles que sofreram as consequências apenas por existir.

Em 1951, em Roma, nota-se a necessidade de organizar a educação e rumo da comunicação para as pessoas com surdez, em contrapartida funda-se a Federação Mundial de Surdos (WFD), com alguns estudos já avançados, a expressão Comunicação Total, criada por Roy Holcomb, não traz esses estudos como um método, mas associação da oralidade e sinais.

No Brasil, a história se inicia em 26 de setembro de 1857, com a criação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (termo que hoje não se utiliza mais, surdo-mudo), durante o império de Dom Pedro II, com a presença de Hernest Huet, professor, que também era surdo. Nesse instituto eram aceitos surdos de todas as localidades do país, desde que fossem do sexo masculino, muitos até abandonados por suas famílias. No início, começa-se com a língua de sinais, anos mais tarde, o instituto

passa a utilizar o método da oralidade. O instituto existe até os dias de hoje, com o nome INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, sediada no Rio de Janeiro – RJ.

Figura 2 – Logo Instituto



Fonte: Gov.br

Figura 3 – Fachada INES



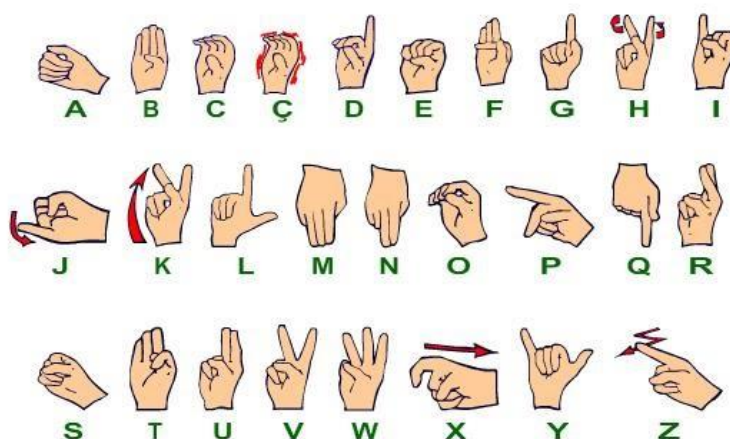
Fonte: Facebook Oficial

(...) graças aos esforços de Ernest Huet, um professor surdo francês, foi inaugurado no Rio de Janeiro o primeiro Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Huet utilizava a língua de sinais e oferecia aos surdos um programa educacional (GUARINELLO, 2007. p.33-34)

O alfabeto manual, ou alfabeto dactilológico, é um conjunto de 27 sinais para representação de cada letra, nesse conjunto inclui-se o “Ç”. Essas representações também são chamadas de configuração de mãos. O alfabeto também não é universal.

Figura 4 – Alfabeto Dactilológico de LIBRAS

ALFABETO DE LIBRAS



Fonte: Site Acessibilidade em Mãos

A LIBRAS é a Língua Brasileira de Sinais, meio de comunicação e expressão utilizado pelos surdos do Brasil, disposta na lei nº 10.436, como segue:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

O artigo primeiro desta lei reconhece a LIBRAS como uma língua de sinais para as pessoas com surdez:

“Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.”

A lei citada acima, em seu artigo 4º prescreve que:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino de Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente. (Brasil, 2002)

Existem vários documentos mundiais que tratam da importância da língua de sinais como comunicação para os surdos, uma supracitada é a Declaração de Salamanca, de 1994 “[...]importância da língua gestual como meio de comunicação entre os surdos [...] deverá ser reconhecida e garantir-se-á que os surdos tenham acesso à educação na língua gestual de seu país.”

Em 2011, o INES passou a realizar o Programa Nacional para Certificação de Proficiência em Libras e para Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras/Língua Portuguesa (PROLIBRAS), em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). (INES, 2011)

A luta para que a lei fosse reconhecida realmente foi grande, levou um longo período. Só foi reconhecida no ano de 2002, sendo que muitos alunos surdos frequentaram as escolas públicas e privadas por longos anos, sem esse direito garantido.

Figura 05 – Ícone de Acessibilidade em LIBRAS



Fonte: Portal Gov.br

No Brasil, existem várias línguas de sinais utilizadas nas comunidades indígenas, como exemplo a Língua de Sinais Kaapor Brasileira ou Língua de Sinais Urubu-Ka'apor, utilizada pelos indígenas Ka'apor, um pouco menos conhecida, mas necessária ser um foco ainda.

O Decreto nº 5.626/2005 Regulamenta a lei nº 10.436/02 e obriga todas as instituições de ensino superior a adicionarem a LIBRAS como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia.

Como reflexão, vemos que o curso que mais era necessário ser obrigatória a oferta da LIBRAS, o curso de Fonoaudiologia, passa a ter a obrigatoriedade apenas em meados dos anos 2005. Para essa menção, é notável que alguns cursos ainda necessitam de a LIBRAS estar na grade curricular da graduação, porém ainda não está, tal como o curso de Psicologia, muitos surdos necessitam do atendimento psicológico, até mesmo os cursos de Medicina e Enfermagem, em um mal súbito, emergência de um surdo precisar ir ao hospital, raramente encontra-se um intérprete

disponível, o que dificulta a comunicação e o atendimento. Os surdos são acompanhados de Tradutores/Intérpretes de Sinais, estes devem ser extremamente éticos em suas funções para a transmissão das mensagens.

A lei nº 10.436/02 oficializa também a LIBRAS como língua materna dos surdos e sua segunda língua o Português, escrito ou oralizado, também estabelece que as instituições, sejam de cunhos educativos ou não, devem oferecer a inclusão.

No dia 9 de setembro de 2009, de 26 estados brasileiros, em 25 estados aconteceu o Seminário Nacional em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos.

E, apenas no ano de 2010, o Brasil reconhece a profissão de tradutor/intérprete de LIBRAS (na sigla reconhecidos como TILS), pela lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 3º (VETADO)

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:
I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Até então, de acordo com esta lei, era necessário ter um curso de capacitação, ou Exame de Proficiência ProLibras.

Art. 5º Até o dia 22 de dezembro de 2015, a União, diretamente ou por intermédio de credenciadas, promoverá, anualmente, exame nacional de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Para o exame do ProLIBRAS, poderiam se inscrever pessoas surdas ou ouvintes, desde que o ensino médio fosse concluído. Seu objetivo era avaliar o entendimento das pessoas para a comunicação de sinais, realizada em duas etapas: a primeira era uma prova objetiva; a segunda, perguntas específicas em sinais, e as respostas também deveriam ser na língua de sinais, ambas as fases eliminatórias. O exame foi extinto por volta dos anos de 2015 e 2016. Para que as pessoas possam

ter a certificação e continuar a trabalhar com LIBRAS, em 2006 foi criado o curso/licenciatura Letras LIBRAS.

Define-se por deficiência auditiva a perda parcial ou a capacidade total em ouvir sons, geralmente ocorre por conta de causa genética. Já a surdez, “consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição.” (MEC, 2006)

A surdez pode ser classificada em dois tipos: a congênita - aquela que o indivíduo nasce com ela - geralmente por alguma doença durante a gestação, como caxumba, rubéola, sífilis, entre outras, e a surdez adquirida - aquela que o indivíduo vai perdendo a sua audição, por alergia de um remédio, sons muito altos, até mesmo por conta da idade.

Considerando uma audição saudável, normal, medindo abaixo de 25dB (decibéis), ainda existem graus, constantes na tabela abaixo.

Quadro 2 – Graus de Surdez

Leve	Acima de 25dB, abaixo de 40dB, a pessoa ouve bem, mas com alguma dificuldade, geralmente não percebe ruídos
Moderada	Acima de 41dB, abaixo de 70dB. A pessoa, ouve bem, mas tem melhor compreensão se estiver vendo quem está falando.
Severa	Acima de 71dB, abaixo de 90dB. Geralmente a fala é percebida, desde que a tonalidade da voz seja mais alta.
Profunda	Acima de 91dB, abaixo de 100dB. A fala não é percebida, porém ruídos altos são perceptíveis.
Total	Nada é percebido, em relação ao som.

Fonte: Andrade, Maffei (2012)

1.4 Educação e Formação Integral /Omnilateral de aluno com deficiência

Como já citado na CF 88 no artigo 205, a educação é direito de todos e na LDB (1996) artigo 58, as escolas têm de oferecer a educação especial. O artigo primeiro da LDB garante que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Tal artigo não exclui de forma alguma qualquer estudante, já que o juramento dos profissionais da educação, principalmente os graduados em licenciatura, diz “prometo formar cidadãos de bem”, o que condiz com o artigo primeiro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996).

Para Lavelberg (2003 p.12), trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa forma e motivadora escolha curricular. Com essa prática, tem-se a valorização do universo cultural de grupos, subgrupos e dos indivíduos, assim incentivando a valorização das culturas e criando em cada ser o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à cultura dos outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não preconceituosa com a diversidade das culturas. Ao estudar esses conteúdos, não devemos excluir outros recortes ricos e estimulantes da aprendizagem.

Entendendo o que é omnilateral: a ideia de homem omnilateral tem origem na filosofia de Karl Marx e refere-se a um ser humano que é completo e desenvolvido em todas as suas dimensões, incluindo intelectual, emocional e física.

Portanto, o homem omnilateral é um conceito central na filosofia marxista e representa a possibilidade de os seres humanos alcançarem sua plena realização e desenvolvimento em todas as dimensões da vida.

E o que é a educação omnilateral? Segundo Neves (2004):

A educação omnilateral é a que objetiva o homem completo pelo trabalho produtivo e pela vida em sociedade. Na atualidade, a educação escolar abrange grande diversidade de aspectos que fortalecem esta dicotomia, porque são, na maioria das vezes, contraditórios entre a formação humana para a vida e para o trabalho, (Neves, 2004).

Observando a citação acima, a educação omnilateral tem por objetivo qualificar o ser humano para o trabalho e viver em sociedade. Ao refletir sobre os alunos com deficiência, estes não estão sendo educados para o mercado de trabalho, para

conseguir ter as mesmas oportunidades de outras pessoas, principalmente os alunos de escolas públicas.

Mesmo sabendo que o mercado de trabalho faz os programas para dar oportunidades a pessoas com deficiência, isso ocorre somente por conta de leis, ou de cotas, sendo notório que existe até mesmo uma porcentagem (2 a 5%, dependendo do tamanho da empresa) para essas contratações de empregos, ou seja, para essas pessoas poderem trabalhar, a lei se faz necessária.

“Art. 34. A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.” (Brasil, 2015)

Embora a relação entre sistemas políticos e movimentos sociais seja uma perspectiva analítica que é difícil de evitar em sociedades complexas, é uma perspectiva limitada. Os conflitos sociais contemporâneos não são apenas políticos, pois eles afetam o sistema na totalidade. A ação coletiva não é realizada apenas a fim de trocar bens num mercado político e nem todo objetivo pode ser calculado. Os movimentos contemporâneos também têm uma orientação antagonista, que surge de e altera a lógica das sociedades contemporâneas (Melucci, 1989, p. 58).

A citação remete ao sistema político, o que está interligado ao sistema escolar público. Para que estes estudantes com deficiência possam sair da escola e ingressar no mercado de trabalho, é necessário que os profissionais da educação sejam qualificados para orientá-los, e que as empresas onde irão atuar também tenham pessoas qualificadas e dispostas a criar um ambiente acolhedor e humanizado, para que as pessoas com deficiência se sintam seguras para ingressar no mercado de trabalho.

“Art. 35. É finalidade primordial das políticas públicas de trabalho e emprego promover e garantir condições de acesso e de permanência da pessoa com deficiência no campo de trabalho.” (Brasil, 2015)

O Estatuto da Pessoa com Deficiência dispõe que as políticas públicas devem garantir o acesso para o trabalho, sendo a realidade, e essa garantia deve se dar por todas as pessoas e órgãos competentes, no parágrafo único do artigo 35:

“Parágrafo único. Os programas de estímulo ao empreendedorismo e ao trabalho autônomo, incluídos o cooperativismo e o associativismo, devem prever a participação da pessoa com deficiência e a disponibilização de linhas de crédito, quando necessárias.”

Assim como tantas pessoas que já estão inseridas no mercado de trabalho têm o sonho, o almejo de alcançar bons cargos, ter uma vida financeira instável, também é o desejo das pessoas com deficiência, as quais, muitas vezes são oferecidos cargos mínimos, em que não conseguem mostrar as suas potencialidades. Como prescrito no inciso 4 do artigo 34:

§ 4o A pessoa com deficiência tem direito à participação e ao acesso a cursos, treinamentos, educação continuada, planos de carreira, promoções, bonificações e incentivos profissionais oferecidos pelo empregador, em igualdade de oportunidades com os demais empregados.

Ou seja, a deficiência não compromete sua capacidade, sua competência para atuar no mundo do trabalho. Interagir com essas pessoas vai fazer com que se sintam mais acolhidas e incentivadas para o seu processo de vivência e aprendizado.

Como citado em itens acima, em breve relato sobre a história das pessoas com deficiência, afirmava-se que estas não tinham condições de serem úteis para as suas vidas, ou a comunidade pertencente, que não teriam condições de rentabilidade monetária para si e para o seu país.

O ensino permitirá aos jovens acompanharem o sistema total de produção, colocando-os em condições de se alternarem de um ramo da produção a outro, segundo os motivos postos pelas necessidades da sociedade ou por suas inclinações. Eliminará dos jovens aquele caráter unilateral imposto a todo indivíduo pela atual divisão do trabalho. Deste modo, a sociedade organizada pelo comunismo oferecerá aos seus membros a oportunidade de aplicar, de forma onilateral, atitudes desenvolvidas onilateralmente. (Marx; Engels, s/d, vol. 1, p. 99).

Como onilateralidade entende-se poder ser relativo a todos os lados, um conceito de referência à capacidade da ação de forma abrangente e inclusiva, para todos os aspectos e direções, ela implica uma abordagem holística e inclusiva, considerando relevante todos os lados e aspectos em qualquer situação.

A obra de Marx não nos traz uma definição precisa do que seja onnilateralidade, mas remete a uma formação humana oposta à formação unilateral com condições para que seja compreendida como uma ruptura total com o homem limitado da sociedade capitalista.

Encontramos também em Manacorda (2007), a seguinte abordagem:

“O desenvolvimento onilateral das capacidades de todos os membros da sociedade, mediante a eliminação da divisão do trabalho até agora existente, mediante o ensino industrial (industrielle), mediante o alternar-se das atividades...” (Manacorda, 2007)

Numa fase mais elevada da sociedade comunista, depois de desaparecida a subordinação servil dos indivíduos à divisão do trabalho, e, portanto, também o contraste entre trabalho intelectual e físico; depois que o trabalho se tenha tornado não apenas meio de vida, mas também a primeira necessidade da vida; depois que, com o desenvolvimento omnilateral dos indivíduos, tenham crescido também as forças produtivas e todas fontes da riqueza fluam em toda a plenitude, somente então o estreito horizonte jurídico burguês pode ser superado e a sociedade poderá escrever sobre a sua bandeira: de cada um, segundo a sua capacidade; a cada um, segundo as suas necessidades! (Marx, 1948, p. 232).

No comunismo, conjunto de ideias de igualitarismo, ao analisar a citação, percebemos que no meio estudantil para o profissionalismo, o trabalho é o futuro dos estudantes para que consigam alcançar suas realizações e necessidades para viver pessoal, social e profissional, e, com a educação omnilateral, esses estudantes possam ser autônomos, ser produtores e livres do que produzem.

E no caso de pessoas com deficiência, na omnilateralidade, ela não vai se ver como seres limitados, ampliando cada vez mais suas perspectivas de futuro, unindo a sua capacidade manual com a sua capacidade intelectual. De fato, o reino da liberdade apenas começa onde cessa o trabalho determinado pela necessidade ou pela finalidade externa; encontra-se, portanto, por sua natureza, para além da esfera da verdadeira e própria produção material (MARX, 1953).

Indo além dos limites de sua necessidade, assim, os elementos materiais para o desenvolvimento da individualidade rica, que é tanto em sua produção quanto em seu consumo (Marx, 1953, p. 79-80, 231; 1956, p. 33).

Segundo Manacorda (2007), a omnilateralidade é a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas [...] O homem que rompe os limites que o fecham numa experiência limitada e cria formas de domínio da natureza, que se recusa a ser relojoeiro, barbeiro, ourives e se alça a atividades mais elevadas: eis o tipo de homem que Marx tem em mente.

Mas tentemos reconstruir o homem onilateral, não tanto como Marx o desenha incidentalmente aqui e ali, em oposição à figura real do homem unilateral, mas, de preferência, como emerge do contexto da sua pesquisa, como tendência contraditoriamente posta e negada pela sociedade moderna: e já passível de se assumir como objetivo consciente. (Manacorda, 2007, p. 92)

O autor ainda ressalta, “como resultado de um processo histórico de autocriação, o homem se apresenta como uma totalidade de disponibilidades.”

A omnilateralidade no ensino dos alunos com deficiência, implica em criar condições para superação das limitações e desenvolvimento de todas as potencialidades, assegurando-se que estes alunos possam atingir o máximo de realização pessoal e profissional.

Ou seja, as oportunidades das igualdades, devem prevalecer a todas as pessoas, com ou sem deficiência, para que possamos assim viver em uma sociedade justa, com os direitos e deveres respeitados, e acima de tudo o reconhecimento como seres humanos, capazes e íntegros para as nossas aptidões diárias, sejam elas no âmbito intelectual ou profissional.

2. COMO O COMPONENTE CURRICULAR ARTE TEM SIDO TRABALHADO

O componente curricular Arte é obrigatório em todas as etapas do desenvolvimento do estudante, ou seja, ele deve estar presente na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, de acordo com a LDB, Lei nº 9394/96 e suas alterações:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Segundo o site Senado Notícias, no ano de 2016, a lei incluiu as artes visuais, dança, música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica, e que foi estabelecido o prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovessem formações e capacitações dos profissionais da área, seja no ensino infantil, fundamental ou médio.

Para o Ensino Infantil e Fundamental I, em muitos locais, é função do professor regente lecionar esse componente curricular, sendo que em muitas vezes o componente curricular é negligenciado, por arbítrio do professor, que prioriza componentes curriculares mais importantes, tais como Português e Matemática. Muitas vezes esse profissional pouco foi capacitado para trabalhar Arte com seus alunos, segundo Barbosa (1985, p.53), “o que se observa hoje em nossas escolas é que professores despreparados (e a culpa não é deles) acabam com a função de ensinar arte”, mesmo estando em desuso por conta da BNCC, reforça O PCN (1998, p. 180); “o direito dos alunos ao exercício e a prática de sua sensibilidade de se expressar em artes e como cidadão, esperar-se que os professores de artes também possam se aperfeiçoar incluindo suas competências profissionais”. Restam então, as datas comemorativas, ou o famoso desenho livre, é o momento que o professor consegue se sentar e poder mexer em seu diário de classe, fazer um relatório, preparar aulas, e assim por diante; os estudantes deixam de conhecer repertórios e culturas.

O ensino das artes, na educação escolar brasileira, segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes como supérfluo, caracterizado quase sempre como lazer, recreação ou luxo – apenas permitido a crianças e adolescentes das classes economicamente mais favorecidas (Japiassu, 2003, p. 17).

Como resultado dessa linha de pensamento, Barbosa (2014) afirma:

Como resultado, temos professores dando aulas de arte que nunca leram nenhum livro de arte/educação e pensam que arte na escola é dar folhas para colorir com corações para o Dia das Mães, soldados no dia da Independência, e assim por diante. (Barbosa, 2014, p. 19)

Em alguns currículos de cursos de Pedagogia, encontramos a disciplina do Ensino e Metodologia da Arte, porém é evidente que a carga horária não é compatível para que sejam lecionadas as aulas de Artes com maestria. Enquanto algumas Instituições de Ensino Superior (IES) se preocupam em deixar essa disciplina como Educação a Distância (EAD), outras se mostram muito preocupadas em colocar em seus currículos Artes Visuais, Educação Musical, História da Arte e até mesmo a Metodologia do Ensino da Arte em evidência, sabendo que o profissional formado em Pedagogia pode também lecionar esse componente curricular e trabalhar em exposições, fazendo com que esse profissional saia dos seus quatro anos de licenciatura bem formado e apaixonado pela arte.

A Arte, enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo, é parte deste movimento. Enquanto forma privilegiada dos processos de representação humana, é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia o homem em contato consigo mesmo e com o universo. Por isso a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. O conhecimento do meio é básico para a sobrevivência, e representá-lo faz parte do próprio processo pelo qual o ser humano amplia seu saber. (Buoro 2000, p. 20)

Ou seja, pela citação acima, vemos o quanto a arte faz parte e se mostra necessária na vida do ser humano, seja em âmbito social, particular ou educacional, e principalmente no âmbito educacional, no qual o estudante consegue ampliar totalmente o seu repertório cultural. Para complementação de Buoro (1998), o PCN ressalta:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da

poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (MEC, 1997 p.19)

Quanto às linguagens artísticas - Artes Visuais, Dança, Música e Teatro - também é de conhecimento geral que estão presentes apenas em festas da escola, principalmente em datas comemorativas, tais como Carnaval, Dia das Mães, Festa Junina, e em outras datas comemorativas, e deixando de lado a história e a cultura destas festas. Como exemplo, cito a Festa Junina, que, em uma abordagem superficial, o estudante só assimila a tradicional quadrilha, mas não sabe ao certo o contexto de tal data, assim como a sua dança, suas vestimentas ou de qual cultura e tradição ela provém.

Embora a origem das festas juninas seja nas celebrações pagãs dos povos da Antiguidade, que costumavam celebrar a chegada do verão (que no hemisfério norte acontece nessa época) e pedir fartura nas colheitas, elas ganharam conotação religiosa pela Igreja Católica, que associou os festejos da época aos três santos celebrados em junho — Santo Antônio (13), São João (24) e São Pedro (29). A festa se popularizou nos países ibéricos, principalmente em Portugal, que "importou" a tradição para o Brasil Colônia no século XVI, a partir do Nordeste, onde chegaram (não à toa, a região tem ainda algumas das maiores festas juninas do país). (Jornal O Globo)

As Artes consistem em uma das áreas do conhecimento que por sua natureza dialogam com as demais áreas. Mas, conforme o próprio enunciado na BNCC, por muitos anos esse diálogo não foi estimulado. As Artes, muitas vezes, nas estratégias e ações didático-pedagógicas, assumiram o papel de elemento disparador para a abordagem de outras áreas. (Brasil, 2017)

O dia 12 de agosto, Dia Nacional das Artes, acaba passando despercebido pelo fato de esse profissional da educação (um professor regente, um pedagogo) infelizmente não saber trabalhar o componente curricular, ou muitas vezes pelo fato de não ser apto, não gostar ou achar que não tem necessidade de ser lembrado.

Todos os povos têm como principal meta de cultura e expressão a realização das artes. E os artistas têm o 12 de agosto para comemorar como o Dia Nacional das Artes. Em razão das diversidades profissionais, a Lei 6.533 e o decreto 82.385, de 1978, regulamentaram a profissão como Artista e Técnico em Espetáculos de Diversões, com o reconhecimento de mais de 100 funções. (OABSP)

Na estrutura do ensino em geral, é permitido que profissionais graduados em áreas específicas (música e dança, por exemplo) sejam designados para lecionar

aulas de arte. Em que pese serem profissionais capacitados e sensíveis à arte, não é possível assegurar que sejam qualificados para abordar todas as linguagens artísticas. Assim, a preocupação com o currículo se mostra atendida, não se refletindo necessariamente em um conteúdo de qualidade e abrangente para os estudantes.

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento do cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. Portanto, os poderes públicos, além de reservarem um lugar para a Arte no currículo e se preocuparem em como a Arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir Arte (Barbosa, 2008, p. 14).

Cruvinel (2001) ressalta sobre as formações docentes “No entanto, é preciso aqui reafirmar que as formações específicas em Arte qualificam o(a) docente a trabalhar diferentes metodologias de ensino que não são ensinadas nos cursos de Letras nas universidades públicas.” O autor cita expressamente os cursos de Letras, mas pode ser estendida a todas as outras formações que permitem a docência em Arte, sem a qualificação específica para o mister.

Na prática não é o que acontece, exatamente. As disciplinas consideradas afins à Arte seriam Língua Portuguesa, Educação Física, Literatura e Língua Estrangeira, mas podemos encontrar professores de Biologia, Geografia, Filosofia, que preenchem sua carga horária com a disciplina de Arte. (Oppitz, p.139, 2017)

Em contrapartida, outras escolas, seja de âmbito municipal, estadual ou privada, contam com o profissional formado para atuar no componente curricular (graduação em Arte Visual/Educação Artística, Dança, Música, Teatro e afins) para que possa ser trabalhado melhor o repertório artístico para os estudantes, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental I.

É importante lembrar que a LDB fala da obrigatoriedade do ensino de Arte, mas ela não diz que o conteúdo deverá ser ministrado apenas por profissionais licenciados na área. Embora a constatação seja óbvia, a lei não deixa isso explícito. Nesse caso, a escola poderá escolher romper com o conceito tradicional de disciplina e não contratar mais nenhum (nenhuma) docente específico(a) de Arte. (Cruvinel, 2001, p. 19)

Para a visão de muitos, só é necessário um profissional da área de Arte a partir do 6º ano até o 9º ano do Ensino Fundamental II e para o Ensino Médio (1º, 2º e 3º, embora com a reformulação do Novo Ensino Médio, foram reduzidas as aulas de Arte,

de duas aulas para uma aula de 50 minutos ou retiradas deste ciclo). Com o material apostilado, tanto o professor quanto o estudante ficam presos e não conseguem desenvolver a criatividade necessária para um bom desenvolvimento da aula, ou atividades. Claramente, como citado, esse material é um meio, mostrando ao professor a etapa daquele estudante e o que deve ser aprendido dentro daquele ciclo, respeitando as etapas, ressaltando que isso vai de rede para rede, a obrigatoriedade ou meio de aprendizagem, ressaltando também que o material apostilado não é um vilão, apenas deve ser mais bem elaborado em alguns aspectos e estar adequado às realidades dos estudantes.

Com o advento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, um documento que visa garantir nível comum de aprendizagem para todos os estudantes, foram desenvolvidas dez competências gerais a serem trabalhadas durante a Educação Básica, são elas:

1. Valorizar e utilizar os **conhecimentos** historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a **curiosidade intelectual** e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e **fruir**⁹ as **diversas manifestações artísticas e culturais**, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes **linguagens** – verbal (oral ou visual - motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar **tecnologias** digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de **saberes e vivências culturais** e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. **Argumentar** com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a

⁹ Entende-se fruir como desfrutar.

consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. **Conhecer-se**, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a **empatia**, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, **responsabilidade**, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (Brasil, 2018, p.9-10, *grifo próprio autor*).

Já para Perrenoud, (2000, p.10) a noção de competência é “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações”

A competência, qualquer que seja ela, terá mais aplicabilidade se for verdadeiramente incorporada pela escola, ou seja, não se trata apenas de uma atitude isolada de um único (única) docente, ela precisa ser trabalhada como objetivo comum da escola, da direção, do setor pedagógico e do corpo docente, levando em consideração, é claro, o contexto em que a escola está inserida. Cada contexto exige uma situação diferente e maneiras distintas de se desenvolver uma determinada competência. (Cruvinel, 2001 p. 13)

A BNCC propõe a criação, na área de Linguagens e suas Tecnologias (entende-se Linguagens: Arte, Educação Física, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Produção de Textos) do que se chamou de “campo artístico”, que visa a ser um:

[...] espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, contribuindo para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções. Possibilita aos estudantes, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade (Brasil, 2018, p. 489).

Além dos já citados materiais ou apostilas, outros meios para guiarem os professores aos conteúdos a serem ensinados aos alunos, estão a BNCC, PCN e o Currículo Paulista.

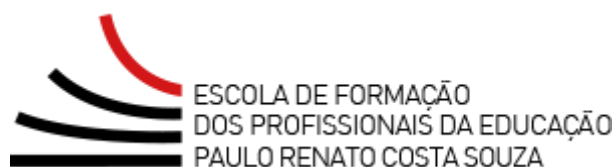
Segundo o site EFAPE¹⁰ (Escola de Formação de Aperfeiçoamento dos Profissionais do Estado de São Paulo): O Currículo Paulista da etapa do Ensino Médio

¹⁰ Criada em 2009, a Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação “Paulo Renato Costa Souza” (EFAPE) é uma iniciativa que tem como objetivo qualificar, por meio da prática e da utilização de

foi construído de forma colaborativa com profissionais das redes públicas e privadas da educação básica e do ensino superior e com estudantes das redes públicas e privadas.

Esse Currículo define as aprendizagens que deverão ser garantidas a todos os estudantes paulistas durante essa última etapa da Educação Básica. Contempla as aprendizagens essenciais a todos os estudantes na formação geral básica e, de forma indissociável, nos itinerários formativos organizados por área de conhecimento e formação técnica e profissional, respeitando as especificidades regionais do estado de São Paulo e das expectativas dos nossos estudantes. (Currículo Paulista, 2020.)

Figura 06 – Logotipo EFAPE.



Fonte Site EFAPE

Figura 07 – Logotipo Currículo Paulista 2023.



Fonte Site EFAPE

Figura 08 – Fluxograma Divisão do Currículo Paulista.



Como observado no fluxograma, o conjunto de componentes curriculares está dividido em quatro áreas de conhecimento, são elas:

- ✓ Linguagens: Arte, Educação Física, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira (de acordo com cada rede: municipal, estadual, federal ou privada);
- ✓ Matemática: Matemática;
- ✓ Ciências Humanas: Filosofia, Geografia, História e Sociologia;
- ✓ Ciências da Natureza: Biologia, Ciências, Física e Química;

Cabe ressaltar que algumas escolas ainda optam por outros componentes curriculares como robótica, produção textual, dentre outras. Dentro dessas quatro áreas, nenhuma pode deixar de ser contemplada. Quando a BNCC apresentou a proposta de escolha dos estudantes para o Ensino Médio, uma grande confusão surgiu, porém a escolha dos alunos são os itinerários formativos, ou conteúdos extracurriculares, para essas sim os alunos optam por uma área de sua preferência.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, o artigo 35 nos mostra qual a finalidade de um estudante cursar o Ensino Médio.

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (LDB 1996)

Em 2008, o estado de SP homologa o currículo que está em vigor até os dias atuais para o ensino médio, com clareza sobre as habilidades a serem aprendidas e a inclusão de conceitos de educação integral (Currículo Paulista, 2020).

Em 2017, o artigo 36 da LDB vem mostrar um novo documento que surge para nortear o Ensino Médio, a BNCC:

Artigo 36: O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

Para os itinerários formativos, a compreensão é que são aulas extras, em que o estudante escolhe a área em que mais se identifica, com a justificativa de que esse estudante possa ter um melhor desempenho na escolha para o seu vestibular e sua profissão do futuro. Com essas perspectivas nasce então o Novo Ensino Médio.

Segundo o Portal MEC, Ministério da Educação, sobre o Novo Ensino:

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

Em meados de 2017, foi alterada então a nova realidade do ensino no Brasil. Com isso, todos os sistemas (municipais, estaduais, federais e privados), teriam um tempo para se adequar com a nova realidade, até o fim de 2022; porém, alguns sistemas deixaram para se adequar no último ano, gerando assim uma grande confusão entre estudantes e professores. Em 2019, em plena pandemia da COVID-19, muitos sistemas acharam que teriam um tempo maior para se adequar, sendo que apenas em 2023 passou a valer o então Novo Ensino Médio, obrigatório em todos os sistemas de ensino.

A BNCC é um documento vivo e dinâmico, ele demonstra total sintonia, e cria aberturas para a diversidade dos estudantes, interagindo como os desafios da contemporaneidade. Afinal, de anos em anos, o sistema educacional deve passar por estruturas não apenas para melhorias, mas também para se adequar as fases e épocas dos estudantes, como exemplo, os anos 2000, que é exatamente uma era totalmente digital e informatizada.

Voltando ao componente curricular Arte e o seu ensino nas escolas, a BNCC não descarta a ideia da Proposta Triangular ou Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa¹¹, lembrando que essa abordagem/proposta não se trata de um método ou modelo de ensino, mas objetiva ao professor focar em sua metodologia (Revista Contemporartes). Nos anos 90, a Abordagem Triangular passou a ser colocada em

¹¹ Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1936). Professora, arte-educadora e pesquisadora. Sua obra é voltada para a teoria do ensino e a história da arte. Barbosa é responsável pela sistematização da abordagem triangular da arte-educação, que constitui uma das bases conceituais de parâmetros curriculares de ensino de artes no Brasil. Fonte Enciclopédia Itaú Cultural.

prática. Inicialmente foi chamada de Projeto Arte na escola. Mais tarde, ficou conhecida como Triangular e/ou Abordagem Triangular. Entre essas duas nomenclaturas foi escolhido o nome de Abordagem Triangular (Barbosa, 2010, p.11). (...) refere-se a uma abordagem eclética. Requer transformações enfatizando o contexto” (Barbosa, 2010, p. 10).

Abaixo, um fluxograma da proposta:

Figura 09 – Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa



Fonte: Revista Digital Contemporartes

De acordo com o Referencial Curricular SESI de 2020:

“A triangulação anunciada em sua denominação faz referência às três dimensões inerentes ao fato artístico:

- a arte como produção, por meio da criação/fazer artístico;
- a arte como leitura, por meio do apreciar/fruir;
- a arte como contextualização, por meio da reflexão. “

Ana Mae Barbosa, percebendo o contexto modernista de recusa ao ensino crítico e reflexivo, inicia o processo de sistematização da Abordagem Triangular, que se ancora sobre o Ler/Apreciar, Fazer/Praticar e Contextualizar, pressupondo um pensamento articulado, no qual o contexto do educando é tomado com relevância frente ao conteúdo ensinado, ou seja, a sua vivência faz parte do aprendizado. Desse modo, a pesquisadora propõe a percepção da Abordagem Triangular como um zigue-zague, que perpassa pelo fazer-contextualizar-ver-contextualizar. Construindo essa nova imagem que, no ir e vir, retorna ao contextualizar. É notar a pertinência da contextualização para o Ensino, para a compreensão do fazer e ler/ver. (Goulart, Tharciana. Lampert, Jocieli. 2018 p. 90)

Em um breve resumo dos três eixos estruturantes de Ana Mae Barbosa, a **contextualização** envolve aspectos da produção artística, manifestação simbólica

histórica e cultural, uma obra permite entender em que condições foi produzida. **A apreciação**, interações entre os observadores e os artefatos da arte e **produção**, a criação, onde o sujeito pode se tornar o autor para inovações e transformações artísticas, seja forma ou simbólica, com elementos sintéticos ou da natureza. (*Grifo, próprio autor*)

Vários são os materiais do componente Arte que utilizam da Abordagem Triangular, pois nessa proposta conseguimos enxergar o quanto a arte deve ser significativa aos estudantes, sejam eles do Ensino Infantil, Fundamental (anos iniciais e finais) e Médio.

Na prática educativa, a Proposta Triangular sugere que essas três dimensões sejam trabalhadas de maneira integrada, evitando o ensino isolado da técnica ou da história da arte. O professor deve planejar atividades que promovam a inter-relação entre fazer artístico, apreciação e contextualização.

A Proposta Triangular transforma o ensino de arte em uma experiência mais rica e completa, ao unir o fazer, o apreciar e o contextualizar. Essa metodologia prepara os alunos para não apenas criar, mas também compreender e analisar a arte de maneira crítica, conectando-a ao mundo em que vivem.

Esses materiais didáticos vão de escolas públicas (municipais, estaduais e federais) a particulares, pois a educação integral exige um olhar amplo para a complexidade do desenvolvimento integrado dos estudantes e, também, para sua atuação na sociedade contemporânea e seus cenários complexos, multifacetados e incertos. (Currículo Paulista, 2023)

O Currículo Paulista, que abrange as escolas de Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, ressalta que, além da preocupação com o desenvolvimento dos estudantes em sua formação intelectual, devemos nos preocupar também com as competências socioemocionais e cognitivas.

As competências socioemocionais são definidas como as capacidades individuais que se manifestam de modo consistente em padrões de pensamentos, sentimentos e comportamentos. Ou seja, elas se expressam no modo de sentir, pensar e agir de cada um para se relacionar consigo mesmo e com os outros, para estabelecer objetivos e persistir em alcançá-los, para tomar decisões, para abraçar novas ideias ou enfrentar situações adversas. (Currículo Paulista, 2023)

Ao longo dos anos, estima-se que, por volta de 40 anos, foram identificadas e analisadas mais de 160 competências socioemocionais. Através de estudos, chega-se a um modelo chamado de Cinco Grandes fatores, neles estão agrupadas

competências de características pessoais e semelhanças entre si. A estrutura do modelo é composta por cinco macrocompetências e dezessete competências específicas. Ainda de acordo com o Currículo Paulista, estudos de diferentes países e culturas encontraram a mesma estrutura.

Abaixo segue um quadro para melhor visualização das macrocompetências, competências socioemocionais e suas características:

Figura 10 – Quadro das Macrocompetências e Competências.

MACRO COMPETÊNCIA	COMPETÊNCIA	DEFINIÇÃO
Abertura ao novo	Curiosidade para aprender	Capacidade de cultivar o forte desejo de aprender e de adquirir conhecimentos, ter paixão pela aprendizagem.
	Imaginação criativa	Capacidade de gerar novas maneiras de pensar e agir por meio da experimentação, aprendendo com seus erros, ou a partir de uma visão de algo que não se sabia.
	Interesse artístico	Capacidade de admirar e valorizar produções artísticas, de diferentes formatos como artes visuais, música ou literatura.
Resiliência Emocional	Autoconfiança	Capacidade de cultivar a força interior, isto é, a habilidade de se satisfazer consigo mesmo e sua vida, ter pensamentos positivos e manter expectativas otimistas.
	Tolerância ao estresse	Capacidade de gerenciar nossos sentimentos relacionados à ansiedade e estresse frente a situações difíceis e desafiadoras, e de resolver problemas com calma.
	Tolerância à frustração	Capacidade de usar estratégias efetivas para regular as próprias emoções, como raiva e irritação, mantendo a tranquilidade e serenidade.
Engajamento com os outros	Entusiasmo	Capacidade de envolver-se ativamente com a vida e com outras pessoas de uma forma positiva, ou seja, ter empolgação e paixão pelas atividades diárias e a vida.
	Assertividade	Capacidade de expressar, e defender, suas opiniões, necessidades e sentimentos, além de mobilizar as pessoas, de forma precisa.
	Iniciativa Social	Capacidade de abordar e se conectar com outras pessoas, sejam amigos ou pessoas desconhecidas, e facilidade na comunicação.
Autogestão	Responsabilidade	Capacidade de gerenciar a si mesmo a fim de conseguir realizar suas tarefas, cumprir compromissos e promessas que fez, mesmo quando é difícil.
	Organização	Capacidade de organizar o tempo, as coisas e as atividades, bem como planejar esses elementos para o futuro.
	Determinação	Capacidade de estabelecer objetivos, ter ambição e motivação para trabalhar duro, e fazer mais do que apenas o mínimo esperado.
	Persistência	Capacidade de completar tarefas e terminar o que assumimos e/ou começamos, ao invés de procrastinar ou desistir quando as coisas ficam difíceis ou desconfortáveis.
	Foco	Capacidade de focar — isto é, de selecionar uma tarefa ou atividade e direcionar toda nossa atenção apenas à tarefa/atividade "selecionada".
Amabilidade	Empatia	Capacidade de usar nossa compreensão da realidade para entender as necessidades e sentimentos dos outros, agir com bondade e compaixão, além de investir em nossos relacionamentos prestando apoio, assistência e sendo solidário.
	Respeito	Capacidade de tratar as pessoas com consideração, lealdade e tolerância, isto é, demonstrar o devido respeito aos sentimentos, desejos, direitos, crenças ou tradições dos outros.
	Confiança	Capacidade de desenvolver perspectivas positivas sobre as pessoas, isto é, perceber que os outros geralmente têm boas intenções e, de perdoar aqueles que cometem erros.

Fonte Caderno do Professor, Currículo Paulista.

Para concluir esta etapa, o Currículo Paulista, além de aproveitar a Proposta Triangular, ainda segue com um caderno/material didático com propostas de atividades, valendo ressaltar que o componente Arte não possui um caderno único,

e sim um caderno com o nome Linguagens e suas Tecnologias, que se divide nos componentes: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Moderna – Inglês - e Educação Física, divididos em 1º e 2º semestre para o primeiro ano do Ensino Médio e volume mais curto para o terceiro ano.

Este caderno é composto por Situações de Aprendizagem: 1, 2, 3 e 4, com temas sugeridos e propostos aos ciclos, questão norteadora, competência, habilidade (código de acordo com a BNCC), objeto de conhecimento, elemento da linguagem, mediação cultural, processo de criação e saberes estéticos e culturais. Também se apresenta em seis momentos, o que se nota que devem ser trabalhadas duas situações em cada bimestre/etapa, o componente Arte já não aparece mais no material didático da rede para o segundo ano do Ensino Médio, voltando apenas no terceiro ano. Ao observar o material didático, é notável que os conteúdos dos componentes Arte e Língua Portuguesa são trabalhados em forma interdisciplinar.

- Situação 01, 02, 03 e 04: O corpo fala – 1º Semestre, 1º Ano Ensino Médio.
- Situação 01, 02, 03 e 04: O corpo fala – 2º Semestre, 1º Ano Ensino Médio.
- Situação 01, 02, 03 e 04: Visões de mundo – 1º Bimestre
- Situação 01, 02, 03 e 04: Democracia no mundo digital – 2º Bimestre

Entende-se por interdisciplinar dois ou mais componentes que possam trabalhar o mesmo conteúdo/tema, cada um em sua área, de forma que um possa complementar o assunto para os estudantes, exemplo:

Tema: Surdez. Componentes: Arte e Português. No componente da Língua Portuguesa, os estudantes irão ler histórias e adaptar para LIBRAS/Português, usando a interpretação de textos; em Arte, os estudantes vão desenhar essas histórias que eles interpretaram, criando avatares para ficar uma visão mais limpa e registro.

Para conclusão da parte que trata como a Arte vem sendo trabalhada, cito que no final do ano letivo de 2023, o governo, juntamente com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP), mostra o quanto não estão preocupados com a sensibilidade que a Arte pode proporcionar aos estudantes da rede de educação, anunciando mais uma reforma na grade curricular, para o Ensino Fundamental II, a redução da carga horário do componente para o 8º e 9º anos, que era de 2 horas-aulas, passando para apenas 1 hora-aula, e retirando da grade curricular o componente para o 2º e 3º Ano do Ensino Médio entrando em vigor no ano letivo de 2024, pela resolução da SEDUC – 53, de 16 de novembro de 2023. Segundo o site Terra:

A nova grade dos estudantes das escolas da rede estadual contará com mais aulas de matemática e língua portuguesa, menor quantidade na carga horária de algumas disciplinas, como artes e filosofia, e a extinção das matérias eletivas. No lugar, entrarão aulas de recuperação e preparatórias voltadas ao vestibular.

Claramente, as escolas e os estudantes mostram grande defasagem nos componentes de Língua Portuguesa e Matemática, que são componentes bases de toda educação, porém o componente Arte ainda se mostra apto para ligar o desenvolvimento do sujeito como cidadão, e acima de tudo um cidadão crítico.

2.1 O aproveitamento que o estudante surdo tem nas aulas de Arte

Na maioria das vezes o estudante que necessita de uma atenção especial geralmente fica no fundo da sala, e o professor, muitas vezes, não está devidamente capacitado para incluir esse estudante, como é o caso de estudantes surdos. O professor, na sua licenciatura, tem uma carga horária de 40h a 60h de LIBRAS, sendo este conteúdo insuficiente para aprender o básico, muito menos sinalização com uma pessoa surda, devido à insuficiência da carga horária, porém o objetivo de as universidades oferecerem a disciplina curricular de LIBRAS é para que os graduandos possam ter pelo menos uma base, para uma comunicação básica com estudantes ou pessoas surdas, cabe aos profissionais fazerem novas formações para aprofundamento em suas assim o professor não ficará despreparado para produzir suas aulas e atividades para estudantes surdos, mas em ajuda para o professor e o estudante, é garantido por lei (nº 12.319¹² de 1º setembro de 2010, que regulamenta a profissão de intérprete), que o estudante surdo tenha um interlocutor de LIBRAS para que o ensino seja passado e as mensagens cheguem ao estudante e o professor. No artigo 28, da lei nº 13.146/15 – Lei Brasileira de Inclusão (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, demonstra essa garantia do direito do estudante surdo.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio;

XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação; (Brasil, 2015)

¹² A lei nº12.319, em 25 de outubro do ano de 2023, é alterada para a lei nº 14.704.

Também fica garantido aos estudantes o atendimento em Sala de Recursos ou Sala de AEE, cujos atendimentos podem e devem ser em LIBRAS, ou não. “Promover a equidade supõe também dar respostas adequadas e com respeito ao público atendido nas modalidades da Educação Especial [...]” (Currículo Paulista, 2019, p.19).

No caso da Educação Especial, o desafio da equidade requer o compromisso com os estudantes com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de acessibilidade curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015).

O atendimento educacional especializado (AEE) é a mediação pedagógica que visa possibilitar o acesso ao currículo pelo atendimento às necessidades educacionais específicas dos alunos com deficiência, transtorno do espectro autista (TEA) e altas habilidades/superdotação, público da Educação Especial, devendo a sua oferta constar do projeto pedagógico da escola, em todas as etapas e modalidades da educação básica. Tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos. As atividades desenvolvidas no AEE diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela e é realizado prioritariamente nas salas de recursos [...] (INEP, 2020).

O documento da Política de Educação Especial do Estado de São Paulo mostra quem são esses estudantes elegíveis para o AEE

No estado de São Paulo, o AEE é disponibilizado nas seguintes formas:

A) Salas de Recursos ¹³

É o espaço multifuncional localizado nas escolas da rede pública estadual, equipado com mobiliários, equipamentos, materiais e recursos de acessibilidade, dedicado para o atendimento dos(as) estudantes. O atendimento em Salas de Recursos desenvolve-se de forma especializada em turmas por área: auditiva, física, intelectual, visual, TGD/TEA e altas habilidades/superdotação. (São Paulo, 2021, p. 38)

¹³ As escolas municipais por vezes trocam o nome, tal como Sala de AEE

Cabe ressaltar que as salas especiais, onde frequentavam estudantes com várias necessidades educacionais especiais, encontram-se extintas.

Pela análise do artigo 28 da LBI, nota-se que o estudante surdo tem direito a uma educação de qualidade, assim como todos os demais estudantes dentro de um determinado estabelecimento de ensino, e por mais que as instituições prezem muito por outros componentes curriculares, com o ensino de artes não pode ser diferente, afinal ele ainda está e é de obrigatoriedade para a formação do estudante.

O componente curricular Arte também se faz presente para estudantes com deficiência, afinal, eles também têm todo o direito de se expressar.

Para autora Pillar (1990) “mais do que apenas impressões deixadas pela criança sobre os materiais, os desenhos, as pinturas, as construções evidenciam o seu processo de elaboração intelectual, emocional e perceptivo do mundo, no qual são agentes” (1990, p.74).

O componente curricular Arte faz com que o estudante surdo estimule a sua criatividade, a sua forma de expressar, expressar a sua cultura e conseguir entender sobre outras culturas e que todas elas são de relevância e promovem o desenvolvimento do ser humano.

Corrêa e Nunes (2006) enfatizam a função desse componente para estudantes com deficiência:

- Interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados, desenvolvendo competências com o manuseio de ferramentas, materiais, técnicas a organização e produção artística, bem como as relações pessoais e interpessoais na criação artística;
- Criar uma relação de autoconfiança com a construção artística pessoal, respeitando a própria produção e a dos outros;
- Compreender e saber identificar a Arte como fato histórico, contextualizando-a nas diversas culturas;
- Observar as relações entre a pessoa e a realidade, com interesse e curiosidade, dialogando, indagando, discutindo, argumentando e lendo a obra de modo inteligível e sensível;
- Buscar e organizar informações sobre Arte, por meio de contato com artistas, produções, documentos e acervos, reconhecendo e compreendendo a variedade de produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas (2006, p. 61).

Buoro (2000) refere-se à Arte, enquanto linguagem, como dos procedimentos de aspecto humano, é instrumento fundamental para o desenvolvimento da consciência, uma relação do homem consigo mesmo e com o universo. Dessa forma, a Arte é uma maneira de o homem compreender a conjuntura ao seu redor, ao seu meio e relacionar-se com ele.

Os educadores e profissionais de educação especial podem adaptar estratégias e abordagens artísticas para atender às necessidades individuais dos estudantes, tornando a experiência educacional mais inclusiva e enriquecedora. A arte, portanto, desempenha um papel importante na promoção da igualdade de oportunidades e no desenvolvimento global de alunos com necessidades educacionais especiais.

A relação entre arte e educação especial é significativa e pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento global de alunos com necessidades educacionais especiais. A arte pode ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão, desenvolver habilidades sociais, melhorar a autoestima e proporcionar oportunidades de expressão criativa para pessoas com diferentes capacidades e habilidades.

Barbosa (2014) contribui com seus relatos e reflexões, posicionamentos mais claros para conduzir o trabalho dos professores, considerando fundamental a recuperação histórica do ensino de arte para que se perceba realidades pessoais e sociais, e lidar criticamente com elas.

De acordo com o PCN (1997, p.15), a educação em arte proporciona o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, caracterizando um modo singular de organizar e atribuir significado à experiência humana. Durante esse processo, o aluno aprimora sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao criar formas artísticas quanto ao apreciar e compreender as formas produzidas por ele mesmo, pelos colegas, pela natureza e em diversas culturas.

2.2 Formação Integral/Omnilateral de aluno com deficiência

Em resumo, a formação integral ou omnilateral de alunos com deficiência visa proporcionar uma educação holística que leve em consideração todas as facetas do desenvolvimento humano. Esse enfoque inclusivo é fundamental para garantir que cada aluno, independentemente de suas habilidades ou desafios, tenha a oportunidade de atingir seu potencial máximo em todos os aspectos da vida.

A formação omnilateral é aquela em que o sujeito é capaz de desenvolver suas amplas faculdades de forma integral, constituindo o desenvolvimento educacional além do ensino ministrado na escola, com formação numa perspectiva desalienadora (Moura, 2013).

O termo "Formação Integral" ou "Omnilateral" refere-se a uma abordagem educacional que visa desenvolver todas as dimensões do indivíduo, indo além do

aspecto puramente acadêmico e abraçando aspectos sociais, emocionais, físicos e culturais. No contexto de estudantes com deficiência, a formação integral ou omnilateral é crucial para garantir que suas necessidades específicas sejam atendidas e que eles tenham oportunidades iguais de desenvolvimento em todas as áreas da vida.

Marx traz o termo omnilateral em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 com a definição de tornar-se humano:

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto, como um homem total. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana [...]. (Marx, 2004, p. 108)

Perrenoud (2000, p.14) destaca que “As competências profissionais constroem-se, em formação, mais também ao saber da navegação diária de um professor, de uma situação de trabalho à outra”

A formação integral busca garantir que os estudantes com deficiência tenham acesso a um currículo acadêmico adaptado às suas necessidades individuais. Isso envolve estratégias de ensino diferenciadas, recursos acessíveis e suporte adicional, quando necessário. Além do aspecto acadêmico, a formação integral enfatiza o desenvolvimento social e emocional. Os estudantes com deficiência podem se beneficiar de programas que promovem a interação social, o trabalho em equipe e o desenvolvimento de habilidades emocionais. A formação integral deve incorporar tecnologias assistivas e garantir a acessibilidade em todas as atividades educacionais. Isso pode incluir o uso de dispositivos adaptados, softwares específicos e outras ferramentas que facilitem a participação plena.

Para evitar o fracasso escolar, que está associado a práticas de ensino unilaterais, é essencial reformar os métodos pedagógicos. Isso inclui a revisão de abordagens como repetições e discursos, que muitas vezes carecem de significado para os estudantes, resultando na falta de compreensão dos conteúdos. Essa abordagem inadequada pode levar à segregação nas instituições escolares e à privação cultural das classes subalternas, conforme destacado por Manacorda (1990).

A formação integral deve garantir que os estudantes com deficiência tenham acesso a atividades extracurriculares, esportes e eventos culturais. Isso não apenas contribui para o desenvolvimento físico, mas também promove a inclusão social. A saúde e o bem-estar dos alunos com deficiência são aspectos essenciais da formação

integral. Isso inclui acesso a serviços de saúde, terapias específicas, e a promoção de hábitos saudáveis.

Nos últimos anos, o Brasil tem buscado promover a acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência; no entanto, falhas são evidentes, como a falta de investimento na formação contínua de professores e recursos didáticos específicos. Essas deficiências se refletem no cotidiano, indicando a necessidade de articular esforços para garantir uma inclusão efetiva, não apenas de forma nominal. Nesse contexto, é crucial reconhecer que a responsabilidade pela promoção da educação inclusiva não deve ser exclusivamente atribuída aos professores, como ressaltado por Pletsch (2014).

A colaboração entre escola e família é vital para a formação integral de alunos com deficiência. A participação ativa da família nas decisões educacionais e no apoio ao desenvolvimento do aluno é essencial. A formação integral também visa fortalecer a autodeterminação dos alunos, capacitando-os a tomar decisões informadas sobre suas vidas e a advogar¹⁴ por suas próprias necessidades, e reconhece e valoriza a diversidade. Isso inclui a celebração das diferentes habilidades e culturas presentes na comunidade escolar.

A formação integral ou omnilateral de estudantes com deficiência refere-se a uma abordagem educacional que visa desenvolver todas as dimensões do indivíduo, levando em consideração não apenas os aspectos acadêmicos, mas também os sociais, emocionais, físicos e culturais. Essa abordagem reconhece a singularidade de cada aluno e busca proporcionar oportunidades igualitárias para o desenvolvimento em todas as áreas da vida.

A busca por uma educação omnilateral, tecnológica ou politécnica, visa formar indivíduos autônomos e protagonistas de uma cidadania ativa. Essa abordagem deve estar integrada a um projeto de Estado profundamente democrático e a um projeto de desenvolvimento sustentável (Frigotto, 2001, p. 82).

Glat (2007, p.6) ressalta a necessidade de formar os professores e a equipe de gestão, além de revisar as formas de interação dentro da instituição, demanda uma avaliação abrangente e uma reestruturação que inclui a análise e o redesenho da estrutura, organização, projeto político-pedagógico, recursos didáticos, práticas avaliativas, metodologias e estratégias de ensino (Glat, 2007, p. 6). Afinal, se escola não está preparada para que os estudantes com deficiência, seja ela qual for, esse

¹⁴ Entende-se por advogar: chamar, convocar, tomar como defensor, invocar, recorrer.

estudante não vai ter condições dignas de um bom trabalho, até mesmo, se inserir no mercado de trabalho.

Ciavatta (2014) destaca a abordagem separatista da política educacional brasileira em relação ao currículo, que favorece o dualismo entre formação geral e profissional. Currículos que promovam a integração ativa e multidisciplinar no ambiente escolar. A formação integrada entre o ensino geral e a educação profissional demanda uma abordagem que vá além da prática educacional e das teorias, incorporando também uma formação intelectual.

Em 1994, na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em Salamanca, Espanha, foi elaborada a Declaração de Salamanca, estabelecendo diretrizes para a igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência. O documento propôs a regulamentação da educação especial, preconizando que todas as escolas deveriam acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e linguísticas, em um mesmo ambiente escolar (UNESCO, 1994).

[...] toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem; [...] aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades [...] (UNESCO, 1994, p. 1).

O conceito de omnilateralidade ao mundo do trabalho, busca-se criar ambientes mais humanos, justos e equitativos, onde os trabalhadores são vistos como seres completos, com potencial para contribuir de maneira significativa para suas organizações e para a sociedade em geral.

No trabalho, valoriza a autonomia e a capacidade dos trabalhadores de tomar decisões informadas. Isso implica em criar ambientes de trabalho que promovam a participação ativa dos funcionários na tomada de decisões relacionadas às suas funções.

Mas, para que o conceito realmente exerça o papel no mundo do trabalho das pessoas com deficiência, é de suma importância que a escola, o ambiente dos estudantes, juntamente com o ambiente familiar, tenha muita interação e comunicação um com o outro, estudante, família e escola.

A omnilateralidade, muitas vezes associada à teoria marxista, refere-se à busca por um desenvolvimento integral do ser humano em todas as dimensões da vida, incluindo aspectos intelectuais, sociais, emocionais e práticos. Quando aplicada ao

mundo do trabalho, a omnilateralidade destaca a importância de uma formação abrangente que vá além das habilidades técnicas específicas para abranger também o desenvolvimento humano holístico.

Além das habilidades técnicas específicas, os trabalhadores são encorajados a desenvolver habilidades interpessoais, habilidades de resolução de problemas, pensamento crítico e outras competências que contribuam para uma abordagem multifacetada do trabalho.

Reconhece a importância do equilíbrio entre vida profissional e pessoal para o bem-estar geral dos trabalhadores. Ambientes de trabalho omnilaterais procuram criar condições que permitam aos funcionários alcançarem um equilíbrio saudável entre suas vidas profissionais e pessoais.

A omnilateralidade no trabalho incentiva os trabalhadores a desenvolverem uma consciência crítica em relação às condições de trabalho, relações de poder no ambiente de trabalho e questões sociais relacionadas à sua indústria.

Promove ambientes de trabalho que são inclusivos e reconhecem a diversidade de habilidades, experiências e perspectivas. A omnilateralidade no trabalho se alinha à ideia de que a diversidade contribui para a inovação e o sucesso organizacional.

A formação integral refere-se a uma abordagem educacional que busca o desenvolvimento holístico do indivíduo em todas as dimensões, incluindo aspectos intelectuais, emocionais, sociais, físicos e éticos. Ao contrário de uma ênfase exclusiva em conhecimentos acadêmicos, a formação integral procura cultivar habilidades, valores e atitudes que contribuam para a formação de indivíduos completos e preparados para enfrentar os desafios da vida de maneira abrangente. Para a formação integral são necessários alguns pontos elementais.

Englobar o aprendizado de conhecimentos e **habilidades acadêmicas** necessárias para o sucesso em diversas áreas do conhecimento. Priorizar o cultivo de **habilidades sociais, empatia, autoconhecimento e inteligência emocional**, visando a uma interação saudável com os outros.

Incluir a **promoção da saúde**, atividade física e hábitos de vida saudáveis para o bem-estar físico. Enfatiza a **importância de valores éticos e morais**, promovendo a responsabilidade, a honestidade e a cidadania.

Estimular a **capacidade de analisar, questionar, resolver problemas** e tomar decisões de maneira independente e informada. Valorizar a **diversidade**, promovendo ambientes inclusivos que respeitam e celebram as diferenças culturais, étnicas, socioeconômicas e individuais. Fomentar a capacidade de **pensamento criativo**,

incentivando a inovação e a busca por soluções originais para desafios. Desenvolver **habilidades eficazes de comunicação oral e escrita**, essenciais para a interação social e profissional. Inclui a orientação para a transição para a vida adulta, desenvolvendo habilidades práticas para enfrentar os desafios do mundo real.

Enfatizar a **importância da aprendizagem ao longo da vida**, encorajando a busca por conhecimento e a adaptação a mudanças. (grifos próprio autor)

A formação integral reconhece a interconexão desses elementos e busca integrá-los no processo educacional, criando indivíduos bem-arredondados, capazes de contribuir positivamente para a sociedade e alcançar seu potencial máximo em todas as áreas da vida.

Em síntese, a busca pela formação integral e omnilateralidade emerge como um paradigma educacional essencial para moldar indivíduos completos, preparados para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais complexo e dinâmico. Ao priorizar não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também as dimensões emocionais, sociais, éticas e práticas, essa abordagem visa criar seres humanos capacitados, criativos e conscientes.

A formação integral reconhece a interdependência dessas diferentes esferas de desenvolvimento, buscando integrá-las harmoniosamente no processo educacional. Isso não apenas fortalece a base de conhecimentos dos aprendizes, mas também promove a construção de habilidades críticas, valores éticos, empatia e uma visão ampliada de mundo.

A omnilateralidade, por sua vez, acentua a importância de uma abordagem holística, transcendendo a simples acumulação de conhecimentos para abraçar uma compreensão mais profunda e integrada da vida. Encorajando a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico, a omnilateralidade destaca a necessidade de formação intelectual e prática, preparando os indivíduos não apenas para a academia, mas também para os desafios do mundo do trabalho e para uma participação ativa na sociedade.

Em resumo, a busca pela educação abrangente e completa não apenas influencia a formação de cidadãos habilitados, mas também ajuda a fortalecer a sociedade como um todo. Ao investir no desenvolvimento integral das pessoas, estamos criando as bases para uma sociedade mais equitativa, inclusiva e dinâmica, onde cada indivíduo pode alcançar seu potencial máximo.

3. METODOLOGIA

Este capítulo conta com a descrição da metodologia do trabalho, explicitando as escolhas feitas, baseando-as em autores que direcionaram as ações a fim de atingir os objetivos gerais e específicos propostos. Assim, apontamos o tipo de pesquisa, descrição do locus, os sujeitos pesquisados, apresentação do produto educacional, descrevendo as etapas para a sua produção, bem como indicamos os instrumentos para coleta e análise dos dados.

3.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa teve como abordagem qualitativa dois Formulários Google (*Google Forms*) para professores e um para pessoas surdas, bem como sua pesquisa de campo, cunho bibliográfico e documental.

A pesquisa de campo é uma metodologia focada na observação, as análises são obtidas a partir do ambiente natural ou do local que acontece; já na pesquisa bibliográfica, as análises são elaboradas através de fontes, podem ser de dissertações, teses, artigos, livros, entre outros, enquanto a pesquisa documental é feita através de jornais, tabelas, revistas, documentos oficiais, relatórios, filmes, etc.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 2009, p. 45).

Pesquisa de campo é um método de investigação que envolve a coleta de dados diretamente no ambiente onde o fenômeno estudado ocorre. Diferente da pesquisa teórica, que se baseia em fontes bibliográficas e documentos, a pesquisa de campo foca na observação e na interação com o objeto de estudo em seu contexto real.

Esse tipo de pesquisa é frequentemente utilizado em áreas como ciências sociais, educação, antropologia e outras disciplinas que requerem o entendimento de comportamentos, práticas ou fenômenos em ambientes naturais. Coleta de dados in loco, o pesquisador vai ao local onde o objeto de estudo está presente, seja uma escola, empresa, comunidade, etc. Métodos diversificados: Utiliza-se de instrumentos como entrevistas, questionários, observação participante ou não participante,

gravações de áudio e vídeo, entre outros. Análise contextual: O fenômeno é analisado dentro do seu contexto específico, levando em consideração variáveis que influenciam o comportamento ou os resultados. Interação direta com o objeto de estudo: Muitas vezes, envolve contato direto com pessoas, como em entrevistas, grupos focais ou observações.

Esse método é particularmente útil para obter dados mais profundos e específicos, pois permite ao pesquisador capturar nuances e detalhes que poderiam ser perdidos em outros tipos de pesquisa mais distantes da realidade prática.

Os formulários Google que serviram para as entrevistas dos professores foram elaborados pelo pesquisador, que contou com a participação de professores da rede de educação estadual e rede de educação municipal que lecionam no componente curricular Arte.

A princípio, foram utilizados os questionários, pois segundo Günther (2003, p. 1-2) o questionário é o principal instrumento de coleta de dados por amostragem, o autor aponta que, apesar do uso do termo amostragem, os resultados de um questionário podem ser generalizados para uma população maior, além de não testar as habilidades dos respondentes, mas mensurar suas opiniões, personalidades, interesses e biografia.

Esses formulários foram divididos em três partes, denominados como formulário A. Esse formulário teve como intuito saber o que os professores que lecionam o componente curricular entendem o que é Arte - vide apêndice A.

O segundo formulário, denominado como formulário B, teve como ideal saber dos professores, se já tiveram experiências com estudantes surdos, bem como saber se estão preparados para atuar com esses estudantes sem um intérprete de LIBRAS e como estimulam a fruição por parte desses estudantes no componente curricular Arte – vide apêndice B.

Também participaram das entrevistas pessoas surdas, que já terminaram o seu ciclo escolar básico, esse questionário ficou denominado como formulário C. Nesse formulário, os entrevistados mostraram como foi a experiência com o componente curricular durante seu ciclo básico (fundamental I, II e médio).

A utilização de questionários em pesquisas é uma estratégia fundamental para a coleta de dados, especialmente quando se busca obter informações sistemáticas e comparáveis de um grande número de pessoas.

Os questionários permitem que todos os respondentes respondam às mesmas perguntas de maneira uniforme, o que facilita a análise e a comparação dos dados

coletados. Questionários podem ser aplicados a um grande número de pessoas em um curto período de tempo, tornando-se uma ferramenta eficiente para reunir informações de forma rápida, seja presencialmente ou por meios eletrônicos.

Com o uso de questionários, é possível alcançar diferentes públicos, independentemente de localização geográfica, utilizando, por exemplo, plataformas digitais. As respostas dos questionários, sobretudo quando estruturadas em formato quantitativo (escolha múltipla, escalas, etc.), podem ser rapidamente tabuladas e analisadas com o auxílio de ferramentas estatísticas, permitindo a identificação de padrões e tendências. Quando anônimos, os questionários podem aumentar a probabilidade de os participantes darem respostas sinceras, principalmente em temas delicados, uma vez que a identidade dos respondentes é protegida.

Os questionários podem ser adaptados para diferentes finalidades, com perguntas abertas (qualitativas) ou fechadas (quantitativas), de acordo com os objetivos da pesquisa. Essa flexibilidade permite ao pesquisador explorar tanto opiniões detalhadas quanto dados objetivos. A aplicação de questionários, especialmente em formato digital, tende a ser uma abordagem de baixo custo em relação a outros métodos de coleta de dados, como entrevistas presenciais ou observação direta. O pesquisador tem controle sobre o formato das perguntas e a ordem em que são apresentadas, garantindo que as respostas sigam uma estrutura que facilita a análise e interpretação dos dados.

A aplicação de questionários é uma ferramenta essencial em pesquisas, pois combina eficiência, flexibilidade e padronização, contribuindo para a obtenção de dados relevantes e consistentes.

Para a parte da pesquisa de campo, foram observadas algumas aulas de uma professora do componente curricular Arte, que leciona no sexto ano do ensino fundamental II em uma escola municipal, para uma estudante surda, o objetivo dessa observação é como essa professora lida com a estudante, já que a escola não possui intérprete de LIBRAS.

Para a pesquisa de campo, ainda foi desenvolvido um produto educacional aplicável, que é exigido para obtenção do título de mestre da Faculdade de Ciências, UNESP – Câmpus Bauru, juntamente com a dissertação. O produto foi aplicado a fim de serem analisados os resultados para a melhor compreensão na pesquisa e chegar a uma consideração.

3.2 Local do desenvolvimento da Pesquisa

A princípio, a pesquisa e o produto educacional seriam aplicados em uma escola da rede estadual apenas, porém o estudante encontrou-se evadido, o que impossibilitou a continuação da pesquisa, já que seria observação de aulas e aplicação do produto educacional.

Então, o próximo passo foi fazer um novo levantamento para encontrar estudantes surdos na cidade, e foi encontrada uma estudante surda de 11 anos que frequenta o 6º ano do ensino fundamental II na rede municipal de educação. Caso não fosse possível ainda dentro do município, o próximo passo seria fazer um levantamento nos municípios próximos.

Figura 11 – Fachada da escola



Fonte: Facebook da Escola – 2024.

A escola funciona em três períodos, sendo pela manhã das 7h às 12h20, atendendo apenas estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), com 13 salas cerca de 383 estudantes; no período da tarde, das 12h40 às 18h, atendendo estudantes do Ensino Fundamental I, com 17 salas, e 419 estudantes. Cada sala comporta cerca de 30 estudantes. E no período noturno, o mesmo prédio atende 56 estudantes, com a modalidade Educação para Jovens e Adultos (EJA), antigo supletivo, das 19h às 22h30, com sete salas. A unidade escolar conta com uma Secretaria Escolar, com 04 funcionários, tendo banheiro masculino e feminino individuais, sala para a gestão escolar, sala dos professores, banheiro masculino e feminino individuais, pátio para recepção de estudantes e pais, bem como para atividades de Educação Física e/ou Recreação, uma quadra coberta, biblioteca escolar, sala multiuso, sala de AEE, cozinha e refeitório para os estudantes e outros espaços. A escola atende também um total de 44 estudantes laudados e possivelmente quatro estudantes ainda receberão laudo, o que mostra que a escola é apta a ser inclusiva, para essa realidade a escola possui escadas para o 1º andar, mas é adequada com um elevador (em funcionamento).

3.3 Participantes

Os participantes da pesquisa para andamento dessa dissertação foram os professores que lecionam o componente curricular Arte das redes de educação estadual e municipal, em um primeiro questionário, quatro professores responderam (vide apêndice A); em um segundo momento, para o segundo questionário, 18 professores (vide apêndice B), e três pessoas surdas que já concluíram seus ciclos básicos da educação (vide apêndice C).

Também participaram duas intérpretes de LIBRAS que auxiliaram na interpretação de cinco contos folclóricos para o produto educacional (que será explicado, em outras páginas), a professora de Arte da rede municipal, da qual as aulas foram observadas, a professora do AEE, que muito ajudou e colaborou na tradução/interpretação para a comunicação com a estudante surda no qual foi aplicado o produto educacional, o desenhista, que com muita maestria adaptou os rascunhos feitos pelo pesquisador e os transformou em avatares para o produto educacional, dois revisores de textos para gramática e ortografia, o pesquisador e seu orientador.

A estudante surda, que frequenta a escola do local de pesquisa, faz uso do AASI (Aparelho de Amplificação Sonora Individual) e não faz queixas de usá-lo.

3.4 Procedimentos éticos

Para que a pesquisa de campo e o produto educacional fossem aplicados, seguiram os seguintes passos.

- 1 – Conversa com a gestão escolar da unidade;
- 2 – Autorização da Secretaria Municipal de Educação;
- 3 – Autorização da Gestão Escolar;
- 4 – Autorização da estudante;
- 5 – Autorização e consentimento dos pais;
- 6 – Autorização da professora de Arte para acompanhar as aulas;
- 7 – Autorização da professora do AEE (participar da aplicação e de uso de imagem nas fotos);
- 8 – Cadastro na Plataforma Brasil;
- 9 – Autorização da Plataforma Brasil, sob o CAAE: 78755624.9.0000.5398 e sob o parecer nº 6.803.405;
- 10 – Termo de Voluntários das Intérpretes.

Este estudo, respeitando as questões éticas, foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unesp.

Após aprovação do CEP, com autorização para a pesquisa da Secretária Municipal de Educação, do município de Catanduva e da direção da escola onde foi realizada, foram enviados para assinatura e anuência dos documentos: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido aos Alunos e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Responsáveis pelos Alunos.

3.5 Instrumentos de coleta de dados

O instrumento de coleta inicial foi um questionário elaborado por meio do Formulário Google (APÊNDICE A) e possui duas questões abertas obrigatórias, e participaram apenas quatro professores. As questões foram preparadas para compreender a impressão dos professores sobre o que é Arte (ficando a critério na resposta dos entrevistados se seria o componente curricular ou outros itens), bem como as formas utilizadas por eles para realizarem seus estudos.

No segundo formulário (APÊNDICE B), houve a participação de 18 professores, esse questionário contém 11 questões, sendo seis questões de múltipla escolha, acrescidas de mais cinco questões abertas, todas também obrigatórias a responder.

No terceiro formulário (APÊNDICE C), participaram três pessoas surdas, que responderam a sete questões de múltipla escolha e mais oito questões abertas, totalizando 15 questões.

Após os procedimentos éticos, começou-se então a pesquisa de campo na escola municipal.

Quadro 3 – Cronograma da pesquisa

Tempo (Semana)	Procedimento
1ª Semana	Pesquisador conversou com a gestão escolar, explicando os dias e horários em que iria aplicar o produto educacional para a estudante (às segundas-feiras, 10h às 11h). Nessa mesma semana, o pesquisador foi conhecer o ambiente escolar e também a estudante.
2ª Semana	O pesquisador conversou com a professora de Arte e com a estudante, juntamente com a professora de AEE. Nesse dia, a estudante fez um mapa de aprendizagem sobre o Folclore, também fez uma pesquisa através de fichas sobre os personagens folclóricos que ela conhecia.
3ª Semana	A estudante assistiu ao primeiro vídeo e analisou as lâminas do conto. Após isso, fez um desenho e escreveu o seu entendimento. (Relato e desenhos da estudante, vide anexos)
4ª Semana	A estudante assistiu ao segundo vídeo e analisou as lâminas do conto. Após isso, fez um desenho e escreveu o seu entendimento.
5ª Semana	A estudante assistiu ao terceiro vídeo e analisou as lâminas do conto. Após isso, fez um desenho e escreveu o seu entendimento.
6ª Semana	A estudante assistiu ao quarto vídeo e analisou as lâminas do conto. Após isso, fez um desenho e escreveu o seu entendimento.
7ª Semana	A estudante assistiu ao quinto vídeo e analisou as lâminas do conto. Após isso, fez um desenho e escreveu o seu entendimento, também fez um relatório da experiência do produto. A professora do AEE também fez um relatório.

8º Semana	O pesquisador assistiu às aulas da professora de Arte.
9º Semana	O pesquisador assistiu às aulas da professora de Arte.
10º Semana	O pesquisador apresentou os dados para a escola.

Elaborado pelo próprio autor – 2024.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo discorreremos sobre os dados coletados através dos formulários e fazemos a análise deles.

4.1 Apresentação e discussão das entrevistas

No Formulário A, cuja participação foi de quatro professores, teve como objetivo o entendimento sobre a palavra Arte.

Seguem alguns relatos de alguns professores sobre o que é arte¹⁵.

A entrevistada 1 relata o que é Arte para si: “É a forma mais sublime que há no modo de expressão do sentir através das suas quatro linguagens: Música, Dança, Teatro e Artes Visuais.”

Já a entrevistada 4 diz: “É a forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história, sua cultura através de alguns valores estéticos”. Ao observarmos e compararmos as respostas, podemos ver que ambas mostram a Arte como a forma de expressão do ser humano.

Assim vemos que as entrevistadas concordam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), já que este documento diz:

“O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar.”

O documento de Arte expõe uma compreensão do significado da arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana. (Brasil, p.19, 1997)

A entrevistada 3 relata: “É a mais sublime expressão dos sentimentos através das suas quatro linguagens.”

O segundo formulário tinha como objetivo saber das experiências dos professores, se já tiveram estudantes surdos e como foi o trabalho com eles. Também estão presentes na entrevista professores que não tiveram experiências com estudantes surdos, essa entrevista contou com 18 profissionais.

Com as respostas deste formulário, percebe-se que os professores de Arte não se sentem capacitados ou seguros para trabalhar com estudantes surdos caso não tenha a presença de um intérprete de LIBRAS na aula.

¹⁵ Vide entrevista Apêndice A

Seguem algumas das perguntas e um gráfico gerado pelo próprio formulário¹⁶.

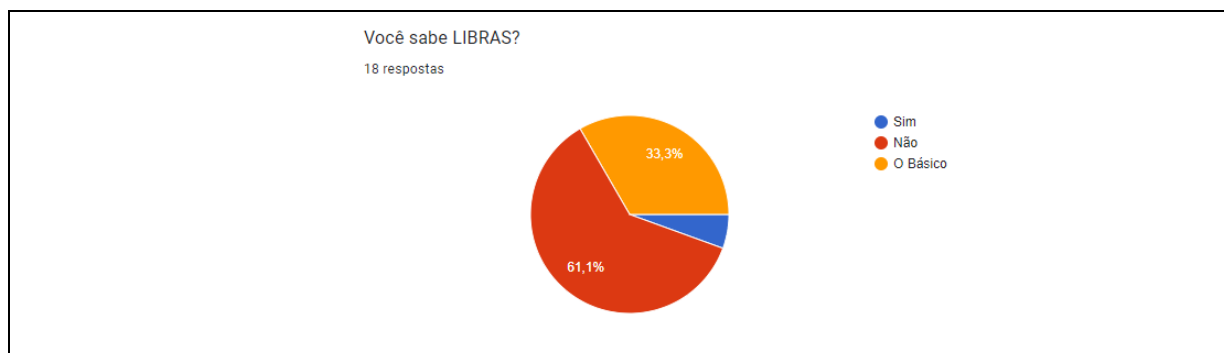
Gráfico 1 - Entrevista Número 01 - Professores



Fonte: Formulário Google, a partir dos entrevistados (2023/2024)

Outro fator para os profissionais não se sentirem à vontade para trabalhar com o aluno surdo é por não saberem nem mesmo o básico de LIBRAS, assim mostrado no próximo gráfico abaixo, que, dos 18 profissionais entrevistados, seis pessoas sabem o básico (representando 33%), e que apenas uma pessoa (5%) sabe realmente LIBRAS, para poder ter interação com o estudante surdo.

Gráfico 2 - Entrevista Número 1 - Professores

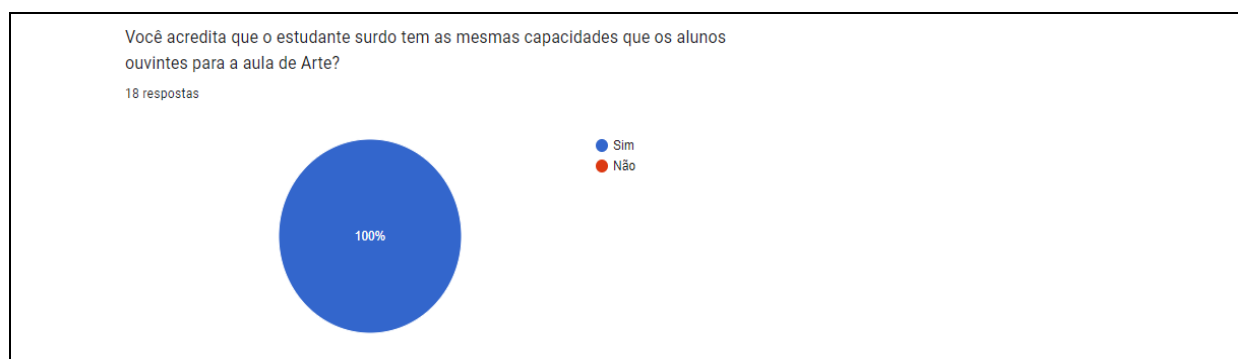


Fonte: Formulário Google, a partir dos entrevistados (2023/2024)

Desses 18 profissionais entrevistados, nenhum deles tem a perspectiva de que o estudante surdo não tem capacidade alguma de aprender o componente Arte, 100% das respostas afirmam que, mesmo com sua condição, ele é apto para desenvolver pensamento crítico e se expressar igualmente com estudantes ouvintes.

¹⁶ Vide Apêndice B

Gráfico 3 - Entrevista Número 1 - Professores



Fonte: Formulário Google, a partir dos entrevistados (2023/2024)

Em uma outra questão feita aos profissionais do componente curricular Arte (“Como você trabalharia com um estudante surdo, em seu componente curricular Arte, sem auxílio de um interlocutor?”) suas respostas mostram que os estudantes surdos têm bom aproveitamento e que é possível fazer as adaptações, apesar das dificuldades apresentadas por não terem um básico de LIBRAS, ou terem apenas o básico, infraestrutura da instituição, ou até mesmo falta de materiais, para que possam realmente ter os mesmos direitos dos estudantes ouvintes, e os profissionais se mostram comprometidos, até mesmo buscando informações para que um estudante com surdez possa ter um bom rendimento nas aulas de Arte. A seguir, algumas respostas dos profissionais entrevistados.

Entrevistado A¹⁷: *“A princípio, tentaria trabalhar com imagens e jogos (kahoot), para maior exploração de imagens (com explicação escrita). Em seguida, iria procurar capacitações, com urgência, para melhorar minha prática docente.”*

Entrevistado B: *“Integrar o estudante às aulas assim como os demais, realizar comunicação de forma expressiva e com os lábios sempre visíveis, utilizar LIBRAS, nunca ficar de costas para os estudantes, deixá-lo à vontade e motivá-lo a aprender.”*

Entrevistado C: *“Através de uma adaptação curricular e das atividades propostas. As perguntas anteriores partiram de um pressuposto da total aquisição e capacidade, o que sabemos que não é possível com todos os alunos, mas um trabalho adaptado e individualizado possibilitaria experiências artísticas bastante satisfatórias com o estudante surdo.”* - Respostas na íntegra dos entrevistados.

Ao analisar algumas respostas, principalmente as supracitadas no trabalho, podemos observar que os estudantes surdos não sentem dificuldades em

¹⁷ As respostas dos entrevistados foram corrigidas nas normas cultas da Língua Portuguesa, porém não foram alteradas as respostas, bem como o seu sentido.

acompanhar as aulas, sejam elas indiferentes das linguagens artísticas. Para um melhor preparo e melhor rendimento desses estudantes, cabe às instituições de ensino superior melhorarem a grade curricular no quesito da disciplina de LIBRAS. Uma solução prática para esse problema seria a inclusão de mais módulos para aprender os sinais, como exemplo: Módulo 1 – LIBRAS Básica, Módulo 2 – LIBRAS Específica (em Arte o professor precisa e tem a necessidade de saber o sinal de cor, pincel, artista, entre outros).

Nenhum dos entrevistados citou a respeito da avaliação para um estudante surdo, mas que é evidente que em uma avaliação esse estudante sente dificuldade e fica limitado para uma leitura/interpretação e sua escrita, sendo que, muitas vezes, os professores deixam de lado as avaliações e levam em consideração as atividades desenvolvidas em aula. Mesmo o estudante não conseguindo realizar sua avaliação, não é problema algum o professor relevar suas atividades feitas como forma avaliativa, afinal o componente curricular Arte permite isso. Barbosa (2003, p.40) diz que a Arte não é simplesmente básica, ela é fundamental na educação, ela não é enfeite, ela é cognição, profissão, uma palavra curta para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, a Arte representa o melhor trabalho do ser humano.

Para concluir esse item, nota-se que alguns professores, sendo de rede pública ou particular, não se sentem preparados para atuar com estudantes surdos, já que suas formações não os deixam preparados ou qualificados para atuar com estudantes com a condição da surdez, as escolas recebem esses estudantes já que estão amparados por lei, mas não se capacitam o suficiente nem mesmo o quadro de servidores, para que possam ter um mínimo de comunicação, que é de suma importância, tanto para o estudante surdo, quanto para os profissionais da educação, dentro e fora do ambiente escolar (como mostram as respostas dos entrevistados abaixo), e, por fim, a afirmação dos profissionais e o reconhecimento de que os estudantes surdos tenham as mesmas condições de um estudante ouvinte.

Entrevistado A – “Diante das questões, acendeu-me um alerta... e se eu tivesse um aluno surdo hoje, estaria totalmente despreparada para contribuir com a aprendizagem do educando”.

Entrevistado B – “Acredito que a linguagem de sinais é um meio de comunicação inclusiva e deveria estar na formação de todo cidadão, afinal, um dia, um de meus alunos poderá vir atender ou se comunicar com uma pessoa surda, mas acredito muito mais ainda no poder da formação de surdos oralizados, na

comunicação por leitura labial. Toda criança surda deveria ter acesso a essa formação. Todo surdo tem o poder da fala, tem o direito a ela, e nós, ouvintes, o dever da escuta”.

Entrevistado C – “Um aluno surdo requer uma dedicação a mais. Importante que sejam oferecidas ao professor as condições para: preparar a aula, equilibrar a atenção durante a aula, observar a participação do estudante, monitorar seu desempenho e finalmente ponderar a análise ao atribuir nota. Na verdade, é um processo voltado ao surdo, mas aos demais também. O que muitas vezes não é possível. Meu ponto é que o “problema” não é ter um aluno surdo e sim ter uma rotina bastante desafiadora no papel de professor, frente ao volume de alunos, as complexidades e a importância que o ensino de Arte tem e as demandas institucionais”.

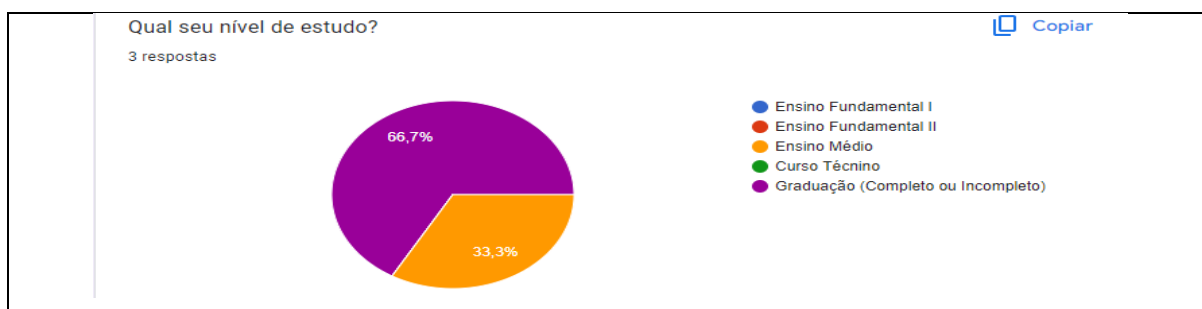
Entrevistado D – “Acho fundamental para a formação do educador ter conhecimento em LIBRAS, eu tenho diversos cursos que realizei ao longo dos anos, na minha primeira graduação não era necessário, mas já na segunda tivemos como um componente curricular a LIBRAS e Braille, precisamos diminuir ao máximo as distâncias”.

Entrevistado E – “Que a linguagem de LIBRAS deveria ser obrigatória para todos os professores e para os alunos ser ofertado ao menos o básico para a comunicação”.

Entrevistado F – “Acredito na inclusão de diferentes tipos de inclusão dentro e fora da área educacional. Como opinião, creio que a LIBRAS deveria fazer parte da disciplina de ensino e que não fosse negociável, obrigatório ou necessário apenas para quem tem contato com deficientes”.

Como o produto aplicado se trata da temática Arte e Folclore, o terceiro formulário teve perguntas relacionadas aos estudos de pessoas surdas que já terminaram a Educação Básica. Esse formulário, como já mencionado, contou com a participação de três entrevistados, vide apêndice C o formulário completo.

Gráfico 4 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

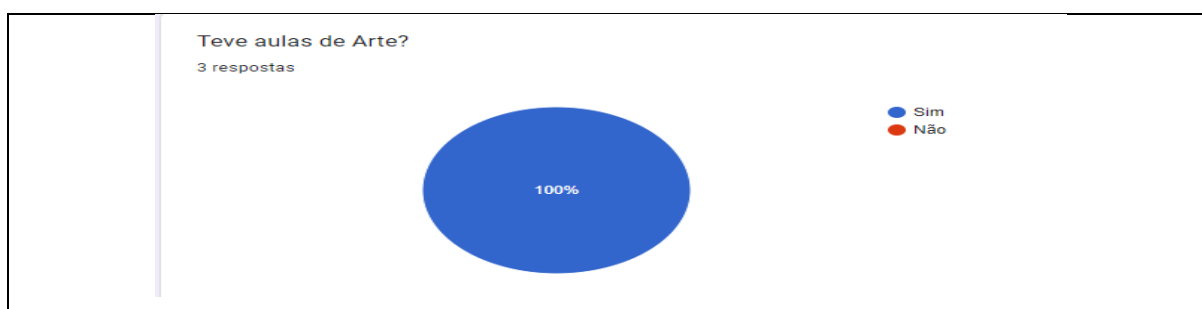
Como já mencionado no art. 205 da CF88, a educação é um direito de todos, seja da Educação Básica ao Ensino Superior. Pelo gráfico nota-se que apenas dois entrevistados conseguiram chegar a um nível mais alto.

Avançar nos níveis de estudo é de grande importância para o desenvolvimento pessoal, profissional e social. Cada nível de ensino oferece novas oportunidades de aprendizado, habilidades e perspectivas que podem impactar positivamente a vida de uma pessoa.

Pessoas com maior nível de instrução tendem a ter maior estabilidade financeira, o que se reflete em melhor acesso a serviços de saúde, habitação e qualidade de vida em geral.

Estudos mostram que pessoas mais educadas geralmente adotam estilos de vida mais saudáveis e têm uma expectativa de vida mais longa, devido ao acesso à informação e melhores condições de trabalho. Cada etapa educacional oferece ferramentas e conhecimentos valiosos que capacitam o indivíduo a enfrentar desafios complexos, ter uma carreira mais gratificante e contribuir ativamente para o desenvolvimento da sociedade.

Gráfico 5 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas



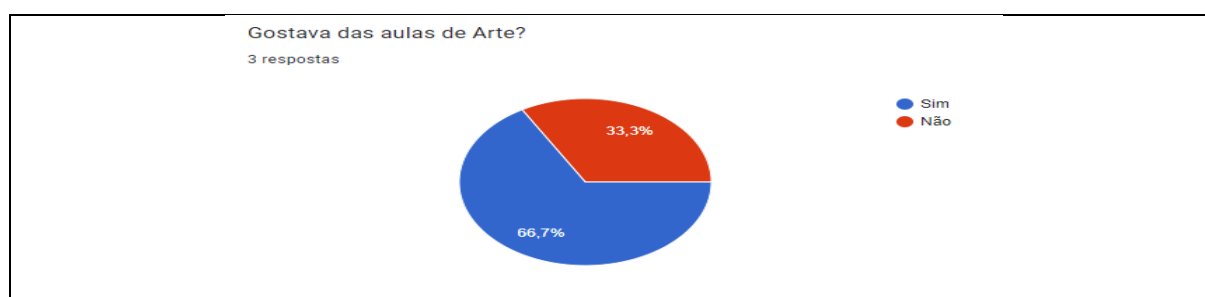
Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

Uma vez que as experiências e os conhecimentos artísticos são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, é importante levar em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva. (Brasil, 2017 p. 194)

As aulas de Arte desempenham um papel crucial no desenvolvimento educacional e pessoal dos estudantes. Elas vão além da simples criação artística, contribuindo para o crescimento cognitivo, emocional e social. As aulas de Arte permitem que os estudantes explorem sua criatividade, oferecendo um espaço para expressar suas emoções, ideias e identidades de forma visual e sensorial. Isso incentiva a originalidade e o pensamento inovador.

A Arte oferece uma forma única de comunicação, especialmente para aqueles que podem ter dificuldade em expressar-se por meio de palavras, ajudando no desenvolvimento de uma voz própria.

Gráfico 6 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas



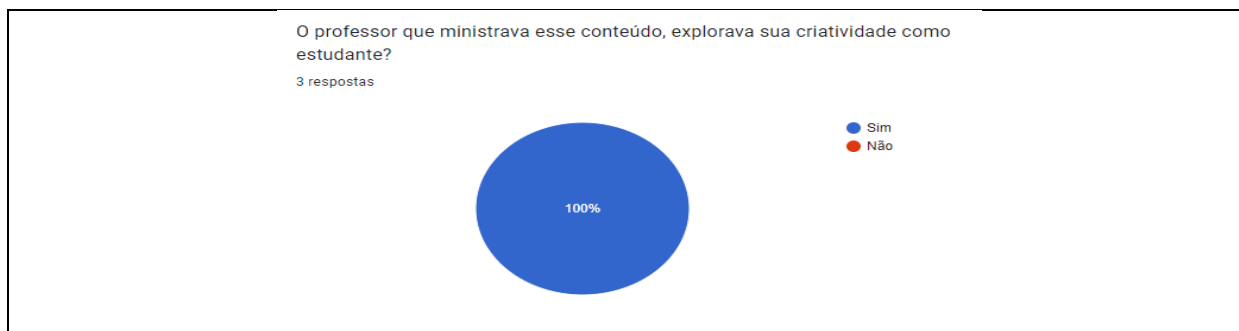
Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance. (Brasil, 2017, p.195)

As artes visuais, a música e o teatro estimulam o cérebro de maneiras diferentes, ajudando a desenvolver áreas relacionadas à coordenação motora fina, concentração, e percepção espacial e estética. A Arte frequentemente faz conexões com outras áreas do conhecimento, como história, literatura e ciências, enriquecendo o aprendizado em várias disciplinas.

Para as pessoas surdas, a linguagem da música sempre é mais difícil, e por conta disso as aulas de Arte ficam desinteressantes.

Gráfico 7 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

Para tanto, é preciso reconhecer a diversidade de saberes, experiências e práticas artísticas como modos legítimos de pensar, de experienciar e de fruir a Arte, o que coloca em evidência o caráter social e político dessas práticas. (Brasil, 2017, p. 196)

As aulas de Arte promovem o trabalho colaborativo, especialmente em projetos de grupo, onde os alunos precisam cooperar, compartilhar ideias e respeitar as perspectivas dos colegas. O ambiente artístico favorece o desenvolvimento de empatia, pois os alunos aprendem a valorizar diferentes formas de expressão e as vivências culturais dos outros.

Aulas de Arte proporcionam uma oportunidade para explorar o patrimônio cultural e artístico de diferentes civilizações e períodos históricos. Isso ajuda os alunos a entenderem e valorizarem a diversidade cultural e a preservação do patrimônio. Ao aprender sobre arte de diferentes culturas, os alunos ampliam sua compreensão do mundo e de diferentes contextos sociais e históricos, fomentando uma visão global.

Vantagens da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa:

- **Desenvolvimento Integral:** a proposta estimula o desenvolvimento das habilidades técnicas e criativas, ao mesmo tempo em que promove a capacidade de refletir criticamente sobre a arte e sua função social;
- **Interdisciplinaridade:** ao integrar história, cultura e prática artística, a proposta triangular permite uma abordagem interdisciplinar, conectando a arte a outras áreas do conhecimento;
- **Autonomia do Aluno:** os alunos são incentivados a tomar decisões criativas e a se expressar de forma pessoal e original, promovendo o desenvolvimento de sua autonomia artística e crítica.

Figura 12 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

Se a resposta anterior foi SIM, de que maneira?

3 respostas

O professor (de teatro) aprendeu muito comigo e com comunidade surda, nós não fazemos igual 100% com ouvintes por causa de surdez. Ele percebeu que precisou de estratégia.

Eu fui aprendizado por arte do professor (a) e acompanhando com tinha intérprete de Libras

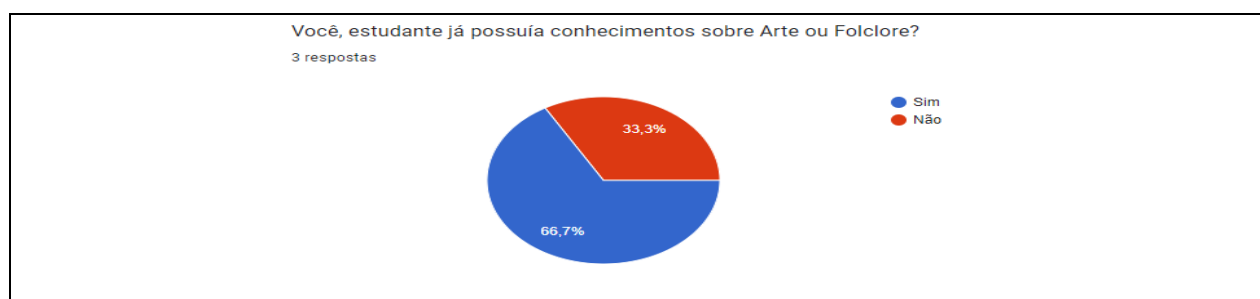
Sobre histórias, artes, desenhos, folclore, etc

Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

Sobre a primeira resposta, a entrevistada é atriz, formada em Artes Cênicas e achou seu lugar para poder expressar a sua arte. No Brasil, ainda não estamos aptos a verem artistas surdos em filmes, séries, até mesmo em novelas, mas, com artistas surdos no teatro, temos a esperança de que esse cenário irá mudar, Hollywood é um lugar de excelentes trabalhos artísticos de atuação, e vemos que essa realidade já está sendo muito bem aproveitada, como nos filmes Um Lugar Silencioso (2018) e Um Lugar Silencioso – Parte II (2020), que contam com uma atriz surda – Milicent Simmonds – que interpreta a personagem Regan Abbot, e no filme Eternos (2021), a atriz Lauren Ridloff, que interpreta a personagem Makkari, também surda, e atua o filme todo usando ASL.

As atividades artísticas proporcionam momentos de reflexão e introspecção, que são essenciais para o bem-estar emocional e mental.

Gráfico 8 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

O processo criativo muitas vezes envolve tentativas e erros, o que ensina os alunos a lidar com frustrações, persistir em suas ideias e encontrar soluções alternativas para problemas. Isso desenvolve resiliência e confiança na capacidade de superar desafios.

Em síntese, o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico, social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral. (Brasil, 2017, p. 196, 197)

Figura 13 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

O professor que ministrava esse conteúdo, soube trabalhar o tema do Folclore? Se SIM, como?

3 respostas

Não.

Não fui escolhido deste grupo, apenas alunos ouvintes discutirem.

No recinto do folclore

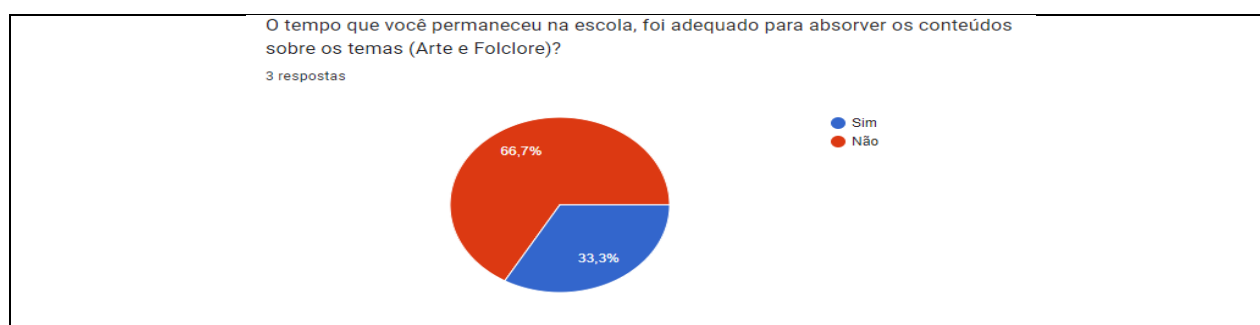
Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

A relação entre Arte e Folclore é profunda e simbiótica, já que ambos expressam a identidade cultural de um povo por meio de suas tradições, histórias e símbolos. O Folclore, constituído por narrativas orais, lendas, mitos, danças, músicas, festas, costumes e práticas tradicionais, serve de rica fonte de inspiração para as diferentes manifestações artísticas. Essa conexão proporciona um meio de preservar e transmitir a cultura popular, ao mesmo tempo em que permite sua transformação e renovação através das artes.

Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da Educação Básica e as competências específicas da área de Linguagens, o componente curricular de Arte deve garantir aos alunos o desenvolvimento de algumas competências específicas.

[...] 9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo. (Brasil, 2017, p. 197, 198)

Gráfico 9 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

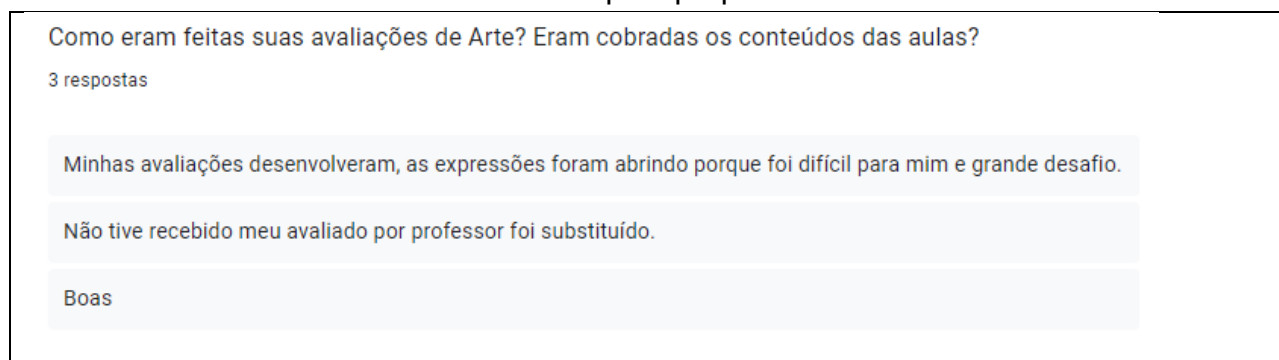
Tendo em vista o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais. (Brasil, 2017, p. 199)

O Folclore oferece uma vasta gama de histórias, personagens e símbolos que servem de inspiração para a criação artística. Pintores, escultores, dramaturgos e músicos frequentemente recorrem a temas folclóricos para representar elementos culturais enraizados nas tradições populares. Por exemplo, lendas como o Saci-Pererê, a lara e o Curupira são frequentemente retratadas em obras visuais e cênicas no Brasil.

As histórias e símbolos folclóricos permitem aos artistas explorar a narrativa visual e simbólica, reinterpretando mitos e tradições sob novas perspectivas, ao mesmo tempo em que preservam elementos culturais.

Figura 14 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.



Avaliar implica conhecer como os conteúdos de Arte são assimilados pelos estudantes a cada momento da escolaridade e reconhecer os

limites e a flexibilidade necessários para dar oportunidade à coexistência de distintos níveis de aprendizagem, num mesmo grupo de alunos. Para isso, o professor deve saber o que é adequado dentro de um campo largo de aprendizagem para cada nível escolar, ou seja, o que é relevante o aluno praticar e saber nessa área. (Brasil, 1997, p.63)

Figura 15 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

O que você aprendeu faz sentido de alguma forma? Você ensinaria o que aprendeu para outras pessoas?

3 respostas

Sim, quem me falou que tem muito tímido, como faço? Respondi que é bom fazer no teatro porque ajuda para que quem abrir como eu aprendi muito.

Não.

Eu não me interessei nessas áreas

Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

“Valorizar as fontes de documentação, preservação e acervo da produção artística.” (Brasil, 1997, p. 64)

Figura 16 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

O que você conseguiu aprender sobre o Folclore?

3 respostas

Não.

Comecei a série 6 série e não tinha intérprete. Parei de estudar com matérias.

Quadras, histórias, culturas, etc

Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

A Arte é uma ferramenta poderosa para o ensino do Folclore nas escolas. Através de atividades artísticas, como teatro, música, pintura e dança, os estudantes podem aprender sobre as tradições populares de maneira interativa e envolvente, desenvolvendo uma maior compreensão e valorização de sua herança cultural.

Tanto a Arte quanto o Folclore refletem a diversidade de uma nação. Cada região, comunidade ou grupo étnico tem suas próprias tradições e práticas folclóricas,

e a Arte é um veículo eficaz para representar essa diversidade. Ao representar diferentes tradições folclóricas por meio da arte, há um reconhecimento e valorização das múltiplas identidades culturais que compõem a sociedade.

“(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.” (Brasil, 2017, p. 211)

Figura 17 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

Foi explorado os conteúdos Artes Visuais (desenho, pintura, escultura), Dança, Música, Teatro? De que forma?

3 respostas

Teatro, como atriz.

Nunca tive. Sempre queria ser ator do teatro.

Recinto do Folclore aqui em Olímpia

Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

Explorar as quatro linguagens artísticas — artes visuais, dança, música e teatro — no ensino e na prática permite um desenvolvimento mais completo das habilidades criativas, cognitivas e expressivas. Cada linguagem possui características próprias e, ao serem trabalhadas de forma integrada ou individual, promovem uma compreensão mais profunda da Arte como um todo.

Desse modo, espera-se que o componente Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens – e no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento –, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas. (Brasil, 2017, p. 205)

Figura 18 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

O que você pode dizer sobre as aulas de Arte? Você as considera importante?

3 respostas

Importantíssimo porque a Arte é nossa vida, base.

Sim, foi importante incentivar as pessoas surdas pela inclusão escolar

Como te falei que não me interessei

Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

A Arte ajuda a desenvolver a sensibilidade estética, permitindo que os alunos apreciem a beleza, a forma e a cor nos objetos do cotidiano, além de estimular uma percepção mais profunda do mundo ao redor.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (Brasil, 1997, p. 19)

Figura 19 - Entrevista Número 3 – Pessoas Surdas

Como o professor de Arte tratava você estudante nas aulas?

3 respostas

Maravilhoso!

Provavelmente.

Bem

Fonte: Elaborado pelo próprio autor – 2024.

Ao analisar essas respostas, pode-se notar que os professores não faziam distinção de estudantes ouvintes para os estudantes surdos.

Em suma, as aulas de Arte são fundamentais no desenvolvimento integral dos estudantes, contribuindo para seu crescimento emocional, cognitivo, social e cultural. Elas promovem habilidades essenciais para a vida moderna, como criatividade,

resiliência, empatia e pensamento crítico, além de oferecer um espaço único para a expressão pessoal e a exploração de novas formas de pensar.

A Arte e o Folclore estão interligados de maneira intrínseca, com a arte servindo como um veículo para expressar, preservar e renovar as tradições folclóricas. Ao abordar temas do folclore, a Arte não apenas celebra a riqueza cultural de uma sociedade, mas também contribui para a continuidade e evolução dessas tradições, conectando o passado com o presente e garantindo sua relevância futura.

Para aqueles que desejam seguir carreiras nas áreas criativas, como design, arquitetura, moda, cinema, publicidade, entre outras, as aulas de Arte são uma base importante, oferecendo as primeiras experiências com ferramentas e conceitos do universo artístico.

5. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para a conclusão do último capítulo, o pesquisador foi até uma escola estadual e outra municipal localizada no interior do estado de São Paulo. Para isto, teve uma breve conversa com a gestão da escola, conheceu a escola e sua clientela, fez análise de alguns pontos-chaves para o termo folclore, bem como fez a aplicação do produto educacional, que é um requisito da Faculdade Ciências – UNESP Bauru.

5.1 A prática do professor nas aulas de arte e o folclore

Desde o nosso nascimento até os longos anos de vida, temos o folclore presente cotidianamente em nossa vida, o termo é derivado do inglês: folk-lore, com o os significados folk – povo e lore – conhecimento. Em suma, esse termo vem para nos contemplar em diversos saberes e vivências, como as brincadeiras, as crenças, a linguagem, músicas, histórias, lendas e tantas outras formas de expressão.

O professor Alberto Ikeda, do Instituto de Arte (IA) da UNESP – SP, na entrevista “Como trabalhar o folclore em sala de aula”,¹⁸ deixa como parâmetro essa condição de que o folclore está presente sempre em nossas vidas.

“Todas as pessoas são submetidas a essa série de conhecimentos desde o nascimento e vão, conforme a convivência, assimilando brincadeiras, gírias, expressões, o que leva à ampliação de seu universo de saberes populares”, explica o professor de cultura popular e etnomusicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Alberto Ikeda.

Em observação durante as aulas, em alguns contextos poderia ser inserida a temática folclórica, tais como as manifestações, mas isso não é mostrado como Folclore Brasileiro, ou outra forma de Folclore.

Por isso, um professor, mesmo aquele que domina sua caixa de ferramentas, toma decisões não só sobre qual ferramenta usar, mas também sobre como usá-la. (Lemov, p. 2, 2023).

O folclore vai além das lendas e mitos, e principalmente além do mês de agosto. Ikeda orienta que é preciso compreender o espectro folclore em todas as suas dimensões, ou seja, focar apenas nas lendas e mitos (Saci, Cuca, Matinta, entre outras) é um equívoco.

¹⁸ Entrevista retirada parcialmente do site Centro de Referências de Educação Integral. Disponível em <<https://educacaointegral.org.br/metodologias/como-trabalhar-com-o-folclore-em-sala-de-aula/>>. Acesso em 25/05/2024.

Infelizmente, essa será, ainda, uma realidade distante para as aulas de Artes, principalmente valorizar o tão rico Folclore Brasileiro, já que as festas internacionais, devido às escolas de idiomas, apagam muitas de nossas comemorações, tais como o Halloween e o Dia dos Mortos, não que essas não sejam importantes para demonstrar o folclore de outras culturas, muito pelo contrário, mas sim para termos uma valorização melhor sobre o Brasil.

Para dar uma amenizada nessas comemorações internacionais e valorizar o folclore no Brasil, foi instituído o Dia do Saci, sua comemoração é no mesmo dia que o Halloween, 31 de outubro.

Institui o "Dia do Saci", a ser comemorado no dia 31 de outubro, com o objetivo de valorizar a cultura nacional; tendo parecer da Comissão de Educação e Cultura, pela aprovação deste, e do PL 2762/2003, apensado, com substitutivo (relator: DEP. CHICO ALENCAR).

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º - Fica instituído o dia 31 de outubro como o "Dia do Saci", destinado a eventos culturais, folclóricos e esportivos que valorizem a cultura e as tradições brasileiras.

Art.2º - O Poder Executivo deverá introduzir em seu calendário de eventos atividades que promovam a divulgação da data em todo o País.

A escolha do dia 31 de outubro, quando é comemorado o Halloween (Dia das Bruxas) nos Estados Unidos, festa que a cada ano atrai mais crianças brasileiras, é proposital. Como muitas das tradições incorporadas à cultura brasileira, o Halloween tem sua origem em rituais celtas realizados no norte da Europa há mais de dois mil anos. (Portal Câmara dos Deputados, 2004).

O folclore, como objeto de estudos seja no seu mês de agosto ou outros meses, deve ser contemplado em todos os seus componentes curriculares, trabalhados individualmente ou coletivamente com o componente Arte, o que se chama trabalho interdisciplinar.

O professor Ikeda explica como esse repertório pode se aproximar da educação e ser trabalhado de maneira interdisciplinar. "Por exemplo, as expressões orais, como os sotaques ou regionalismos podem ser abordados em português; as receitas de bolo das avós, por exemplo, são repertório para as aulas de ciências, as cantigas e os jogos também têm essa força cultural e podem induzir a reflexões mais críticas, por exemplo, a brincadeira barra-manteiga mostra a partir do verso "barra-manteiga na fuça da nega" uma perspectiva autoritária, segregadora". (Centro de Referência em Educação Integral)

Ou seja, o professor Ikeda, mostra que é possível sim fazer esse trabalho e com boa qualidade.

Até mesmo trabalhar a valorização do Festival de Parintins, em Língua Portuguesa, Arte, História e Educação Física, um festival tão incrível de cunho totalmente brasileiro, e que nem é lembrado nas aulas.

Fazer a desmitificação de que o folclore tem um significado que é o conhecimento, a transmissão de saberes por geração, e que não é um termo à toa, ou um termo ruim, tais situações entram em relação aos batizados, é de um conhecimento nosso, é tradição das famílias, ou seja, ele é um folclore, e não é um termo maléfico, mas sim cultural.

5.2 O Folclore

O folclore é um objeto de estudo muito rico e vasto, este termo não é existente apenas no Brasil, já que grande parte do significado da palavra Folclore é saber popular, sendo ele inserido na história das pessoas e dos demais grupos sociais.

Como objeto do folclore podemos entender as festas, brincadeiras, tradições, cantigas, contos, mitos, lendas, adivinhas, entre outras coisas. Mais do que essas palavras citadas, o folclore é cultura.

Segundo Santos (2006), a raiz latina do termo cultura, proveniente do verbo colo, abrange significados que vão desde "cultivar" e "cuidar de" até "adornar" e "moda", refletindo também os conceitos de "civilização" e "educação".

Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo folclore não existe e é melhor chamar cultura, cultura popular, o que alguns chamam folclore. (Brandão, p. 23, 1984)

E claramente algumas pessoas acham que folclore e cultura são a mesma coisa ou até mesmo sinônimas.

De acordo com Brandão (p. 26, 1984), antes mesmo de ser cunhado o termo "folclore", diversos estudiosos, como historiadores, literatos, músicos eruditos, arqueólogos, antropólogos, antiquaristas, linguistas, sociólogos e outros interessados já se dedicavam ao estudo dos costumes e tradições populares que mais tarde seriam denominados folclore.

Realmente, o folclore de cada país é vasto de rico conhecimento, merece ser estudado e entendido para as todas as gerações, sejam elas as de hoje, ou as que ainda estão por vir.

Os estudos de folclore são parte de uma corrente de pensamento mundial, cuja origem remonta à Europa da segunda metade do século XIX. Ao mesmo tempo em que procuravam inovar, esses estudos são herdeiros de duas tradições intelectuais que se ocupavam anteriormente da pesquisa do popular: os Antiquários e o Romantismo. (Cavalcanti, 2002)

O nome folclore vem da fusão de outros dois, apareceram pela primeira vez em uma carta, do inglês, William John Thoms, este escreveu para a revista *The Atheneum*, de Londres, em agosto de 1856:¹⁹

“As suas páginas mostraram amiúde o interesse que toma por tudo quanto chamamos, na Inglaterra, ‘Antiguidades Populares’, ‘Literatura Popular’ (embora seja mais precisamente um saber popular que uma literatura, e que poderia ser com mais propriedade designado com uma boa palavra anglo-saxônica, FolkLore, o saber tradicional do povo) e que não perdi a esperança de conseguir a sua colaboração na tarefa de recolher as poucas espigas que ainda restam espalhadas no campo no qual os nossos antepassados poderiam ter obtido uma boa colheita...” (Brandão, apud Thoms)

Brandão (p. 27, 1984) cita que Folclore é uma palavra que já nasceu entre parênteses. A palavra proposta por Thoms não vingou de saída, e quase que o Folklore vira folclore. Ainda segundo Brandão (p. 28, 1984), após apenas 32 anos da carta de Thoms, um grupo interdisciplinar composto por tradicionalistas, mitólogos, arqueólogos, pré-historiadores, etnógrafos, antropólogos, psicólogos e filósofos estabeleceu em Londres uma Sociedade de Folclore. Posteriormente, alguns estudiosos sugeriram que "folclore" com minúscula se referisse aos modos de conhecimento do povo, enquanto "Folclore" com maiúscula designasse o conhecimento erudito que estudava aquele saber popular. Os membros da Sociedade de Folclore, fundada em 1878 na Inglaterra.

O folclore não é de pertencimento a um determinado país, região, muito menos de um povo. Câmara Cascudo, em sua obra *Folclore do Brasil*, destaca:

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE (1967, p. 9).

Como diz o autor Biasi que o termo em si já era estudado, porém sofre uma mudança apropriada na língua portuguesa.

¹⁹ Texto na íntegra nos anexos.

[...]muito antes de surgir essa definição havia historiadores, literários, músicos, arqueólogos, sociólogos que estudavam os costumes e as tradições populares que mais tarde foram denominados de folclore. A palavra folk-lore foi usada no Brasil até a década de 1930, quando a língua portuguesa sofreu uma reforma. A partir de então, com a extinção do 'k' a palavra passou a ser escrita como a conhecemos hoje: folclore. (Biasi, p. 31, 2008).

No Dicionário Aurélio (2005), encontramos três definições para folclore:

- “1. Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções.
2. Conjunto das canções populares de uma época ou região.
3. Estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes; demologia, demopsicologia”. (Dicionário Online de Português)

No Brasil, em 1951 também foi publicada a Carta do Folclore Brasileiro²⁰, que em 1995 passa por uma atualização no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, em Salvador - BH.

O I Congresso Brasileiro de Folclore, reunido nesta Capital de 22 a 31 de agosto de 1951, resolveu tornar públicos, neste documento, os princípios fundamentais, as normas de trabalho e as diretrizes que devem orientar as atividades do Folclore Brasileiro, de acordo com as conclusões aprovadas, reservando-se para publicação nos Anais aquelas deliberações de caráter transitório ou de natureza administrativa, não passíveis de sistematização dentro do critério aqui estabelecido[...]

Fernandes (2003), aponta o quanto é importante para as pessoas, desde crianças, saber e entender o que o folclore pode nos beneficiar:

Não importa apenas saber como a criança aprende e o que a criança aprende. Mas o que ela pode fazer com o que aprende. Sob certo ponto de vista, as influências socializadoras do folclore são construtivas. Elas amadurecem a capacidade de atuação social da criança. Participando do seu próprio mundo social, a criança adquire experiências e possibilidades de ajustamento ao meio social e de correspondência às expectativas dos outros (2003, p. 67).

O folclore brasileiro também é uma cultura popular e rica em diversas vertentes, tais como músicas populares, principalmente em lendas, mitos e tradições. A UNESCO definiu folclore como “sinônimo de cultura popular”, portanto cada cidadão de sua de sua região, estado, município possui sua própria história e seus princípios culturais.

²⁰ Texto na íntegra, no anexo III, do VIII Congresso Brasileiro de Folclore.

O Brasil tem um folclore rico e diversificado, que pode se manifestar em música, dança, festas e de diversas outras formas. Pertencem ao folclore, por exemplo, a religiosidade popular, a linguagem e a culinária típicas de uma região, a medicina popular e o artesanato.

Como itens do folclore, podemos entender a divisão:

Músicas folclóricas: cantigas de roda, acalentos, modinhas, cantigas de trabalho, serenatas, cantos de velório, cantos de cemitério.

Danças folclóricas: samba, baião, frevo, xaxado, maracatu, tirana, catira, quadrilha.

Festas folclóricas: Carnaval, Festas Juninas, Festa do Rosário, Festa do Divino, Congado e as Cavalhadas.

Brincadeiras, jogos e brinquedos: soltar pipa (também conhecida como papagaio), pega-pega, esconde-esconde, bola de gude, boneca de pano, pião de madeira.

O folclore entendido como cultura popular tradicional dinâmica evolui com as mudanças da sociedade. Folclore não é sobrevivência, mas cultura viva. As manifestações folclóricas são criações do povo brasileiro, embora algumas não sejam criações espontâneas, pois foram recriadas e incorporadas às tradições brasileiras (Benjamin, 2001, p. 1).

Resende (2008, p. 2) ressalta que cultura popular é frequentemente entendida como folclore ou até como cultura de massa²¹, são três expressões de um processo contínuo de mútuas influências e transformações que chegam a se confundir. Folclore é definido, habitualmente, como a cultura popular transformada em norma pela tradição. E Biasi complementa a ideia de Resende sobre a sua citação:

[...]a expressão cultura popular abrange os objetos, conhecimentos, valores e celebrações que fazem parte do modo de vida do povo e que muitas das manifestações geralmente associadas à cultura popular são comuns a todos os povos: histórias transmitidas de forma oral (contos de fadas, lendas, mitos), danças, bijuterias e enfeites, música de vários tipos, utensílios de cozinha. (2008, p.71).

O folclore brasileiro é tão rico que, no ano de 2021, a plataforma de séries e filmes Netflix lança a série “Cidade Invisível”, com atores brasileiros, que foi avaliada pelo público com a nota 4.9 de 5.0. A série teve também uma segunda temporada.

²¹ A expressão ‘Cultura de Massa’, posteriormente trocada por ‘indústria cultural’, é aquela criada com um objetivo específico de atingir a massa popular, maioria no interior de uma população transcendendo, toda e qualquer distinção de natureza social, étnica, etária, sexual ou psíquica. Todo esse conteúdo é disseminado por meio dos veículos de comunicação de massa. Fonte: <https://www.diariodoamapa.com.br/blogs/heraldo-almeida/conheca-o-que-e-cultura-de-massa-2/>. Acesso em 19/06/2024.

Ficha técnica:

Um detetive, atormentado pelas investigações de um assassinato, se envolve em uma batalha entre o mundo visível e um reino subterrâneo habitado por criaturas folclóricas.

Emissora original: Netflix

Primeiro episódio: 5 de fevereiro de 2021 (Brasil)

Criador: Carlos Saldanha

Baseado em: História desenvolvida; por Raphael Dracon; Carolina Munhóz

Duração: 35–40 minutos.

Fonte: Site Netflix

Figura 20 – Série Cidade Invisível



Cartaz de divulgação da primeira temporada. Fonte: Site Netflix.

Figura 21 – Cidade Invisível



Cena da segunda temporada, com a personagem folclórica Mula Sem Cabeça.

Fonte: Site Netflix.

5.3. Uma Didática

Cada professor em seu campo de atuação desenvolve a sua didática²², ela favorece uma aprendizagem de qualidade, priorizando o bem-estar dos alunos e facilitando o trabalho dos professores, garantindo ações seguras e precisas.

Mas, afinal, o que pode ser considerado didática? Ela pode ser considerada a forma com a qual o professor, instrutor ou mentor pode passar os aprendizados adiante para os seus pares, seja individualmente ou em grupo.

Segundo Veiga (2006, p.8), a Didática é tomada como um campo e disciplina de natureza pedagogicamente aplicada, cujo interesse se volta às finalidades educacionais e aos problemas concretos do ensino, em sintonia com as expectativas e os interesses dos aprendizes, o que demanda um espaço teórico-prático do qual seja possível entender a multiplicidade de dimensões envolvidas na docência entendida como ensino em ação.

Já na citação dos autores Gasparin (2004) e Oliveira (1988), a palavra didática surgiu da expressão grega *techné didaktiké* que se traduzia por arte ou técnica de ensinar. A expressão foi apresentada por Ratke pela primeira vez em 1617 quando publicou a obra “Introdução geral à didática ou arte de ensinar”. Posteriormente, foi divulgada por Comênio, que definiu a palavra didática através de sua obra “Didática Tcheca”, de 1631, traduzida para Latim em 1633, com o título de “Didactica Magna²³”.

Como base, nota-se que a didática é um tipo de ensino para todo e qualquer estudante, mas sempre vale ressaltar que a didática pode mudar de pessoa para pessoa, bem como a maneira que o estudante aprende, já que podemos fazer uma didática especial. Sendo assim, o que cada componente pode apresentar como problemas e como poderão ser sanados.

Cabe ressaltar ainda que didática e metodologia, embora caminhem juntas e tenham suas semelhanças, ainda possuem suas diferenças.

A palavra método constitui-se, em grego, do prefixo *meta*, cujo significado traduz as ideias de comunidade, participação ou sucessão, e *hodós*, que quer dizer via, caminho. Daí encontrarmos no próprio grego a palavra *methodos*, na acepção de caminho para chegar a um fim determinado, em que está presente a ideia de participação e

²² di·dá·ti·ca, sf

1 Técnica ou arte de ensinar, de transmitir conhecimentos.

2 PEDAG Ramo ou seção específica da pedagogia que se concentra nos conteúdos do ensino e nos processos próprios para a construção do conhecimento; ciência e arte do ensino.

Fonte: Dicionário Michaelis

²³ Comenius (1592-1670), professor, reitor de colégios e escritor fecundíssimo, foi talvez o pedagogo mais significativo do século XVII. A didática magna trata-se de obra fundamental para a compreensão do atual estágio dos métodos pedagógicos contemporâneos. Fonte: Editora Martins Fontes

sucessão, isto é, o caminho é um processo, um fazer-se com alguém alguma coisa. (Gasparin, 1994, p. 68)

E,

Numa perspectiva tradicional, o ensino caracteriza-se pela transmissão do patrimônio cultural, sendo a metodologia expositiva e as demonstrações do professor à classe o procedimento utilizado. É a didática que se resume em “dar a lição” e “tomar a lição” (p. 15). O professor é o agente e o aluno é o ouvinte. (Mizukami, 1986)

Em resumo, didática é a forma de ensinar, e metodologia é a escolha de um método para ensinar.

Em se tratando da Educação Especial, o professor deve ser muito bem preparado com a sua didática e conhecer muito bem seus estudantes, assim sempre mantendo por perto seus laudos e nunca deixar de atualizar a família para que o acompanhamento médico, de outros profissionais da saúde ou mesmo da educação possam sempre realizar um trabalho de excelência.

A didática vai oferecer ferramentas e estratégias necessárias para adaptação das necessidades e condições do estudante de educação especial, tendo didáticas mais apropriadas, os professores poderão criar um ambiente mais inclusivo e acessível para a aprendizagem do estudante.

Em relação à metodologia, ao conhecer bem seus estudantes, e saber qual metodologia usar, esta pode melhorar o aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes. Quando o professor usa métodos diferenciados, com o uso correto dos recursos ou até mesmo o uso de tecnologias assistivas, garante que os estudantes internalizem de maneira mais eficaz a aprendizagem. Outro recurso que ajuda na melhora do estudante de educação especial são os planos de ensino personalizados para cada estudante.

É e sempre será um desafio grande para os professores, sejam eles de ensino regular (principalmente com a demanda hoje da inclusão) ou de educação especial, pensar na melhor didática e metodologia para um estudante surdo, já que em muitos casos esses estudantes podem ser oralizados, letrados, ou apenas alfabetizado em LIBRAS; por uma dessas situações, foi supracitado sobre a importância de os professores estarem sempre com acesso ao laudo²⁴ do estudante, assim podem estar ciente de como é esse estudante, para que possam adequar os conteúdos para uma melhor aprendizagem, bem como a família sempre atualizar os progressos fora do ambiente escolar.

²⁴ O laudo médico do estudante, é sempre muito importante para que o professor tenha um ponto de partida para melhor trabalhar o pedagógico com seus estudantes.

Essas abordagens são cruciais para o aumento e melhoria de autonomia, autoestima dos estudantes da educação especial, ao propor experiências de sucesso e aprendizado, a didática e a metodologia contribuem para que esses estudantes se sintam cada vez mais valorizados e capacitados para o seu desenvolvimento futuro, seja na área dos estudos ou mesmo em atuação no trabalho.

A didática na educação especial se faz presente na capacidade de adaptar o processo educativo, promover a inclusão, apoiar o desenvolvimento integral dos alunos com necessidades educacionais especiais, garantindo que estes tenham oportunidades equitativas de aprender e crescer.

Ao observar as aulas da professora de Arte da U.E., nota-se que o sujeito de pesquisa não encontra problemas ao desenvolver as atividades nas aulas de Arte. Para as aulas, não há um interlocutor de LIBRAS, a professora a princípio não se mostra preocupada com essa situação, pois a estudante (que faz uso de aparelho amplificador AASI) consegue compreender todos os comandos da professora, a estudante é muito preocupada com as atividades, sempre se levantando e indo até a professora para mostrar suas atividades, quando tem suas dúvidas sempre vai até a professora, o que se nota é que a estudante sempre espera todos os outros saírem da sala para conversar um pouco com a professora. É perceptível que as duas têm uma boa relação, professor/estudante.

Os materiais utilizados em aula são as apostilas fornecidas pela rede de educação, a professora intercala com o caderno de desenho, e muitas vezes outros materiais necessários para as devidas atividades, tais como colagens, com uso de revistas, panfletos, ou coloração de desenhos, com lápis de cor ou tinta.

Em uma conversa em particular com a professora, ela relata que a estudante tem uma memória muito boa, pois sempre consegue fazer um breve relato da aula anterior.

No entanto, a estudante está começando a fazer o uso de LIBRAS, com isso será necessário, em breve, ter um interlocutor, ou que a rede faça uma formação em LIBRAS para que os professores possam fazer uma boa comunicação com ela.

6. PRODUTO

A UNESP Câmpus de Bauru, em sua Faculdade de Ciências (FC), oferece o Mestrado Profissional, no programa Docência para Educação Básica com diversas linhas de pesquisa, para obtenção do título de mestre, como requisitos: dissertação e um produto educacional aplicável a um determinado sujeito de estudo.

Para aplicação do produto educacional, foram necessários alguns passos para que o produto seja trabalhado, mencionados no capítulo da metodologia.

Para que o produto tenha um melhor desenvolvimento, existe uma disciplina oferecida aos pós-graduandos denominada “Tecnologia e Inovação: desenvolvimento de produtos na Educação Básica”; com essa disciplina, é possível fazer uma grande reflexão, afunilar e melhorar o produto. A princípio, o produto foi pensado de uma maneira, utilizando o alfabeto datilológico, mas, ao aprofundar os estudos e em conversa com as intérpretes que ajudaram na confecção do produto educacional, chegou-se à conclusão de que o melhor seria o produto estar em sinais próprios. Abaixo, seguem os primeiros protótipos, e não produto final.

O **produto final** tem como seu público-alvo estudantes surdos ou oralizados, pessoas surdas ou oralizadas, também pessoas ouvintes, já que conta com linguagem de sinais e os contos em língua portuguesa, mais os vídeos, sem restrição de idades.

Os primeiros protótipos do produto:

Figura 22 – 1º Protótipo



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2022/2023)

Durante o processo de estudo, com disciplina específica “Tecnologia e inovação: desenvolvimento de produtos na Educação Básica”, que era voltada para orientação da criação dos produtos educacionais, foi possível a criação de protótipos, e refletir o que poderia ser aplicável ou não. Ainda no processo de estudo, também houve orientações, de como prosseguir com a documentação na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, bem como a Plataforma Brasil²⁵, Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e os termos a serem utilizados como autorizações.

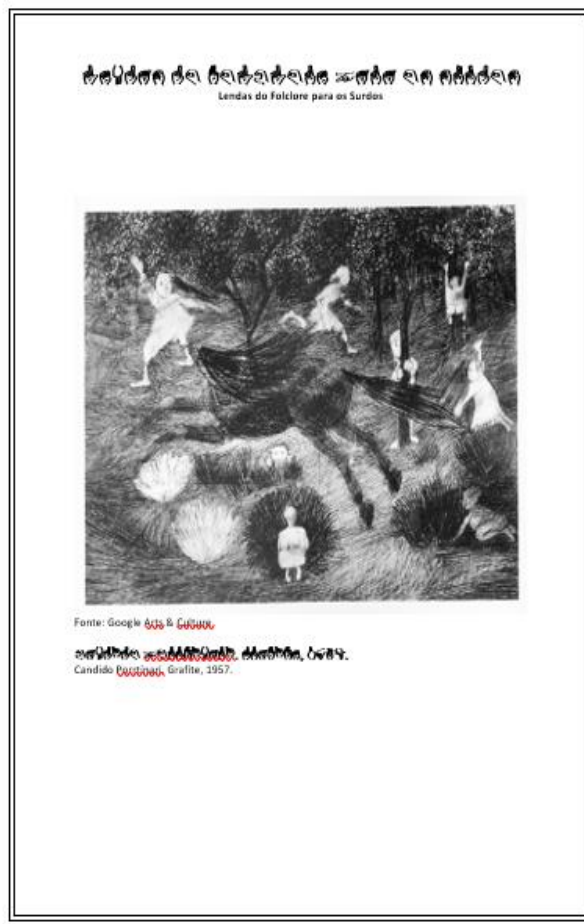
- TLCE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Em reflexão na disciplina, o produto foi pensado em algo para inclusão, porém nota-se que pessoas ouvintes estariam de fora dessa inclusão, com isso surge novamente uma nova ideia de produto seguindo um novo protótipo.

²⁵ A Plataforma Brasil é a base nacional e unificada de registros de pesquisas com seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP que articula diferentes fontes primárias de informações sobre pesquisas com seres humanos no Brasil. Quatro delas são fundamentais: pesquisadores, Comitês de Ética em Pesquisa - CEPs, CONEP e público em geral. Outras são adicionais e condicionadas ao desenvolvimento futuro da Plataforma, objetivando maior interação com agências regulatórias e de fomento a pesquisa, instituições internacionais, editores científicos etc..
Fonte: Plataforma Brasil. Disponível em https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2009/resumo_plataforma_brasil.pdf. Acesso em 11/04/2024.

Ainda seguindo com protótipos, e não versão final do produto educacional a ser aplicado para um estudante surdo.

Figura 23 – 2º Protótipo, 1ª Página



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2022/2023)

Figura 24 – 2º Protótipo, 2ª página

A Mula Sem Cabeça

Em uma noite de lua cheia, quando o vento levanta poeira e o silêncio é quebrado pelo som das folhas secas, a lenda da Mula Sem Cabeça se manifesta. Dizem que, em noites de lua cheia, a mula aparece nas estradas desertas, com uma cabeça feita de fogo. Ela é a punição para as mulheres que se casaram com padres, e como castigo se transforma nesse ser.

Para voltar a ser mulher é necessário, alguns atos:

- 1 - Usar ferraduras de prata;
- 2 - Fazer o freio do ser;
- 3 - Usar o alfinete nunca usado, ou;
- 4 - O padre amaldiçoar a amante sete vezes antes da missa.



Fonte: Pinterest

A Mula Sem Cabeça

A característica desse personagem é uma mula que no lugar de sua cabeça, tem uma **lábula** de fogo.

São mulheres que tiveram como namorado um padre, e como castigo se transforma nesse ser.

Para voltar a ser mulher é necessário, alguns atos:

- 1 - Usar ferraduras de prata;
- 2 - Fazer o freio do ser;
- 3 - Usar o alfinete nunca usado, ou;
- 4 - O padre amaldiçoar a amante sete vezes antes da missa.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2022/2023)

Figura 25 – 2º Protótipo, 3ª página

A Mula Sem Cabeça

Em uma noite de lua cheia, quando o vento levanta poeira e o silêncio é quebrado pelo som das folhas secas, a lenda da Mula Sem Cabeça se manifesta. Dizem que, em noites de lua cheia, a mula aparece nas estradas desertas, com uma cabeça feita de fogo. Ela é a punição para as mulheres que se casaram com padres, e como castigo se transforma nesse ser.

Para voltar a ser mulher é necessário, alguns atos:

- 1 - Usar ferraduras de prata;
- 2 - Fazer o freio do ser;
- 3 - Usar o alfinete nunca usado, ou;
- 4 - O padre amaldiçoar a amante sete vezes antes da missa.



Fonte: Brasil Escola

Ainda existe outra versão sobre o conto, nessa versão diz que todas as sextas-feiras, mulheres malvadas, se transformam na criatura, vai por aí relinchando assustando todos em seu caminho, galopando trombando em tudo por seu caminho.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2022/2023)

O protótipo pode ser um modelo para que haja um produto a ser desenvolvido, seja ele para testes ou já em sua forma para venda. Estes não precisam ser fiéis ao produto final, já que sua finalidade é apenas ser um rascunho da ideia a ser executada, bem como fizemos ao longo do semestre na disciplina.

Na área industrial, um protótipo é comumente considerado uma versão inicial de um novo produto. Sua principal relevância está na etapa de testes, em que as características e funcionalidades do produto são minuciosamente avaliadas (Kaminski et al., 2015). Adicionalmente, os protótipos têm um papel fundamental na fase de concepção, facilitando a comunicação entre equipes envolvidas no desenvolvimento de novos produtos (Eleverum et al., 2015).

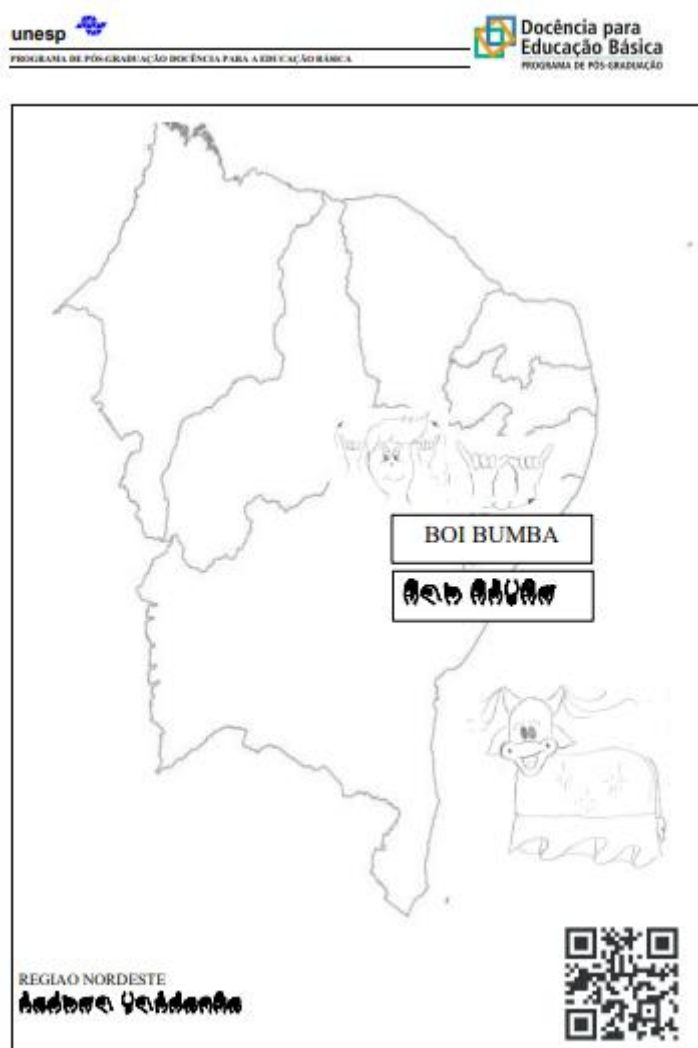
Protótipos podem variar em complexidade, desde modelos simples feitos a mão até representações altamente detalhadas e funcionais. Eles desempenham um papel fundamental no processo de design e desenvolvimento, permitindo que os designers e engenheiros avaliem e refinem suas ideias antes de investir recursos significativos na produção em grande escala.

Conforme destacado por Kamrani (2010), durante a fase de testes de protótipos para avaliação do design detalhado, é comum surgirem diversos erros de engenharia, o que muitas vezes demanda o refinamento do design do produto, possivelmente desde a fase conceitual, e a produção de novos protótipos.

Para ser aprovado, um protótipo deve satisfazer as expectativas dos futuros clientes em, no mínimo, três aspectos: estéticos, funcionais e ergonômicos (Kamrani, 2010).

O produto educacional intitulado por “Do Folclore”, passou a ser então uma cartilha com os mapas regionais do Brasil, um personagem que representa a lenda do Folclore Brasileiro em desenho mais os seus sinais em LIBRAS, tendo um QR Code para a demonstração dos vídeos com as lendas interpretadas em LIBRAS e legenda em português, para pessoas surdas e ouvintes.

Figura 26 – Protótipo 03



Fonte: Elaborado próprio autor (2024)

Houve um grande impacto para a aplicação do produto, por conta da religiosidade dos pais, que questionaram se haveria dança e quiseram saber quais seriam as lendas trabalhadas – em relação à lenda da Mula Sem Cabeça, os pais se mostraram resistentes, pedindo ao pesquisador para que não a usasse devido a questões religiosas. Também houve resistência na lenda do Bumba Meu Boi, pois os pais relataram que estava muito voltada ao espiritismo. Felizmente, os pais são muito abertos à conversa, e o pesquisador, juntamente com a professora de AEE, explicou-lhes melhor sobre as lendas, principalmente os aspectos culturais que elas têm no meio artístico, cultural e histórico.

Em relação ao produto final, o pesquisador foi até a unidade escolar, depois do parecer deliberativo da Secretaria de Educação, conversou com a diretora e explicou a respeito do produto e o sujeito para o qual seria aplicado. Após isso, fez uma visita

pelo prédio escolar conhecendo os espaços, bem como fez perguntas à diretora sobre o funcionamento da escola.

O sujeito para aplicação do produto se trata de uma estudante surda, do 6º ano, de 11 anos. Durante seus estudos do Ensino Fundamental I, ela frequentava outra escola da rede municipal. No decorrer de seus cinco anos nessa escola, nunca frequentou Atendimento Especializado Educacional (AEE), bem como também não participa da comunidade surda, também não fazia uso da Língua de Sinais, por opção dos pais. A estudante faz uso do AASI todos os dias em aula.

Na primeira semana de aplicação do produto, o pesquisador foi até a escola, conversou com a diretora, explicou sobre o trabalho, o tempo de aplicação, o que se espera como resultado, conheceu a escola, seus espaços físicos, e questionou a diretora a respeito de equipamentos, atendimento aos estudantes, pais etc.

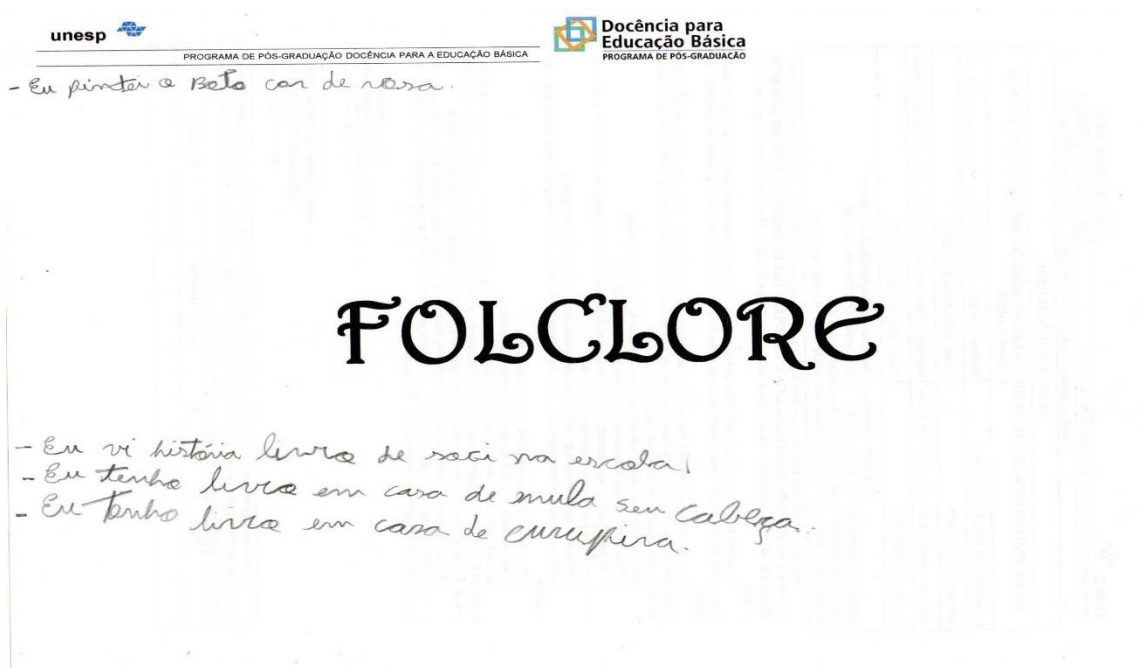
Ainda nessa semana, o pesquisador conheceu, juntamente com a professora de AEE, o sujeito de pesquisa, foi explicado para ela o que era um trabalho acadêmico, que não iria ferir sua integridade ou religião, também foram feitas perguntas básicas como:

- Nome, idade;
- Você sabe LIBRAS?
- Gosta de estudar?
- Alguém já te explicou sobre o folclore?
- O que você se lembra do folclore?

A estudante apontou que sabe pouco de LIBRAS, pois não era autorizada a usar língua de sinais, infelizmente. Gosta de estudar e, como era a primeira semana, ficou evidente que estava um pouco envergonhada, então, na questão sobre o folclore, não respondeu muita coisa a princípio, disse que não sabia o que era, e que não se lembrava dessa contextualização histórica e cultural.

Após um pouco mais de conversa, juntamente com a professora de AEE, a estudante foi ficando mais tranquila, desinibida, então o pesquisador mostrou alguns personagens folclóricos para que a estudante tivesse um pouco mais de base sobre o conteúdo que estava sendo estudado no momento ali, então foi feito um mapa mental para que ela escrevesse com suas próprias palavras o que lembrava a respeito do folclore. Em suas palavras, fica evidente que ainda nas escolas o folclore é abordado apenas no mês de agosto, e apenas seus personagens mais populares. Segue abaixo uma ilustração feita pela estudante, relatando o que se lembra do folclore:

Figura 27 – Mapa de aprendizagem do sujeito de pesquisa sobre o tema.

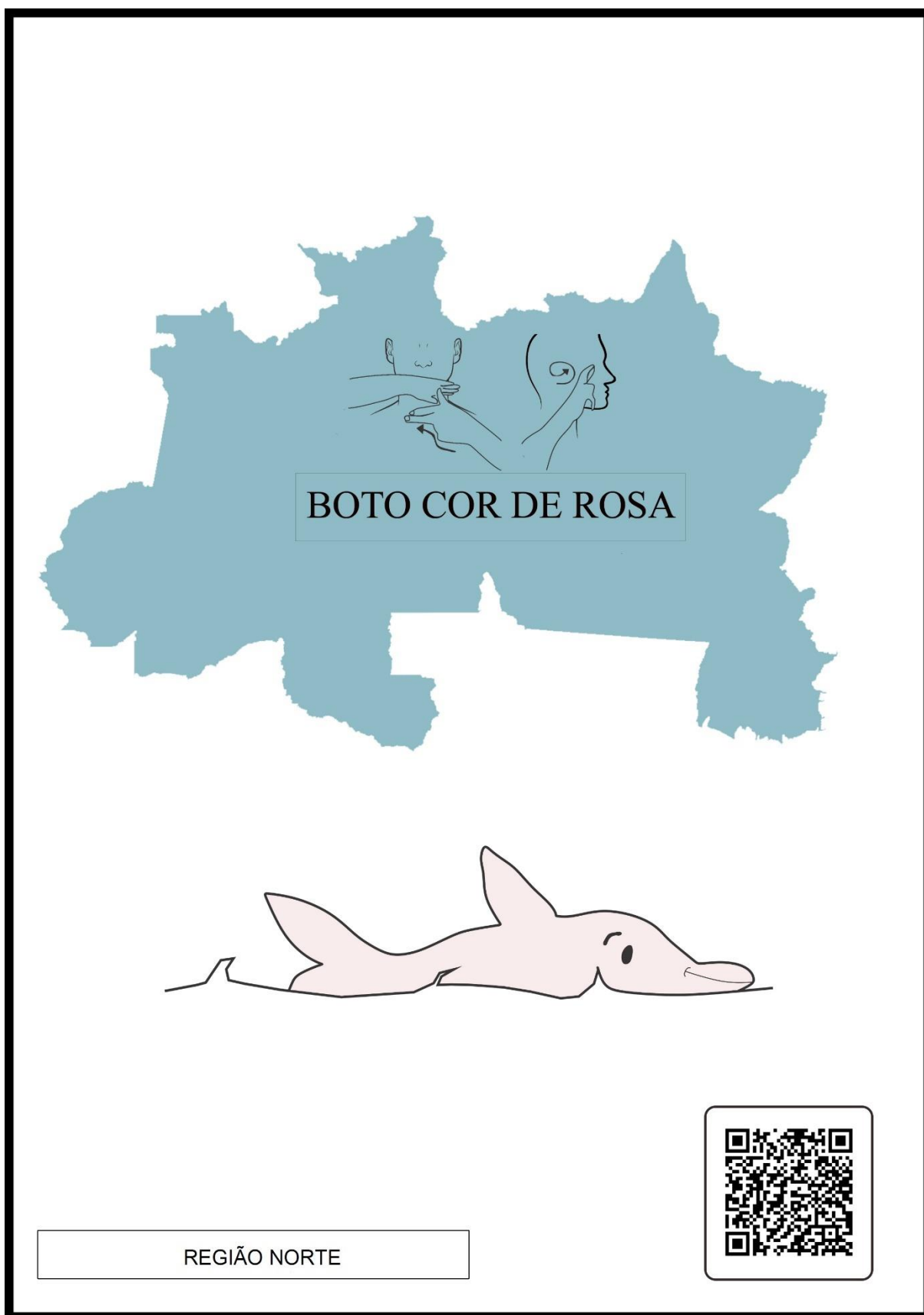


Fonte: Elaborado pelo próprio autor, respondido pelo sujeito de pesquisa (2024)

Cabe ressaltar que a estudante para a qual foi aplicado o produto é uma surda oralizada, e mesmo assim não tem conhecimento de algumas palavras que fazem ligação, tais como “no”, “na”, “para”, mas essa situação faz parte da cultura surda. Para este mapa, a estudante foi brevemente auxiliada pela professora de AEE, que sempre acompanha a aplicação do produto, até mesmo por uma questão dos pais.

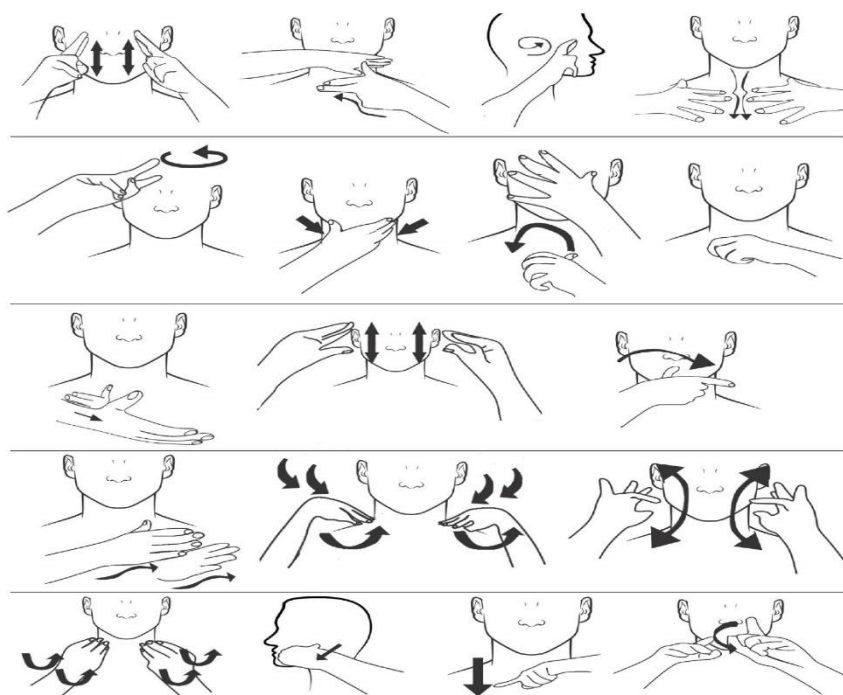
Versão final do produto que foi aplicado:

Figura 28 – Produto Educacional, Página 01



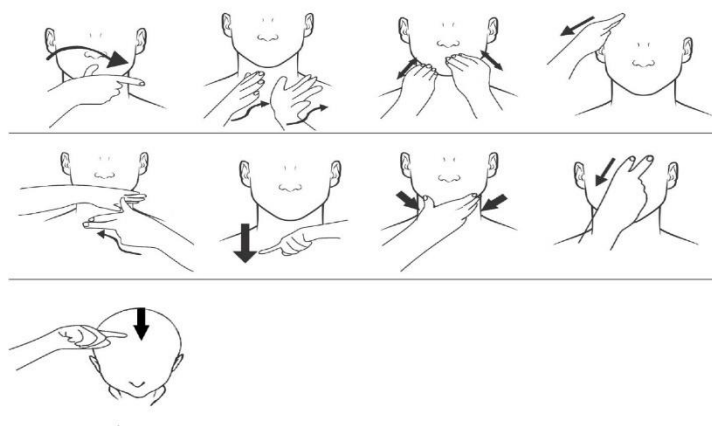
Fonte: Elaborado pelo próprio autor, em parceria com desenhista virtual (2024)

Figura 29 – Produto Educacional, Página 02



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, em parceria com desenhista virtual (2024)

Figura 30 – Produto Educacional, Página 03



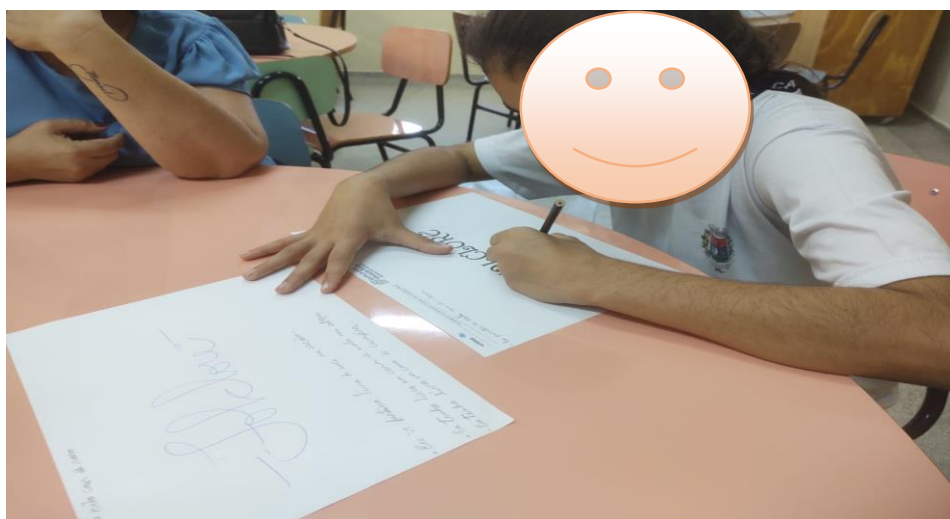
Boto Cor de Rosa

Nesta história, um homem muito bonito, de roupa branca e chapéu, sai às noites do rio, para namorar com as mulheres, depois de encantar as mulheres as engravida, e volta para o rio, se transformando em boto cor de rosa, para saber se é o boto, precisa notar um furo em sua cabeça.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, em parceria com desenhista virtual (2024)

A primeira aplicação do produto foi com a lenda do Boto Cor-de-Rosa.

Figura 31 – Sujeito de Pesquisa mostrando o seu entendimento sobre o Folclore.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Figura 32 – Sujeito de Pesquisa interagindo sobre a lenda, juntamente com a professora de AEE.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Figura 33 – Sujeito de pesquisa escrevendo seu entendimento sobre a lenda.



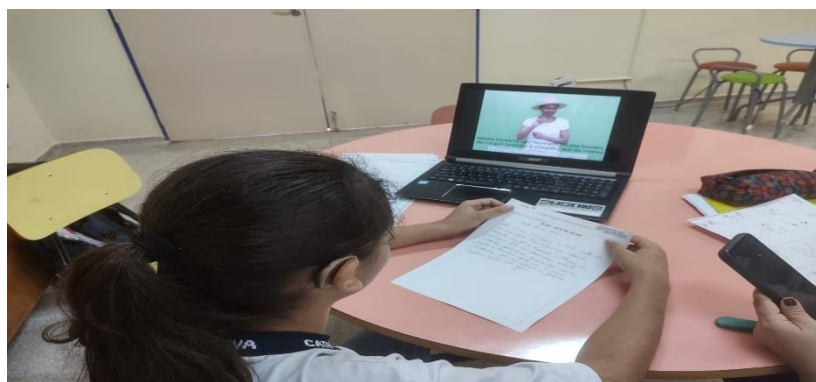
Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Figura 34 – Sujeito de pesquisa escrevendo seu entendimento sobre a lenda, juntamente com o pesquisador e a professora de AEE.



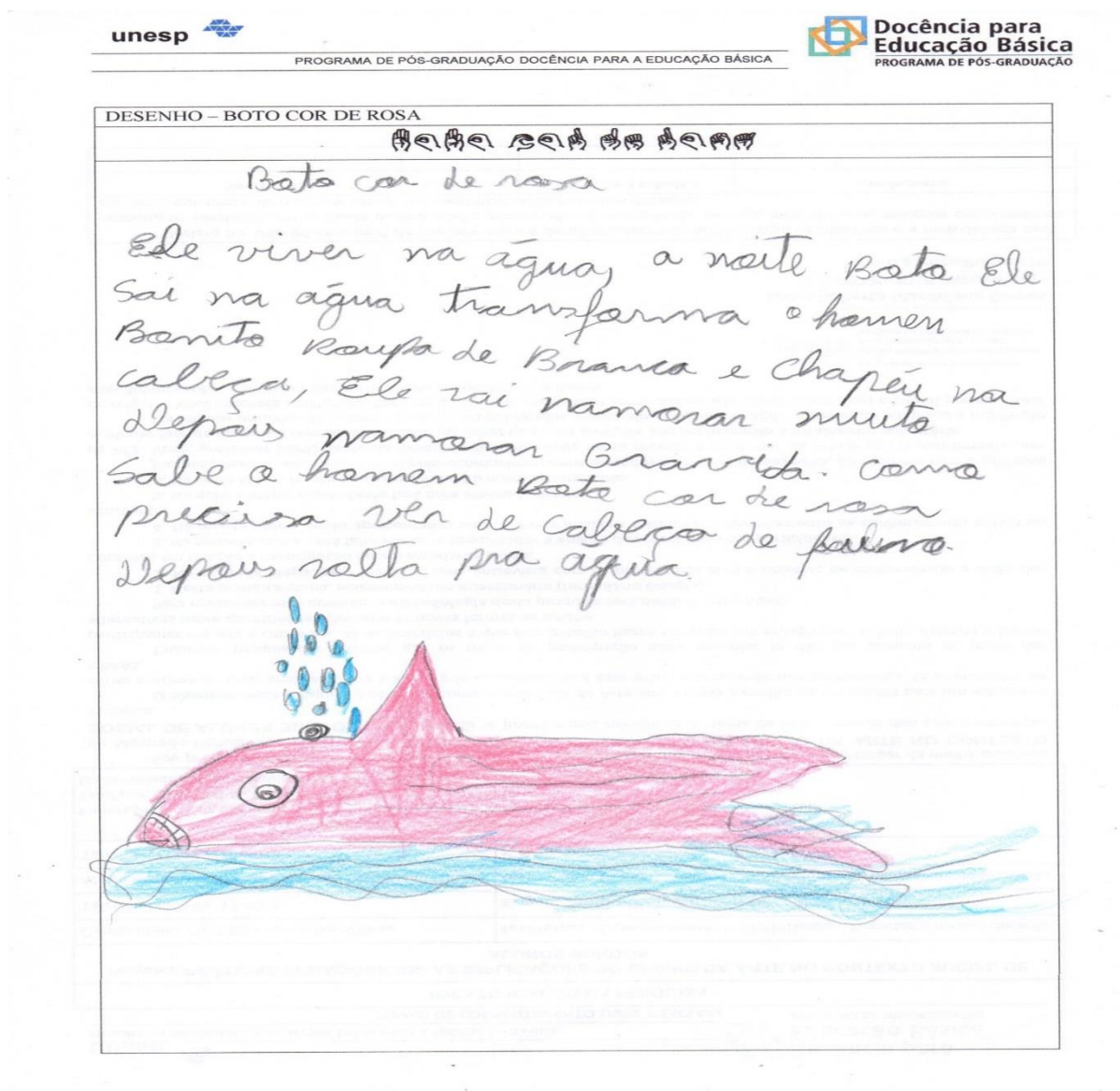
Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Figura 35 – Sujeito de pesquisa assistindo aos vídeos sobre a lenda Boto Cor-de-Rosa.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2024)

Figura 36 – Entendimento e desenho do Sujeito de Pesquisa sobre a lenda.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, juntamente com o sujeito de pesquisa.

Na primeira semana de aplicação do produto final²⁶, como visualizado nas imagens, a lenda utilizada foi a do Boto Cor-de-Rosa (Norte). Para cada aplicação de lenda, a estudante assistia ao vídeo, escrevia seu entendimento²⁷ e fazia o desenho. Após isso, o pesquisador, juntamente com a professora de AEE, intervinha, mostrando como era o personagem, explicando melhor sobre a lenda, e lhe dava as fichas com a lenda em LIBRAS para a estudante reproduzir.

²⁶ Vide o produto completo nos anexos.

²⁷ Todos os relatos na íntegra nos anexos.

Na segunda semana foi a vez da lenda do Bumba Meu Boi (Nordeste), a estudante assistiu ao vídeo com tranquilidade, mas relatou que não gostou, pois tem medo de boi. Pelo desenho, notou-se que a estudante não tem conhecimento sobre essa lenda, pois o seu desenho foi de um boi realmente de fazenda.

Na terceira semana, a lenda foi a do Lobisomem (Centro-Oeste), na quarta semana a Mula Sem-Cabeça (Sudeste) e, por último, uma lenda também não muito comum, que é a do Negrinho do Pastoreio (Sul), ressaltando que cada uma dessas lendas é de uma região específica de nosso país. A estudante ainda relatou que gostaria de que tivesse a lenda do Saci.

Para a finalização do produto educacional, foi feito um relato da estudante e, também, da professora de AEE (vide anexos).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo, apontaremos nossas considerações finais após vários meses de leitura, pesquisa, coleta e análise de dados.

A luta em favor dos estudantes com surdez ainda é grande, mas com o passar dos anos, é notável que cada vez mais pessoas abraçam a causa. Em relação a omnilateralidade, ainda é evidente que pouco se é oferecido aos estudantes com deficiência em seu período escolar e que pouco se pensa em suas formações futuras para o mercado de trabalho. Seguindo os relatos dos professores entrevistados, as universidades deveriam aumentar a carga horária da disciplina curricular em LIBRAS, bem como oferecer aulas específicas para cada componente curricular, que então deveriam estar separados em dois módulos, pelo menos – um módulo com os itens básicos da LIBRAS, e um específico –, porém os profissionais que lecionam para estudantes surdos devem procurar aperfeiçoar sua formação.

É sempre difícil receber notícias que não queremos, principalmente aos pais que sempre são muito preocupados com a saúde e o bem-estar de seus filhos, estes devem estar preparados para terem aceitação quando a notícia é de que o filho tem uma deficiência. A religião é importante para todos os seres humanos, faz parte da nossa vida, da nossa história, mas a religião também é um folclore, e quando se trata de folclore, ele não está ligado a coisas ruins, muito pelo contrário, ele está intimamente ligado com essa tradição de manter, de ter uma cultura.

Analisando a estudante, nota-se que muitos profissionais de fonoaudiologia (nem todos) ainda insistem que os surdos falem ao invés de usarem a língua de sinais, falta uma pequena compreensão para pessoas surdas.

Os professores do Ensino Fundamental I também devem ter mais atenção com os seus estudantes; ao notar algo de diferente, comunicar os pais para possam buscar um profissional adequado para melhor entendimento do que acontece, como no caso da estudante para a qual foi aplicado o produto, que ficou por cinco anos na mesma escola e não foi percebido que era uma estudante surda. Também que os professores possam mostrar aos estudantes que o Folclore é de suma importância em nosso país, que ele não acontece apenas no mês de agosto, e muito menos que é apenas uma coletânea de personagens de lendas folclóricas. Que as redes de ensino possam ofertar cada vez mais e sempre cursos de formação em LIBRAS para todos os profissionais da área da educação. Bem como possa ser pensado em tornar a LIBRAS como um componente curricular pelo menos para o Ensino Fundamental II e Médio.

REFERÊNCIAS

Acessibilidade em Mãos. Disponível em <<https://acessibilidadeemmaos.wordpress.com/2017/01/30/alfabeto-manual/>>.

Acesso em 28/03/2023.

ALBUQUERQUE, R. C. de. A Lei de prevenção de doenças hereditárias e o programa de eutanásia durante a segunda guerra mundial. *Revista CEJ*, 43-51. Disponível em: <<http://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/961>>. Acesso em 28/03/2023.

ARANHA, M. S. **Paradigmas da relação da sociedade com as com deficiência**. Revista do Ministério Público do Trabalho, Ano XI, nº 21, março, 2001, pp.160-173.

AULETE, Caldas. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Lexikon, 2024. Disponível em <<https://www.aulete.com.br/arte>>. Acesso em 25/06/2024.

ASSUMPÇÃO

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: Conflitos/acertos. Editora Max Limonad Ltda. São Paulo, 1985.

BARBOSA, Ana Mae (org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. São Paulo. 6ª edição. 2010. CAVA, Laura Celia Sant`Ana Cabral. **Ensino das artes nos anos iniciais**. São Paulo: Pearson Hall, 2009.

BARBOSA, Ana Mae et al. A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BARBOSA ANA MAE (Org.). Arte/educação Contemporânea: Consonâncias internacionais, 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARSA. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Grupo Planeta, 2008.

BENJAMIN, R. Palestra proferida no Seminário Patrimônio Cultural e Identidade Nacional, na Câmara dos Deputados nos dias 25 e 26 de setembro de 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei nº. 9.394**, de 23 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso 02/2023.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em 28/03/2023.

BIASI, L. M. Escola, Folclore e Cultura: Perspectivas políticas e pedagógicas. 2008
BÍBLIA SAGRADA. 100ª edição. São Paulo: Ave Maria. Edição Claretiana, 1995.

BRANDÃO, C. R. O que é folclore? 4ª Edição. São Paulo. Brasiliense, 1984.

BRASIL, Base Nacional Curricular Comum, 2017.

BRASIL, DECRETO LEGISLATIVO Nº 186, DE 09 DE JULHO DE 2008.

BUORO, A. B. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2000.

BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. Tradução Denise Bootmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. O que é história Cultural. Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANAL DO ENSINO, Disponível em <<https://canaldoensino.com.br/blog/quais-sao-as-diferencas-entre-artes-e-educacao-artistica>>. Acesso em 02/2023.

CARVALHO, P. V. História dos Surdos no Mundo. Editora Surd'Universo. (ISBN 978-989-95254-4-1-2). Lisboa 2007.

Contemporartes. Disponível em <<https://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangular-de-ana-mae-barbosa/>> Acesso em 25/05/2023.

CAVALCANTI, M. L. Entendendo o folclore. Disponível em <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53422612/entendendo_o_folclore-libre.pdf?1496850029=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DENTENDENDO_O_FOLCLORE.pdf&Expires=1715263973&Signature=F0mpcGw0W6tiWvFLg-93wSvTF~FgjrgHrjIWw~0Gh1nXlzPLCLije7lxtjkEVBhaADgmcSOKBfEum0~5VpbruyHQct-FopNoG6XIT~WI7zOIEaZSjXHIOcTIs7K9Umt9ih2nQK7agQRCT39lMA1EqFG9PucyiUaxqZcPcWCTRulxFrNxIFXjMHa1Nwq6QiCq~IRSG~Qb8sxIFJOYGe7bklz8ZJA0Z0WDAh70iVSxU7iWTnLV61XhjsaZCkqTCxiglyuyL9z5dnoetZ48osvTMw2UKRub0CnAzS-ktiDUvnQ2ucRqTA1HRKVjtWvHkXH27rfhTZifP6m-6bAYIL-gw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA> Acesso em 09/05/2024.

CORRÊA, A. D.; NUNES, A. L. R. (org). O ensino das artes visuais: Uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: UFSM, 2006.

CRUVINEL, T. Qual o futuro da disciplina Arte a partir da BNCC do Ensino Médio?. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 1-23, 2021. DOI: 10.5965/1414573101402021e0206. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18970>. Acesso em: 03/05/2023.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: sobre princípios, política e prática em educação especial. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 23/03/2023.

DERDIK, Edith. Formas de Pensar o desenho: Desenvolvimento do Grafismo Infantil. São Paulo. Scipione, 1989.

Editora Martins Fontes. Didática Magna, Comenius Disponível em <<https://www.wmfmartinsfontes.com.br/produto/didatica-magna-772>> Acesso em 16/05/2024.

Educação Integraral. Disponível em <<https://educacaointegral.org.br/metodologias/como-trabalhar-com-o-folclore-em-sala-de-aula/>>. Acesso em 25/05/2024.

ELVERUM, Christer W., WELO, Torgeir. On the use of directional and incremental prototyping in the development of high novelty products: Two case studies in the automotive industry. Journal of Engineering and Technology Management, 2015, pg. 71-88.

Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa759/ana-mae-barbosa#:~:text=Ana%20Mae%20Tavares%20Bastos%20Barbosa,e%20a%20hist%C3%B3ria%20da%20arte>. Acesso em 13/12/2023.

Escola de Formação dos Profissionais da Educação - EFAPE. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/ensino-medio/>. Acesso em 03/05/2023.

Espaço do Conhecimento UFMG. Disponível em <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/a-historia-do-setembro-azul-ou-setembro-surdo/>> Acesso em 29/03/2023.

Estatuto da Pessoa com Deficiência. – 3. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. Perspectiva, Florianópolis, v. 19, p. 71-87, jan-jun - 2001.

GASPARIN, J. L. Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos. Campinas: Papirus, 1994.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Parábola Ed., 2009.

GLAT, Rosana. Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

GOULART, Tharciana. LAMPERT, Jocieli. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. Disponível no site https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28262/2/ULFBA_MatPrima_V5N1_p.88-95.pdf Acesso em 10/07/2023.

GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. Plexus Editora, 2007.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed. 2003.

JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do Ensino de Teatro. Campinas: Papirus Editora, 2003.

INES. Disponível em <<https://www.gov.br/ines/pt-br>>. Acesso em 29/03/2023.

IPHAN. Carta do Folclore Brasileiro. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/CartadoFolcloreBrasileiro1995.pdf>> Acesso em 11/05/2024.

KAMINSKI, Paulo Carlos, DA SILVA, Guilherme Canuto. Selection of virtual and physical prototypes in the product development process. The International Journal of Advanced Manufacturing Technology, 2015.

KAMRANI, A. K., NASR, E. A. Product Development Process. Engineering Design and Rapid Prototyping, 2010.

KANTON, Katia. Fabriqueta de ideias. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas 2013.

LEMOV, D. Aula nota 10 3.0: 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula. 3. Ed. Porto Alegre: Penso, 2023.

MANACORDA, M. A. O princípio educativo em Gramsci. Porto Alegre: Artmed, 1990.

MANACORDA, Mario A. Marx e a pedagogia moderna [tradução Newton Ramos de Oliveira]. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo, Alfa-Omega, s/d.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004

MELUCCI, A. Um objeto para os movimentos sociais? Lua nova: Revista de Cultura e Política. n.17. Movimentos Sociais: questões conceituais artigos. São Paulo: jun.1989.

MICHAELIS. Dicionário on-line. São Paulo: Autêntica, 2008. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=did%C3%A1tica>> Acesso em 16/05/2024.

MOURA, D. H. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?. Educação e Pesquisa, v. 39, n. 3, p. 705-720, 2013.

NEVES, Sandra Garcia. A produção omnilateral do homem. – 2009.

CORRÊA, A. D.; NUNES, A. L. R. (org). O ensino das artes visuais: Uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: UFSM, 2006.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OAB. Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo. Disponível em <<https://www.oabsp.org.br/portaldamemoria/datas-comemorativas/dia-nacional-das-artes/>>. Acesso em 12/12/2023.

O Globo, Rio Show. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rioshow/noticia/2023/06/no-dia-de-sao-joao-saiba-a-origem-da-festa-curiosidades-e-costumes.ghtml>> Acesso em 12/12/2023.

OLIVEIRA, M. R. N. S. O conteúdo da didática: um discurso da neutralidade científica. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

OPPITZ, Paola de Farias. AULA DE ARTE SEM PROFESSOR DE ARTE: APONTAMENTOS DE UMA REALIDADE GAÚCHA. Revista Nupeart, Vol. 17, 2017.

Portal Câmara dos Deputados. Disponível em <[PLETSCH, M. D. A escolarização de pessoas com deficiência intelectual no Brasil: da institucionalização às políticas de inclusão \(1973-2013\). Archivos Analíticos de Políticas Educativas, v. 22, p. 1-25, 2014.](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=301007&filename=Avulso%20PL%202479/2003#:~:text=SUBSTITUTIVO%20AO%20PROJETO%20DE%20LEI,de%20valorizar%20a%20cultura%20nacional.&text=folclore%2C%20a%20cultura%20e%20as%20tradi%C3%A7%C3%B5es%20brasileiras.&text=em%20seu%20calend%C3%A1rio-,de%20eventos%2C%20atividades%20que%20promovam%20a%20divulga%C3%A7%C3%A3o,data%20em%20todo%20o%20Pa%C3%ADs.>Acesso em 25/05/2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

PROENÇA, Graça. Descobrimos a história da arte. 1.ed. São Paulo: Ática. 2005.

Senado Notícias. Disponível em
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica#:~:text=San%C3%A7%C3%B5es%2FVetos%20Cultura-,Lei%20inclui%20artes%20visuais%2C%20dan%C3%A7a%2C%20m%C3%BAica%20e%20teatro,no%20curr%C3%ADculo%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica&text=Foi%20publicada%20nesta%20quarta%2Dfeira,diversos%20n%C3%ADveis%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica>. Acesso em 12/12/2023.

RESENDE, Lenise. Cultura Popular Brasileira e Folclore. Disponível em: <http://www.lendorelendogabi.com/index.html>. Acesso em: 19/06/2024.

SANTOS, Gilson. Três Pilares no Conceito Secular de “Cultura”. 2006. Disponível em: Acesso em: 11/04/2024.

SESI-SP. Caderno de artes visuais: volume I. São Paulo: SESI-SP. 2016.

SILVA, Otto Marques da. A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e hoje. São Paulo: Dedas, 1986.

SPOZATI, Aldaíza (Coord.). **Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 1996.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. Ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

Terra. Disponível em https://www.terra.com.br/noticias/educacao/governo-de-sp-anuncia-mudancas-na-matriz-curricular-do-ensino-publico-veja-o-que-mudou,f323d905d4ff403c711d5d63efd60b335ub3hjrr.html?utm_source=clipboard
 Acesso em 20/12/2023.

VEIGA, L. P. A Escola: espaço do projeto político pedagógico e colaboradores. **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção possível. Papirus Campinas/SP, 1999.

_____. Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata. In: VEIGA, I.P.A (org). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008.

VILLELA. Fábio F. Todo Mundo pode ser Artista! **Jornal na Educação**. São José do Rio Preto - SP, p.4 - 4, 2008.

Apêndice A – Entrevista 01

Professor Lauro Roberto Martiniano Gomes

Perguntas para uma pesquisa de Mestrado, não constará identificação do participante, sendo a sua participação voluntária

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. Autorizo responder: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

3. Nome, Escola *

4. Afinal, o que é Arte?

5. Como vem sendo o trabalhado o componente Arte na escola? *

Apêndice B – Entrevista 02

Professor Lauro Roberto Martiniano Gomes

Entrevista para uma pesquisa de Mestrado (UNESP Bauru), não constará identificação do participante, sendo a sua participação voluntária.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. Autoriza responder? *

Marcar apenas uma oval.

☐ SIM

☐ Não

3. Há quanto leciona o componente curricular Arte? *

Marcar apenas uma oval.

☐ 1 ano

☐ 2 anos

☐ 5 anos

☐ 10 anos ou mais

4. Já teve um estudante surdo? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

5. Se sim, esse estudante surdo tinha intérprete? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Não tive aluno surdo

6. Você acredita que o estudante surdo tem as mesmas capacidades que os *
* estudantes ouvintes para a aula de Arte?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

7. Você sabe LIBRAS? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ O Básico

8. Você se sente capaz para trabalhar com um estudante surdo, sem um *
interlocutor?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

9. Como você trabalharia com um estudante surdo, em seu componente curricular * Arte, sem auxílio de um interlocutor?
10. Como você, professor de Arte, trabalharia as quatro linguagens com um *
estudante surdo? Pense em duas situações: uma tendo o interlocutor, outra sem o interlocutor
11. Você acredita que os professores deveriam saber LIBRAS? Por quê? *
12. Na rede que você atua com o componente Arte já foi ofertado o curso de *
LIBRAS ou uma capacitação de como trabalhar com o aluno surdo?
13. Outras considerações, opiniões que queira deixar. *

Apêndice C – Entrevista 03

Entrevista para uma pesquisa de Mestrado (UNESP Bauru), não constará identificação do participante, sendo a sua participação voluntária. Professor responsável Lauro Roberto Martiniano Gomes.

lauro.gomes@unesp.br

1 - Autoriza responder?*

Sim

Não

2 - Qual seu nível de estudo?*

Ensino Fundamental I

Ensino Fundamental II

Ensino Médio

Curso Técnico

Graduação (Completo ou Incompleto)

3 - Teve aulas de Arte?*

Sim

Não

4 - Gostava das aulas de Arte?*

Sim

Não

5 – O professor que ministrava essa aula se importava com o aprendizado enquanto você era estudante nas aulas de Arte?*

Sim

Não

6 – O professor que ministrava esse conteúdo explorava sua criatividade como estudante?*

Sim

Não

7 - Se a resposta anterior foi SIM, de que maneira?*

8 - Você, estudante, já possuía conhecimentos sobre Arte ou Folclore?*

Sim

Não

9 - O professor que ministrava esse conteúdo soube trabalhar o tema do Folclore?

Se SIM, como?*

10 – O tempo que você permaneceu na escola foi adequado para absorver os conteúdos sobre os temas (Arte e Folclore)?*

Sim

Não

11 - Como eram feitas suas avaliações de Arte? Eram cobrados os conteúdos das aulas? *

12 - O que você aprendeu faz sentido de alguma forma? Você ensinaria o que aprendeu para outras pessoas?*

13 - O que você conseguiu aprender sobre o Folclore?*

14 - Foi explorado os conteúdos Artes Visuais (desenho, pintura, escultura), Dança, Música, Teatro? De que forma?*

15 - O que você pode dizer sobre as aulas de Arte? Você as considera importantes?*

16 - Como o professor de Arte tratava você estudante nas aulas?*

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários

Apêndice E – Protótipo 02 – 3 páginas

പ്രകൃതിയുടെ മറ്റൊരു ഭാഗമാണ് ജന്മം എന്ന നല്ലതാണ്
Lendas do Folclore para os Surdos



ഉഷ്ണകാലം അനുഭവിക്കുന്നു. കർമ്മകൃഷ്ണ, 1957.
Candido Portinari. Grafite, 1957.

ഒരു പുതിയ കഥ ഉണ്ടാകട്ടെ

ഒരു വെളിച്ചമില്ലാത്ത രാത്രിയിൽ ജനങ്ങൾക്കിടയിൽ ഒരു പുതിയ കഥ ഉണ്ടാകട്ടെ. പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ. പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ.

ജനങ്ങൾക്കിടയിൽ ഒരു പുതിയ കഥ ഉണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ.

1 - പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ;

2 - പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ;

3 - പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ;

4 - പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ, പുതിയ കഥയ്ക്ക് ഒരു പുതിയ വെളിച്ചമുണ്ടാകട്ടെ.



A Mula Sem Cabeça

A característica desse personagem é uma mula que no lugar de sua cabeça, tem uma labareda de fogo.

São mulheres que tiveram como namorado um padre, e como castigo se transforma nesse ser. Para voltar a ser mulher é necessário, alguns atos:

- 1 - tirar suas ferraduras de prata;
- 2 - tirar o freio do ser;
- 3 - espetar com alfinete nunca usado, ou;
- 4 - o padre amaldiçoar a amante sete vezes antes da missa.

காபுறக் கதிகதிக வந்திருக்கிற கதிகதிக வானத்தில் வானத்தில், புகழ்க்க
கதிகதிக வானத்தில் புகழ் புகழ் புகழ்க்க கதிகதிக-கதிகதிக, புகழ் புகழ்க்க
புகழ்க்ககதிக, கதிகதிகபுகழ்க்க புகழ் வானத்தில், கதிகதிக வானத்தில்
கதிகதிகபுகழ்க்க கதிகதிகபுகழ்க்க வானத்தில் கதிகதிக வானத்தில், கதிகதிக
கதிகதிகபுகழ்க்க கதிகதிகபுகழ்க்க கதிகதிக வானத்தில் கதிகதிக வானத்தில்.



Ainda existe outra versão sobre o conto, nessa versão diz que todas as sextas-feiras, mulheres malvadas, se transforma na criatura, sai por aí relinchando assustando todos em seu caminho, galopando trombandando em tudo por seu caminho.

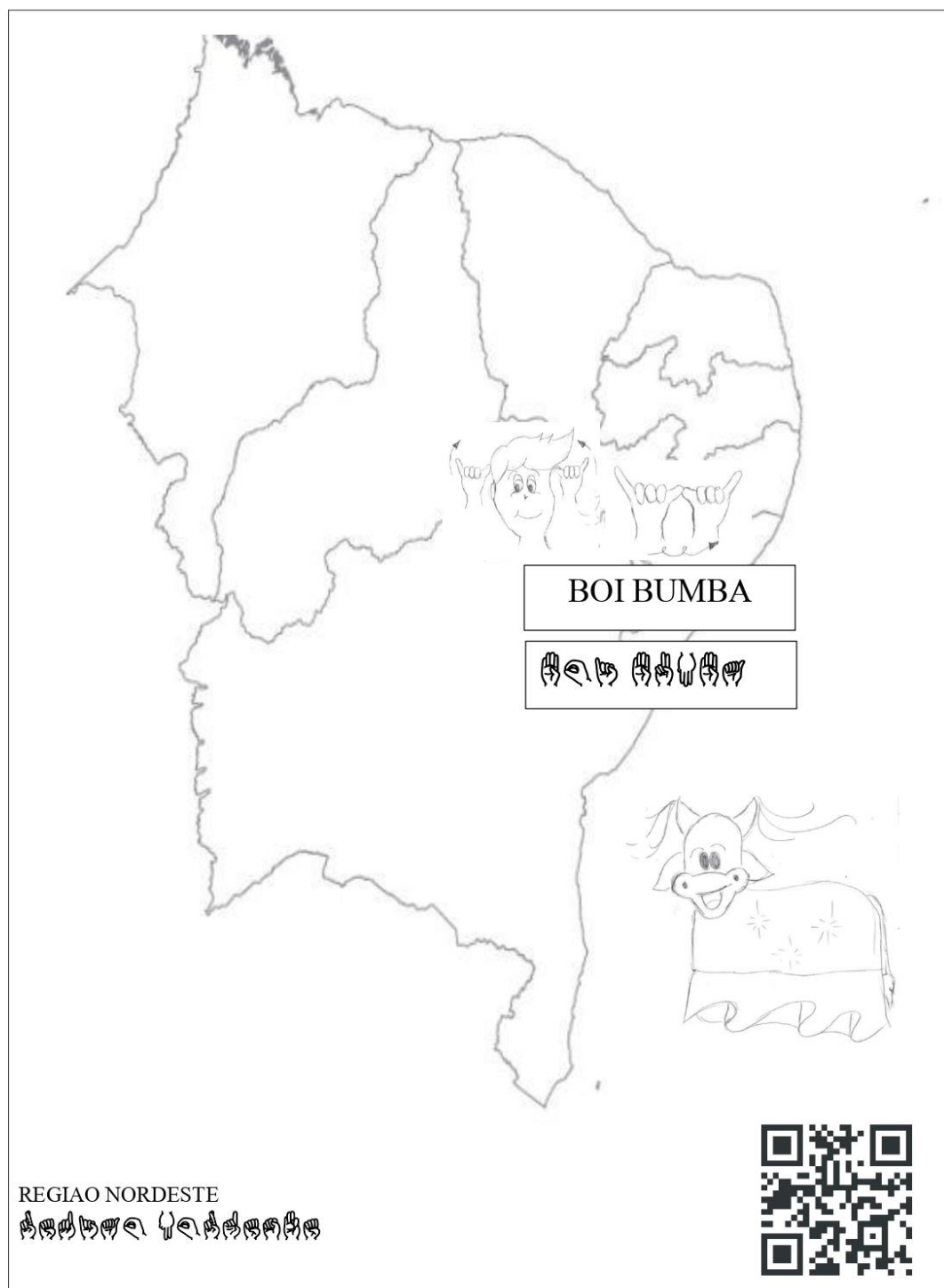
Apêndice F – Protótipo 03



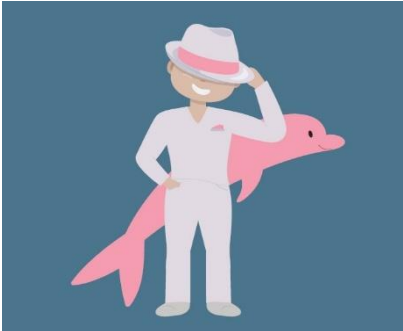
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

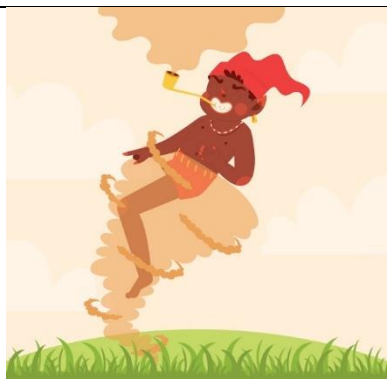


Docência para
Educação Básica
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



Apêndice G– Produto

 Docência para Educação Básica PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	
PESQUISA DE PERSONAGENS FOLCLÓRICOS – DEB 2023_02	
PESQUISADOR LAURO ROBERTO MARTINIANO GOMES	
ASSINALE COM UM X OS PERSONAGENS QUE VOCÊ CONHECE	
 BOITATÁ	 BOTO COR DE ROSA
 CURUPIRA	 IARA
 MULA SEM CABEÇA	 NEGRINHO DO PASTOREIO



SACI



CUCA



LOBISOMEM



VITÓRIA RÉGIA



GUARANÁ



MÃE D'OURO

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/folclore/lendas-e-personagens-do-folclore-brasileiro.htm>. Acesso em 06/2023.

Mundo Educação, Uol. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/folclore/lendas-e-personagens-do-folclore-brasileiro.htm>. Acesso em 06/2023.

Apêndice H – Produto Final
Capa



Título do Produto: **"Do Folclore"**
Autor: **Lauro Roberto Martiniano Gomes**
Orientação: **Fábio Fernandes Villela**



Sumário

Região Norte – Boto Cor de Rosa
 Região Nordeste – Bumba meu boi
 Região Centro-Oeste – Lobisomem
 Região Sudeste – Mula Sem-Cabeça
 Região Sul – Negrinho do Pastoreio

Produto Educacional apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Docência para Educação Básica à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, Linha de Pesquisa Ciências Humanas e Ensino, sob orientação do Prof. Dr. Fabio Fernandes Villela. Dissertação **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR DE ESTUDANTES SURDOS**

Créditos:

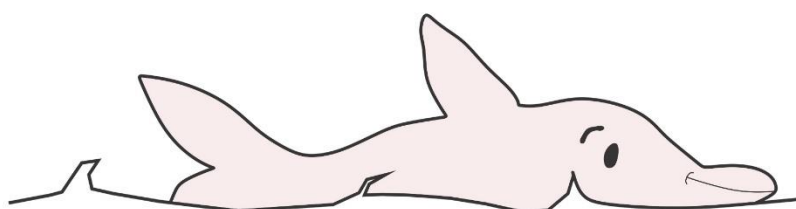
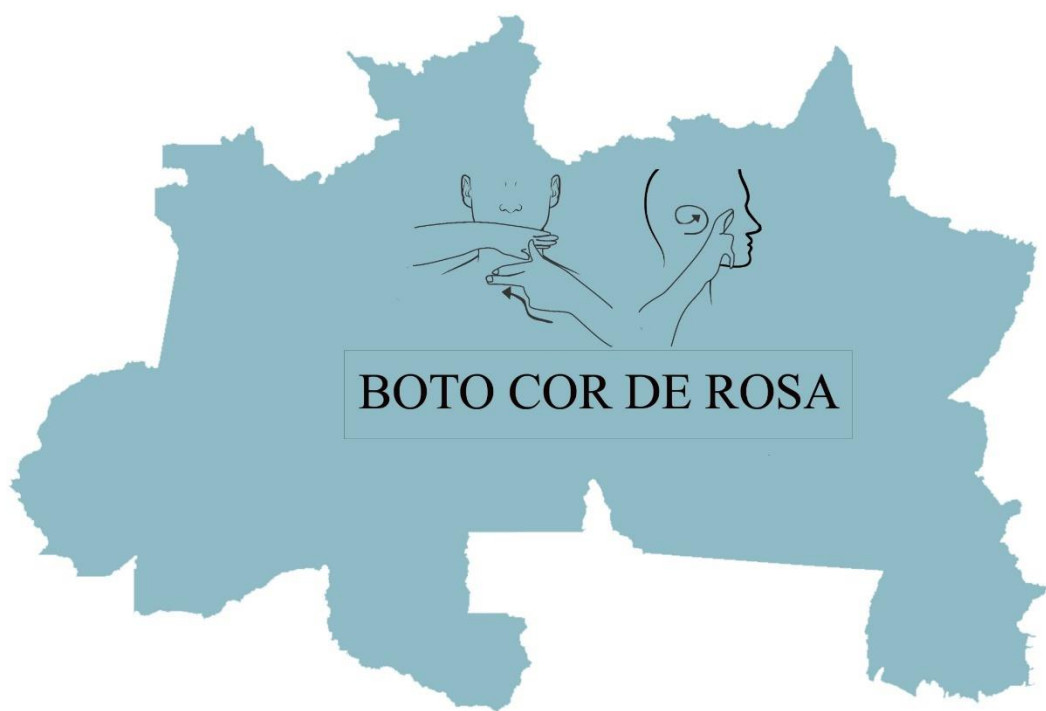
Ideia: **Lauro Roberto Martiniano Gomes**

Ilustração: **Luís Rogério Sabino**

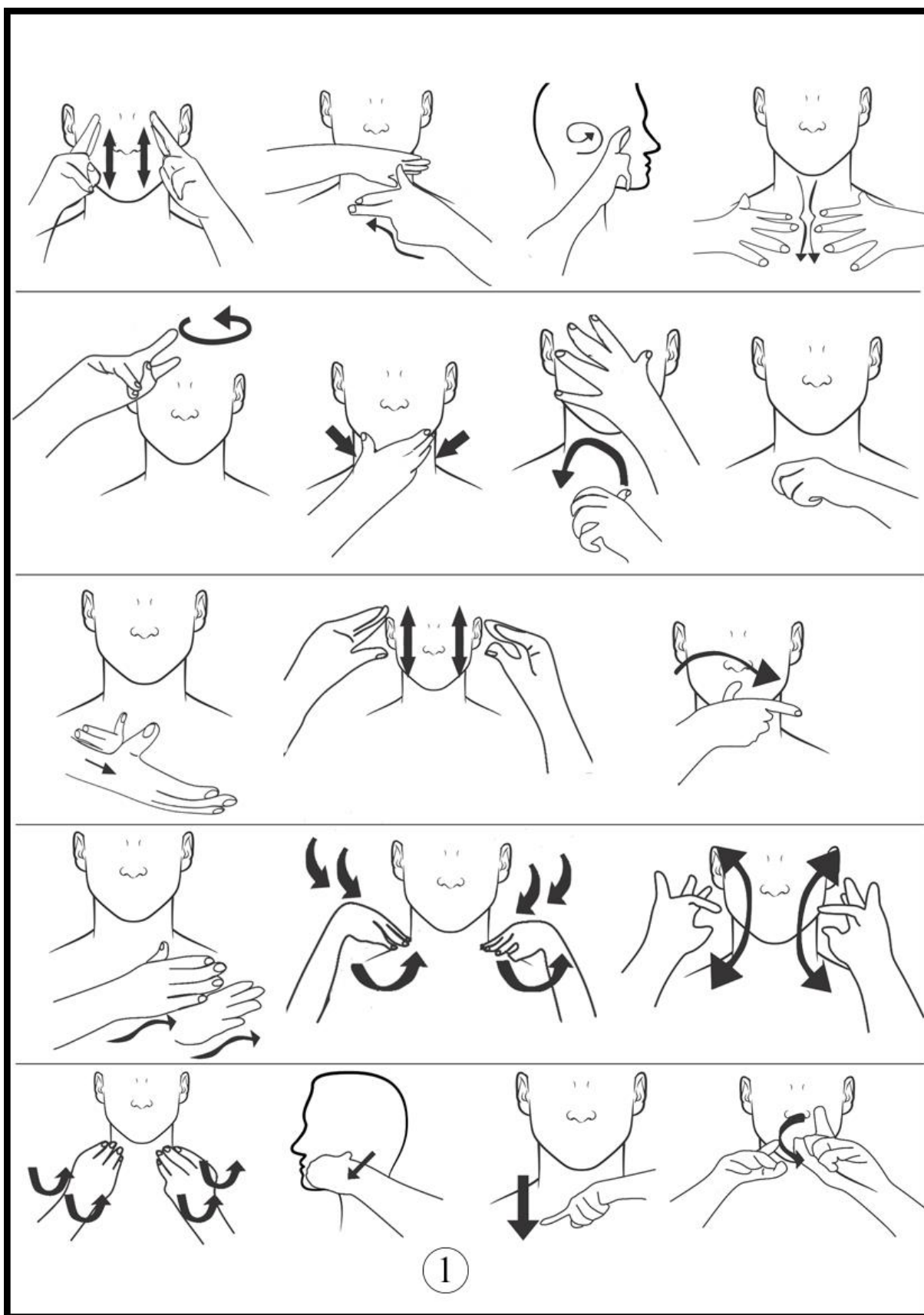
Interpretação: **Alda Nascimento Batista e Paula Roberta Projante da Silva Pazinati**

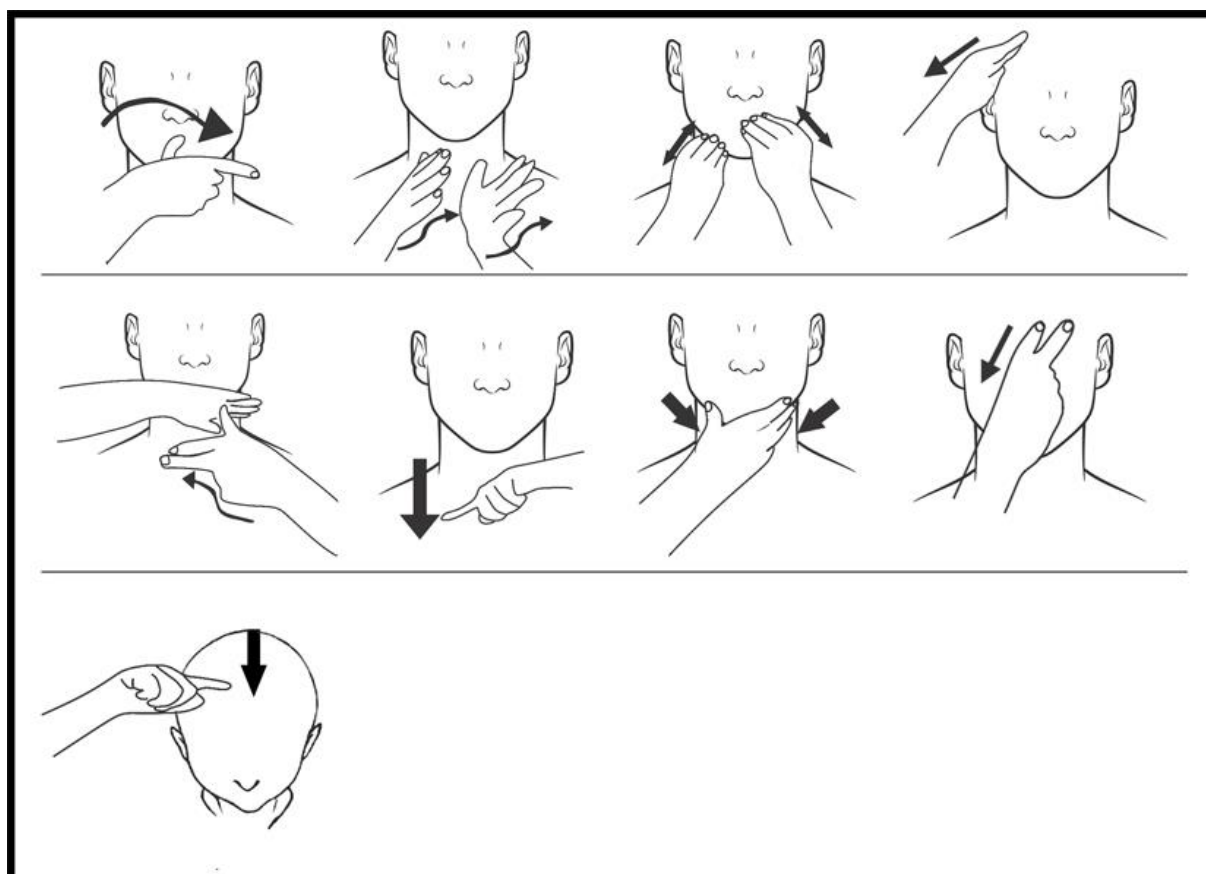
Revisão de Sinais: **Patrícia Pereira Angulo Vilarinho**

Os desenhos de todas as lendas foram elaborados com base nas referências do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue (DEIT) de Capovilla. No entanto, o pesquisador promoveu uma releitura dos conteúdos preexistentes, o que possibilitou a criação de um produto original e distintivo.



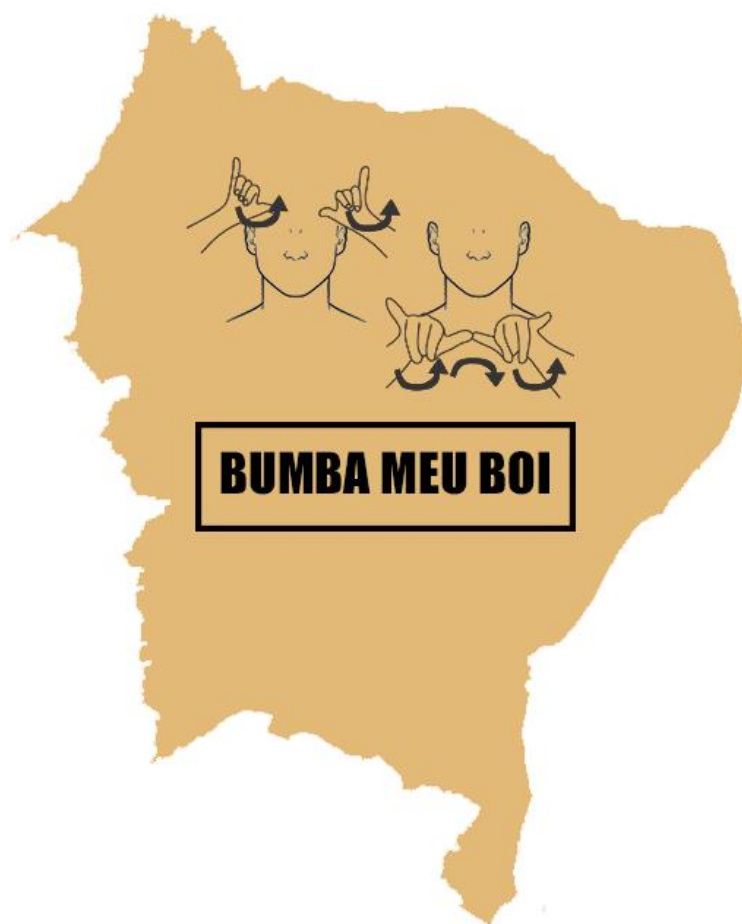
REGIÃO NORTE



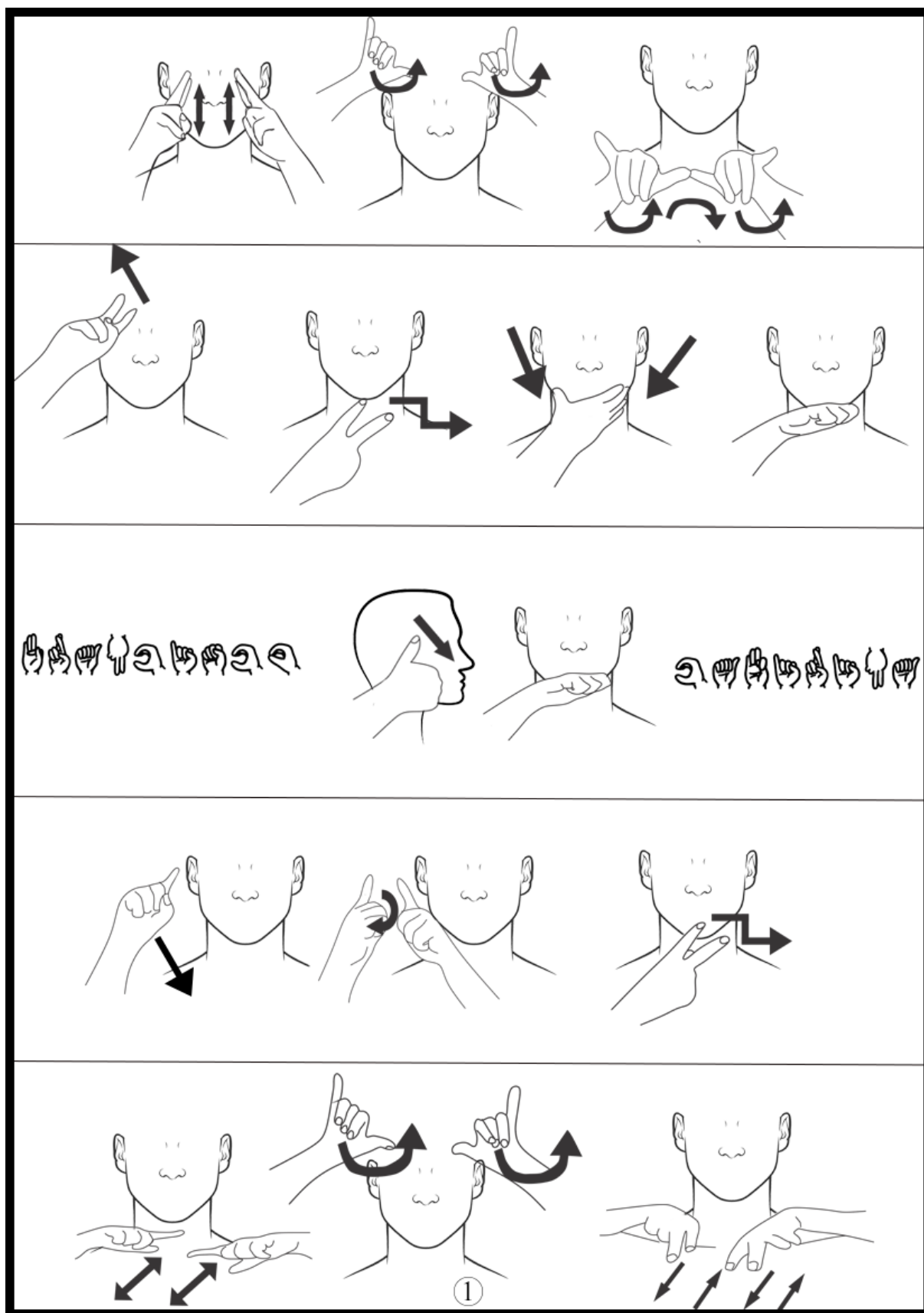


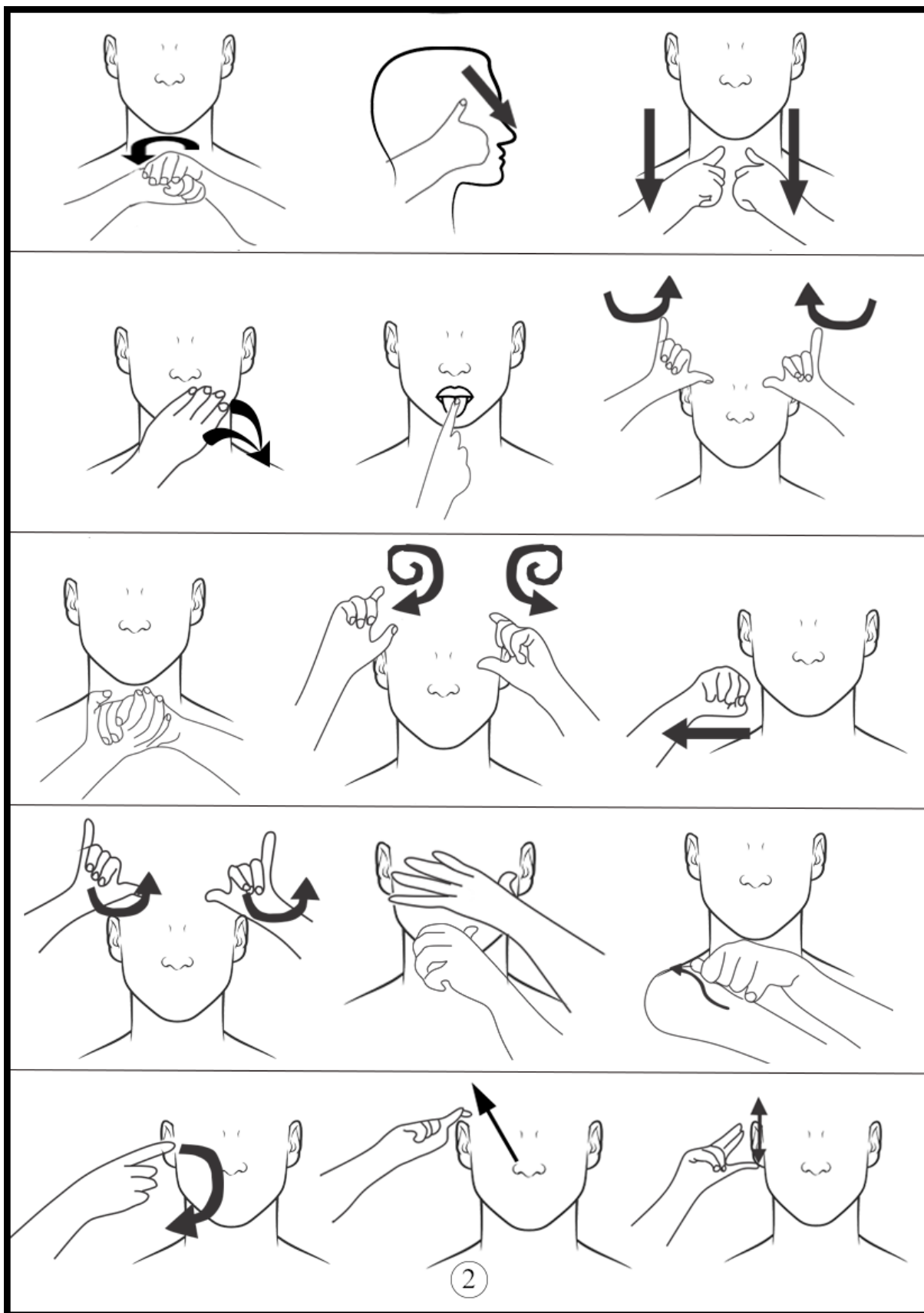
Boto Cor de Rosa

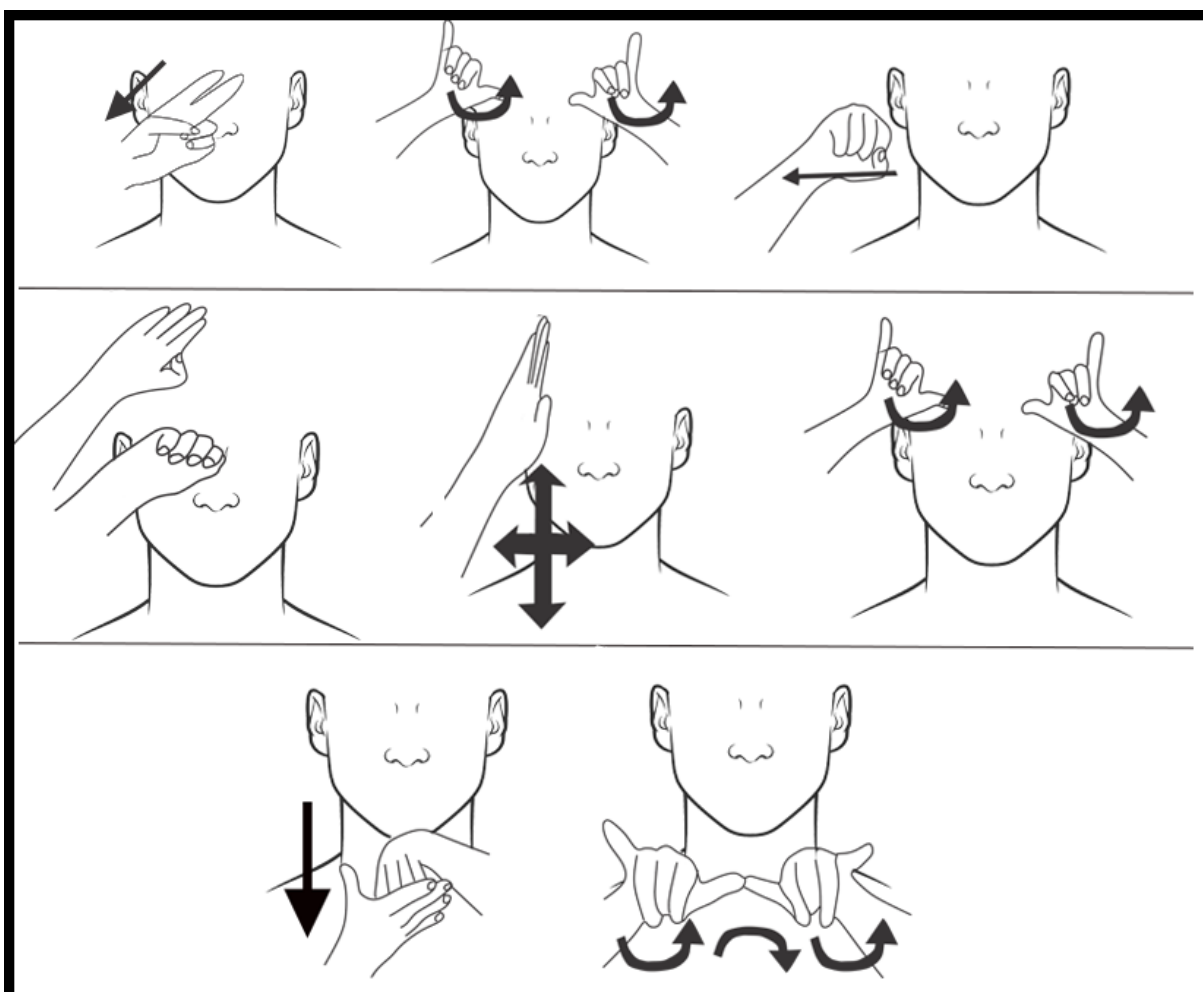
Nesta história, um homem muito bonito, de roupa branca e chapéu, sai às noites do rio, para namorar com as mulheres, depois de encantar as mulheres as engravida, e volta para o rio, se transformando em boto cor de rosa, para saber se é o boto, precisa notar um furo em sua cabeça.



REGIÃO NORDESTE



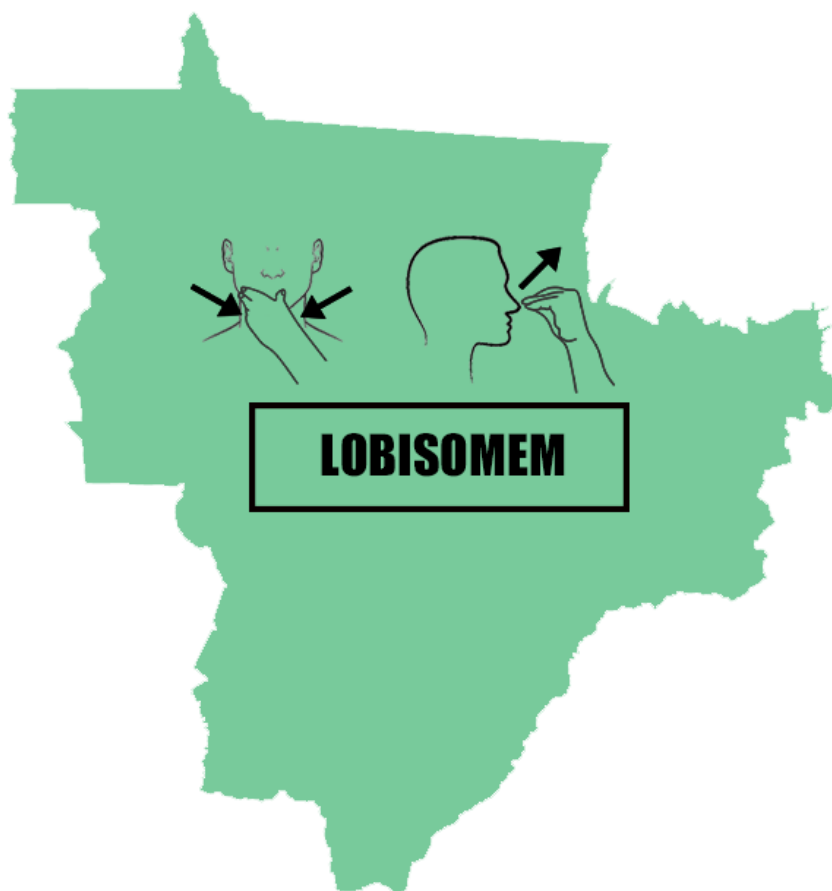




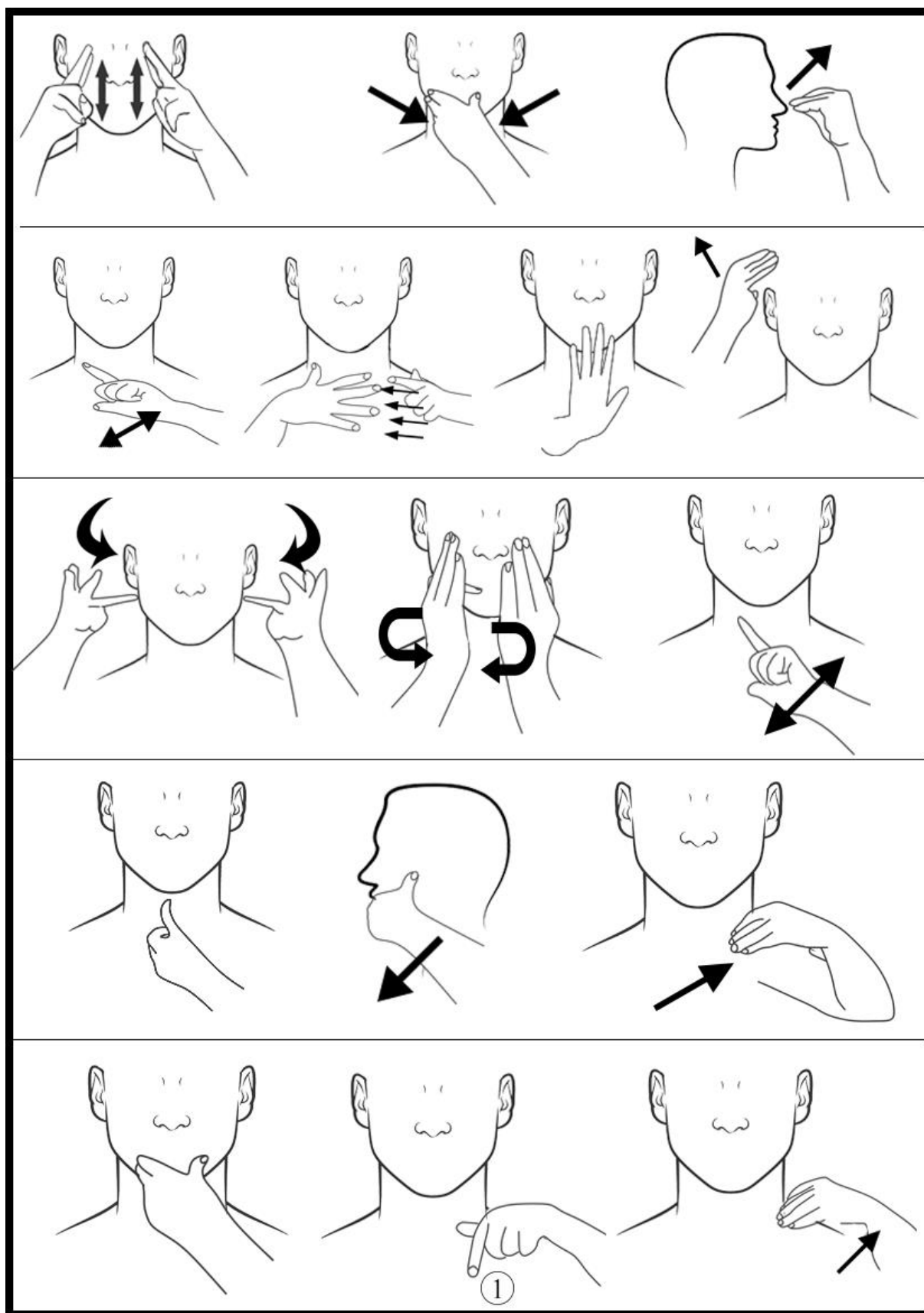
Bumba meu Boi

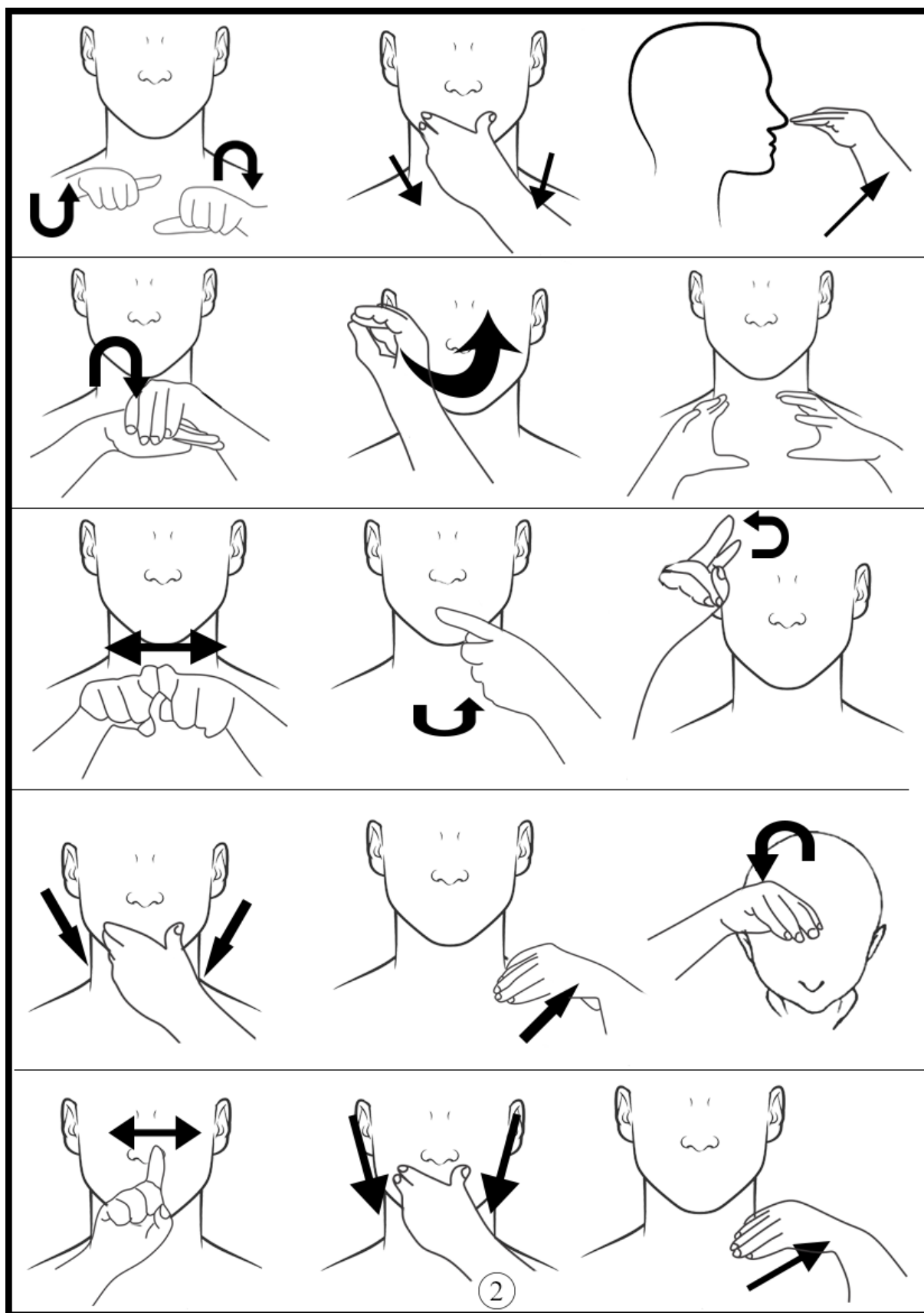
A história se passa com Pai Francisco e Mãe Catirina, que estava grávida. Os dois trabalhavam em uma fazenda. Em uma noite, a mulher sente o desejo de comer língua de boi.

Seu marido, para satisfazê-la, mata o boi mais bonito e preferido do patrão. Quando o dono sente falta de seu animal, convoca os curandeiros para ressuscitar o boi, que volta à vida dançando.



REGIÃO CENTRO-OESTE





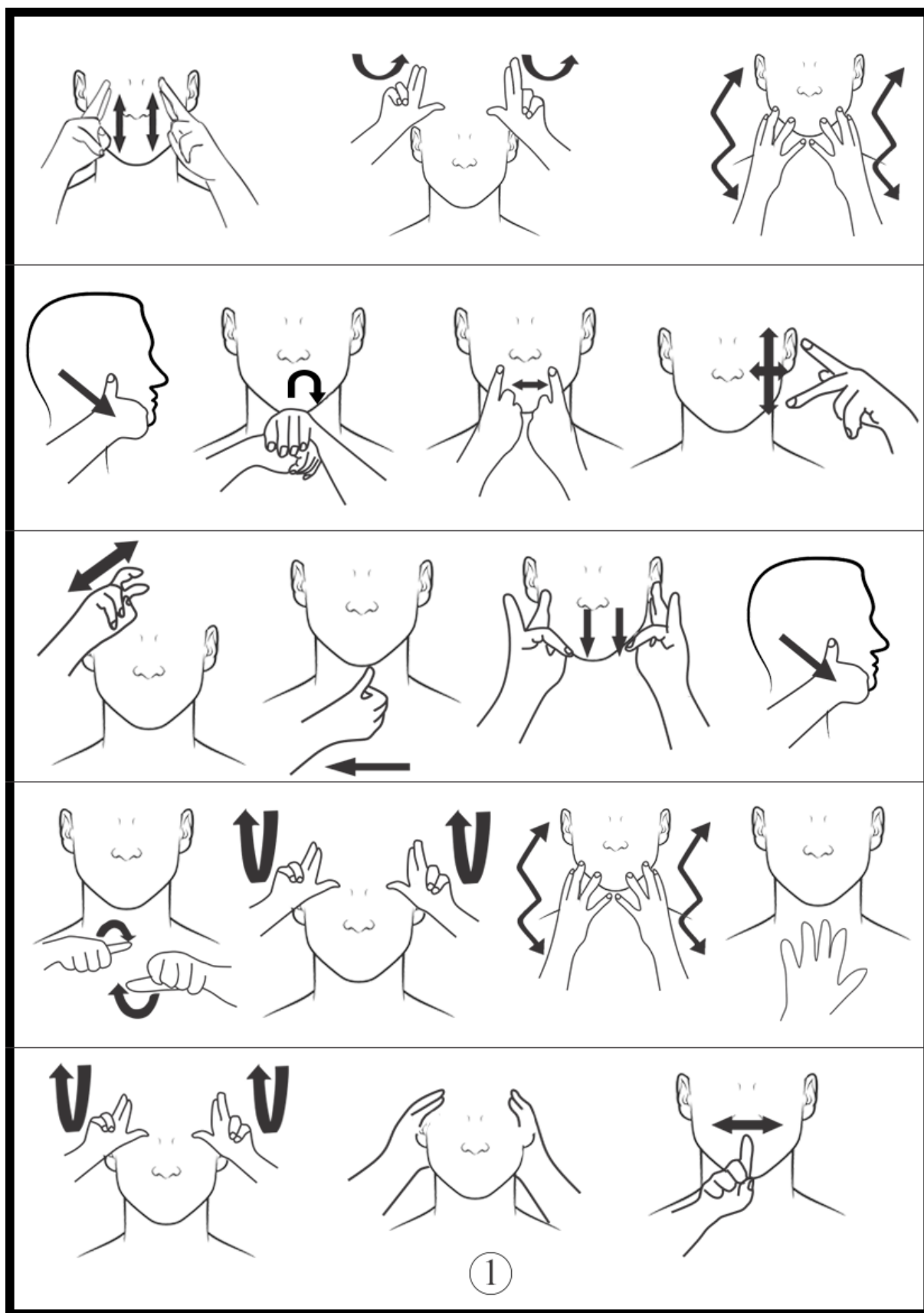


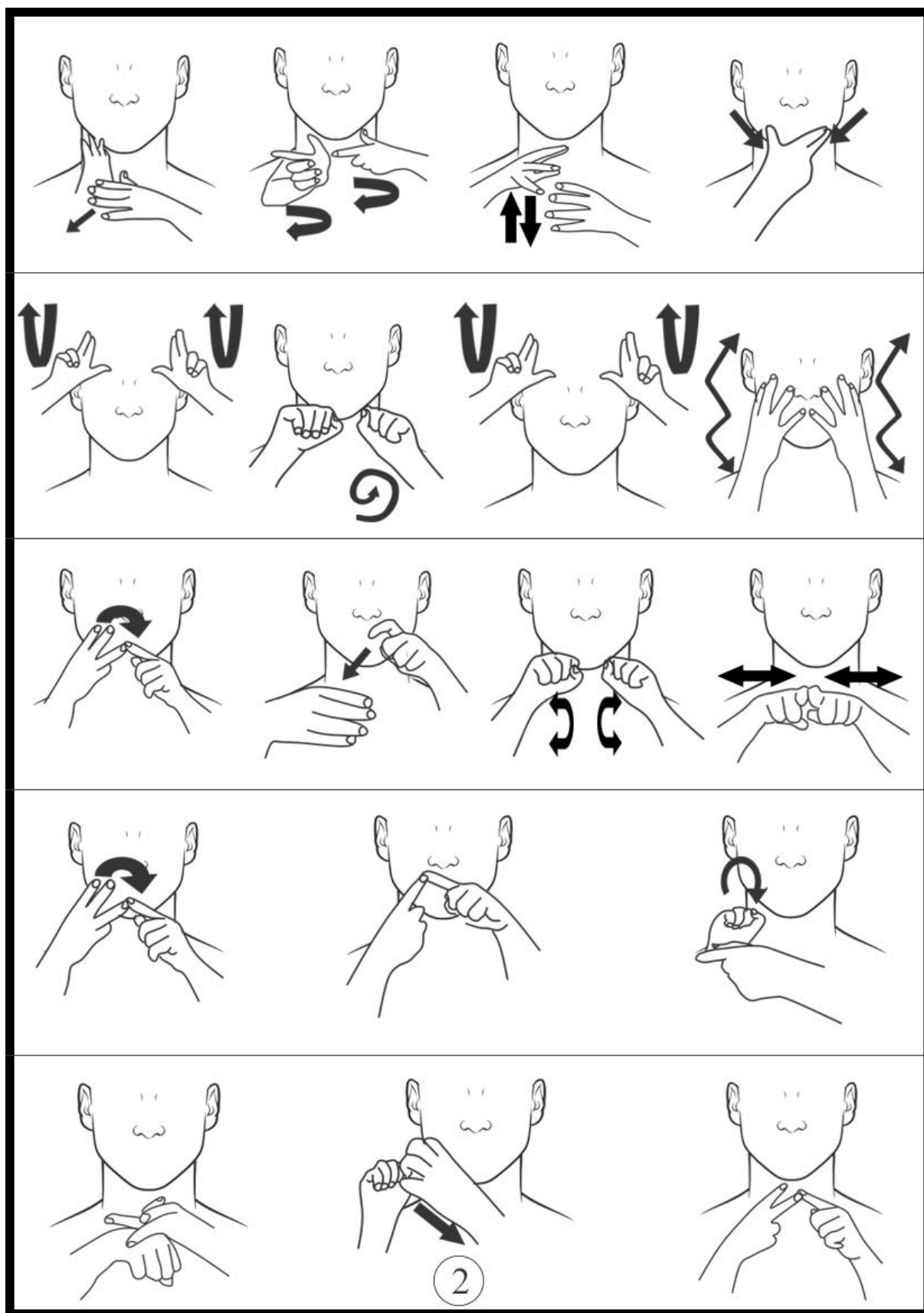
Lobisomem

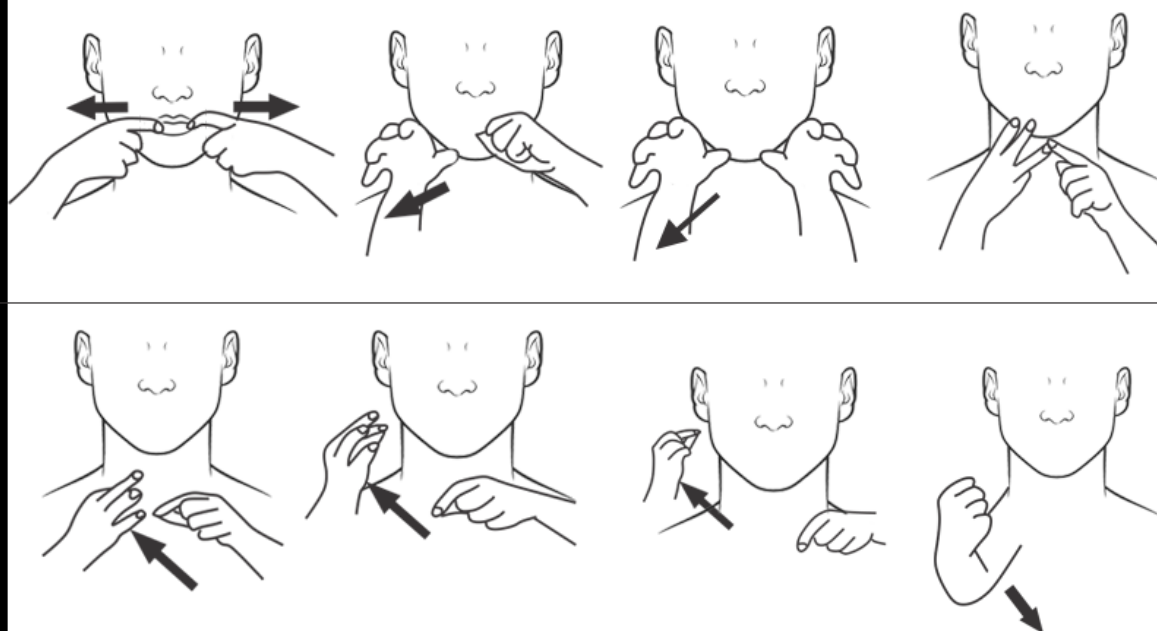
Existem várias versões para esta lenda, a principal é que uma família que tem sete filhos, seis sendo meninas, o sétimo, se for menino será o lobisomem, que nas noites de lua cheia se transforma em um ser metade homem, metade lobo. Há também uma versão que se os filhos não forem batizados, também viram lobisomens.



REGIÃO SUDESTE





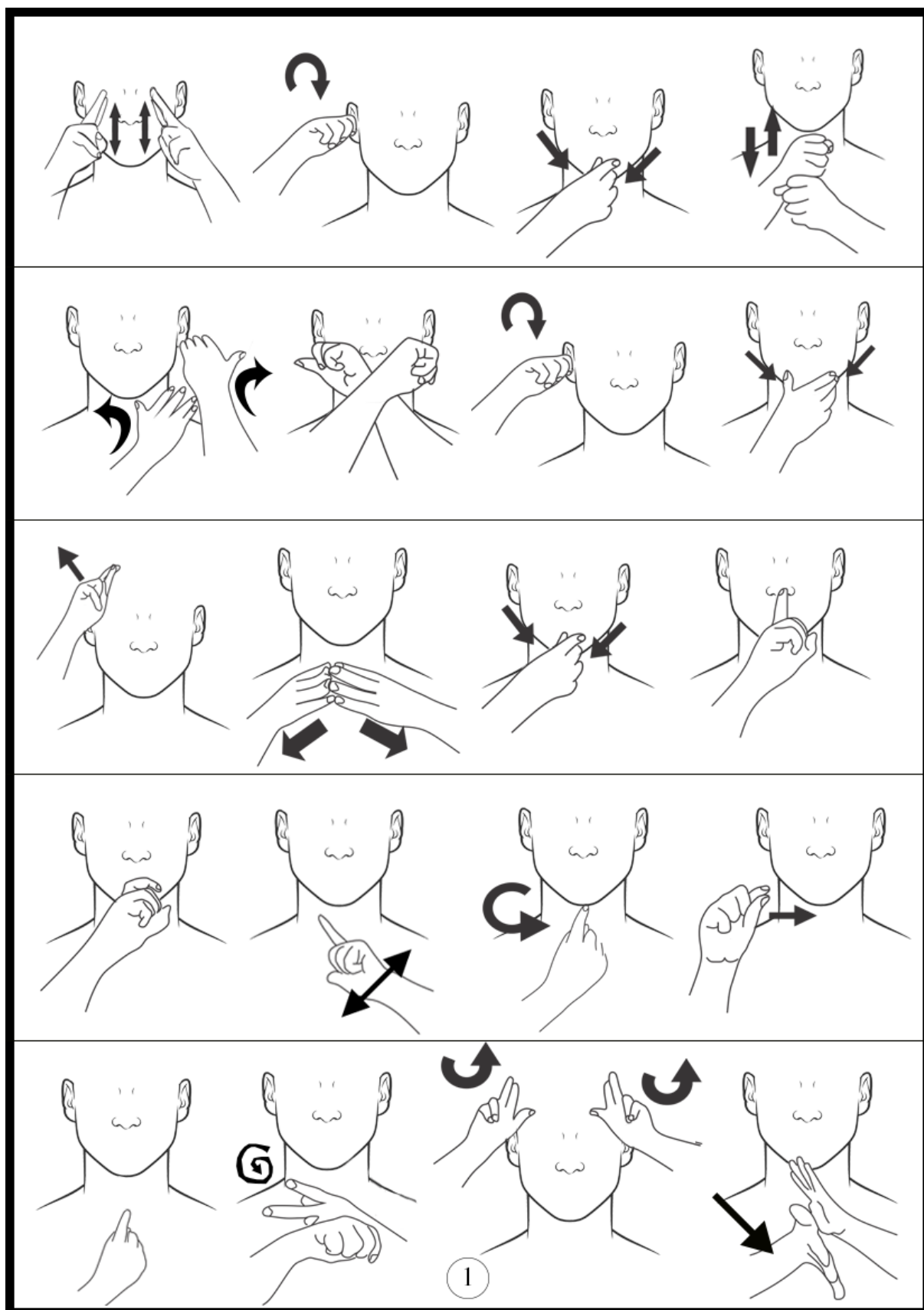


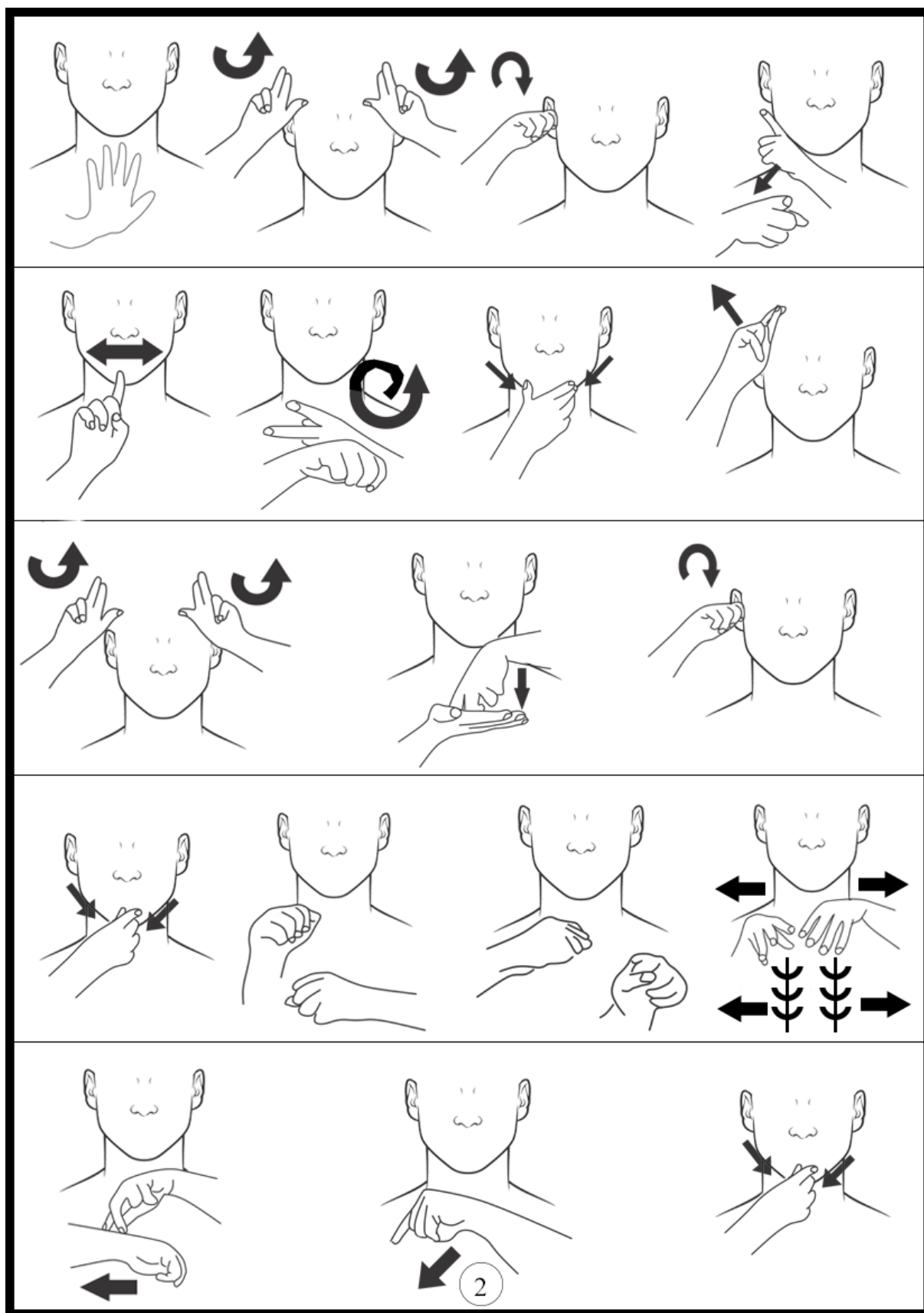
Mula Sem Cabeça

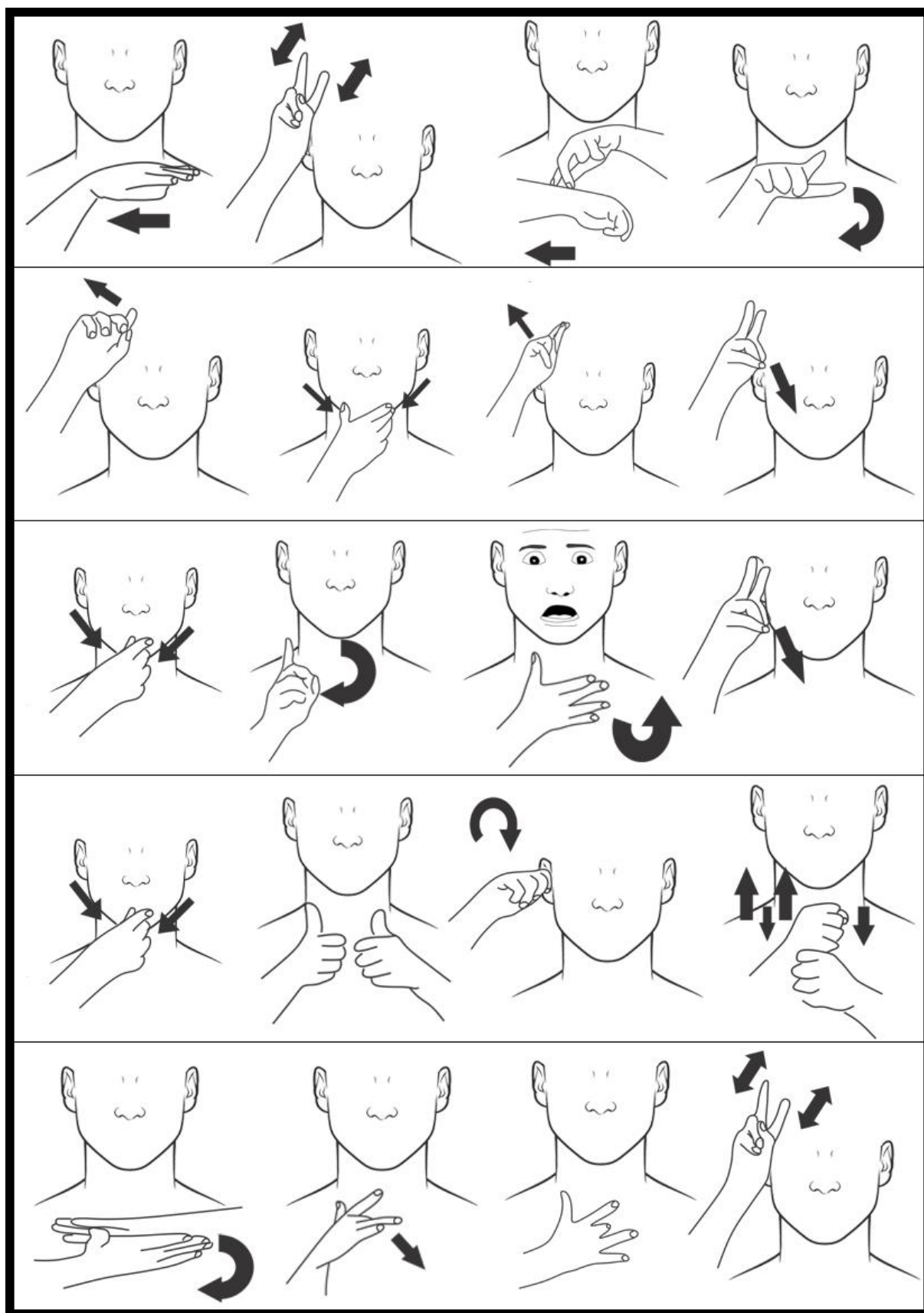
Uma mulher que se envolve com um padre, na noite de quinta para sexta, ela se transforma em uma mula, que no lugar de sua cabeça, existe uma labareda de fogo, em sua transformação ela sai fazendo bagunça pelos lugares e agredindo os homens. Para voltar a ser mulher é necessário retirar sua ferradura de prata, também em um ato de coragem retirar o freio, ou feri-la com um instrumento pontiagudo.

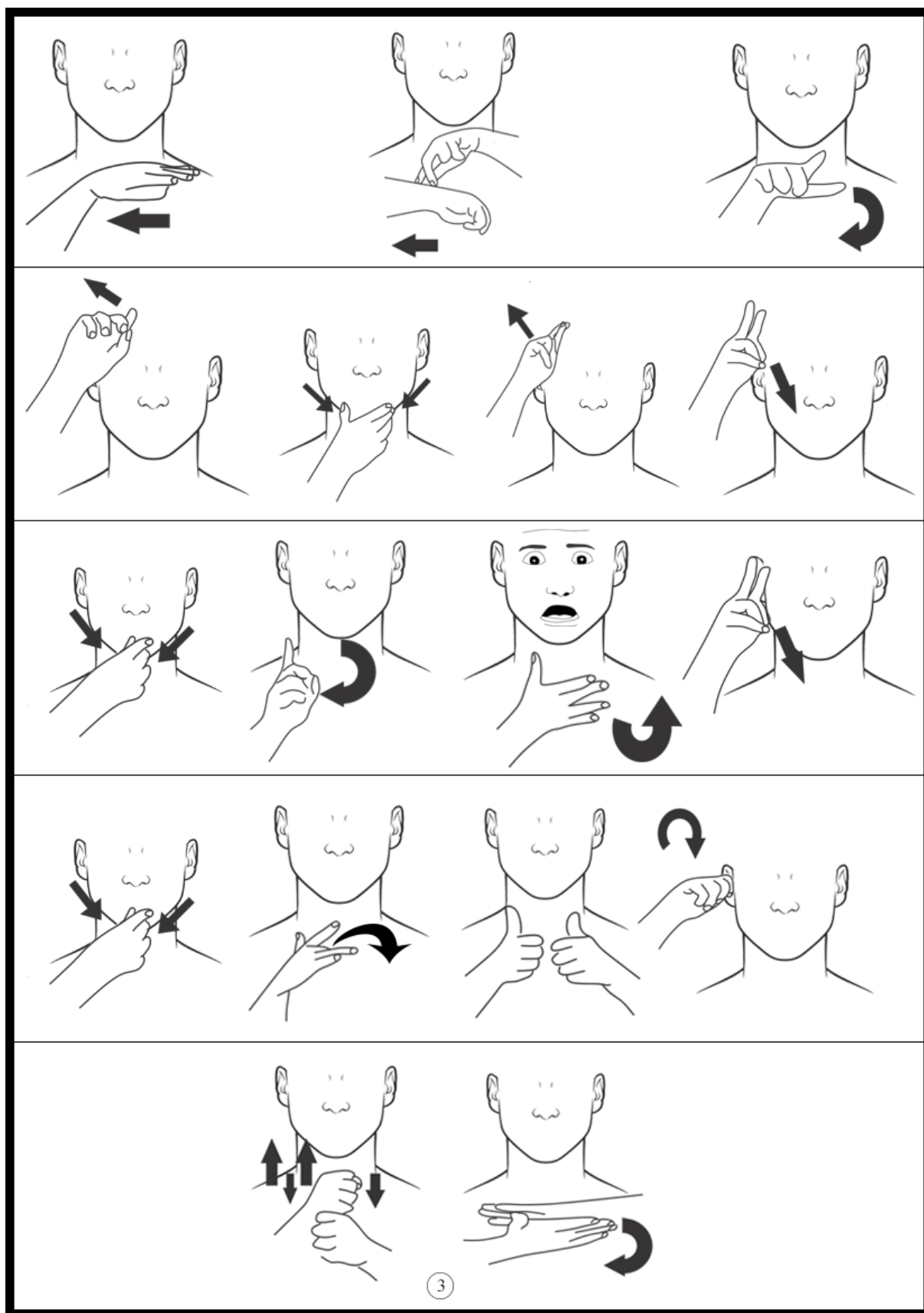


REGIÃO SUL









Apêndice I – QR Code do Produto Final (Todos juntos)



Anexo I – Mapa de Aprendizagem



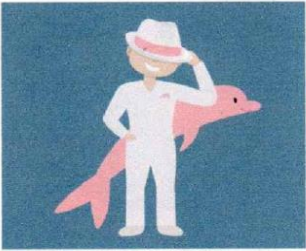
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

- Eu pinto a foto com de novo.

FOLCLORE

- Eu vi história livre de xaxi na escola.
- Eu tenho livre em casa de mula sem cabeça.
- Eu tenho livre em casa de curupira.

Anexo II – Respostas do sujeito de pesquisa sobre os personagens

 Docência para Educação Básica PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	
PESQUISA DE PERSONAGENS FOLCLÓRICOS – DEB 2023_02	
PESQUISADOR LAURO ROBERTO MARTINIANO GOMES	
ASSINALE COM UM X OS PERSONAGENS QUE VOCÊ CONHECE	
 BOITATÁ	 BOTO COR DE ROSA
 CURUPIRA	 IARA
 MULA SEM CABEÇA	 NEGRINHO DO PASTOREIO

 SACI	 CUCA
 LOBISOMEM	 VITÓRIA RÉGIA
 GUARANÁ	 MÃE D'OURO

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/folclore/lendas-e-personagens-do-folclore-brasileiro.htm>. Acesso em 06/2023.

Mundo Educação, Uol. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/folclore/lendas-e-personagens-do-folclore-brasileiro.htm>. Acesso em 06/2023.

Anexo III – Entendimento sobre as lendas



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

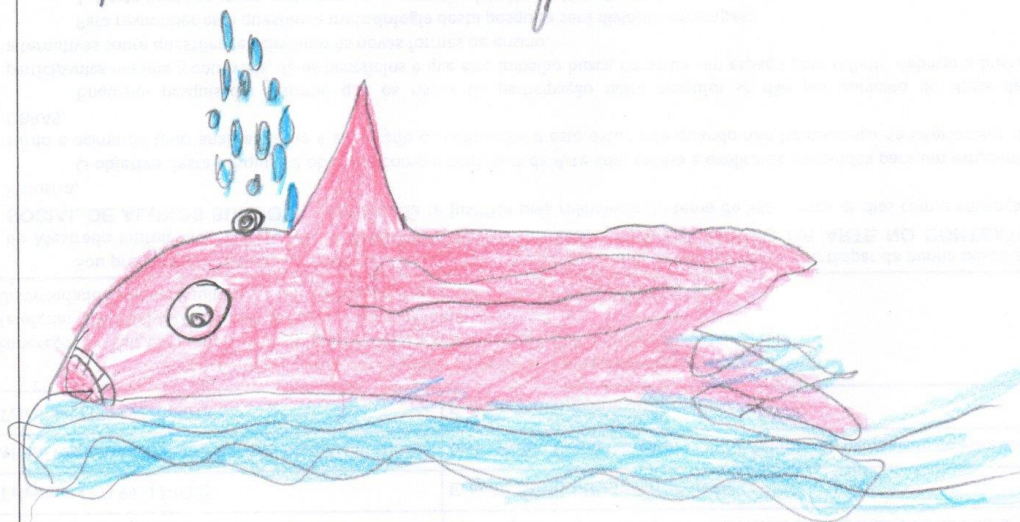


DESENHO – BOTO COR DE ROSA

Boto cor de rosa

Boto cor de rosa

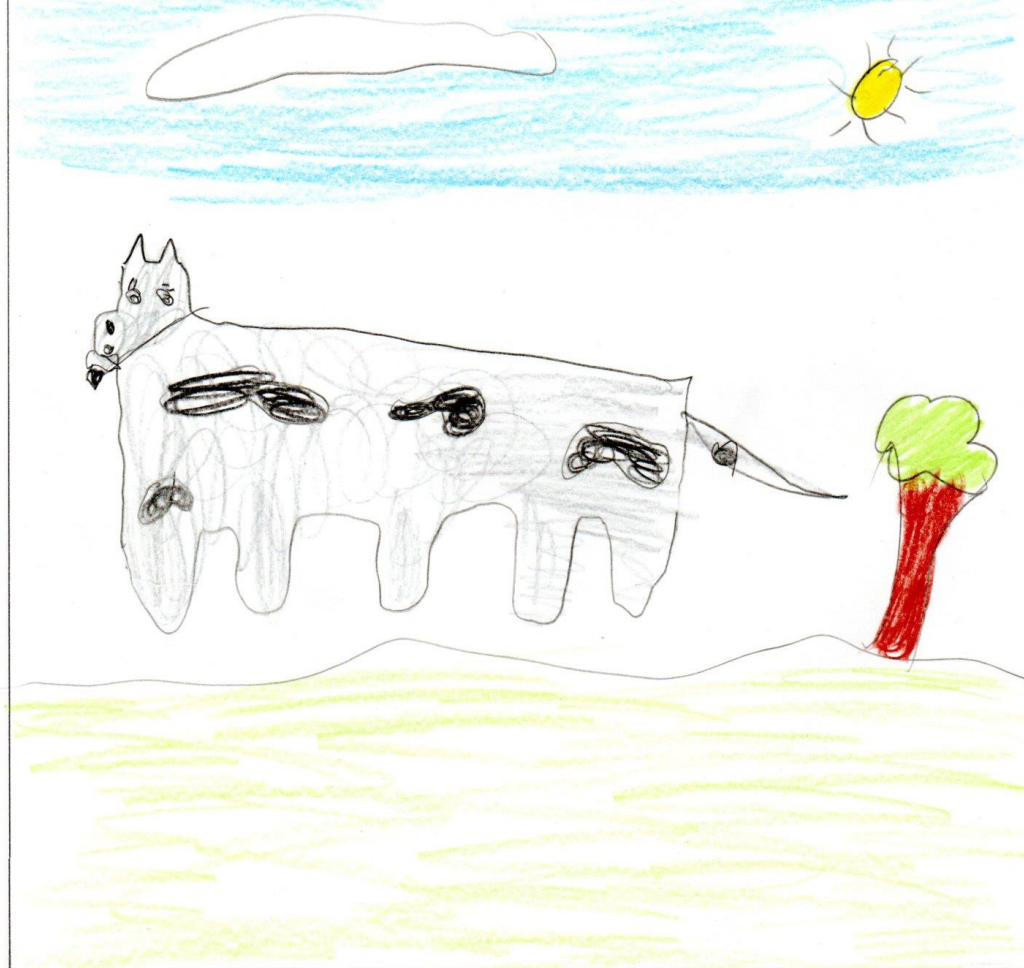
Ele viver na água, a noite. Boto Ele
 Sai na água transforma o homem
 Bonito Roupa de Branca e Chapéu na
 cabeça, Ele vai namorar muito
 Depois namorar Gravida. Como
 sabe o homem Boto cor de rosa
 precisa vir de cabeça de palmeira.
 Depois volta pra água.



DESENHO - BUMBA MEU BOI



As duas pessoas, homem e mulher, a mulher está grávida. Ela ficou vontade comer a língua do Boi. Procura o Boi mas Bonito matou o Boi. Como acordou viu o Boi morto e o homem ficou triste. Chamou de pessoas. Nesta semana voltou vida dançando o Boi.



DESENHO - MULA SEM CABEÇA

~~~~~

A mula não tem a cabeça, tem fogo.  
 A mulher namorara Padre não pode, a mulhe-  
 r se transforma mula sem cabeça, volta  
 sua mulher três vezes um tira a ferru-  
 dura prata, dois freio boca, três a ma-  
 chucar com flecha.



## DESENHO - NEGRINHO DO PASTOREIO

YoddytTa de xmhhdhda

O menino não tinha o pai dele, ele trabalhava vigiando cavalos. Outro dia o cavalo foi embora, o homem já chegou Bravos ele pegou o menino colocou no farmigão, outro dia o homem viu ele, bem fante com Santinha, o homem pediu "Lerampas" Negrinho do pastoreio foi embora.



## DESENHO – LOBISOMEM



Eu vou falar sobre lobisomem. Um mulher  
grávida nasce menina, seu meninas,  
seu nasce menino. Então lobisomem  
transforma.

O menino é batizado nada futuro ele  
transforma lobisomem.



## Anexo IV

**TEXTO ORIGINAL DA CARTA DE THOMS**

“As suas páginas mostraram amiúde o interesse que toma por tudo quanto chamamos, na Inglaterra, “Antiguidades Populares”, “Literatura Popular” (embora seja mais precisamente um saber popular do que uma literatura e poderia ser com mais propriedade designado com uma boa palavra Anglo-Saxônica, Folk-Lore, o saber tradicional do povo), que não perdi a esperança de conseguir a sua colaboração na tarefa de recolher as poucas espigas que ainda restem espalhadas no campo no qual os nossos antepassados poderiam ter obtido uma boa colheita. Quem quer que tenha estudado os usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrãos, superstições etc., dos tempos antigos deve ter chegado a duas conclusões: a primeira, quanto existe de curioso e de interessante nesses assuntos, agora inteiramente perdidos; a segunda, quanto se poderia ainda salvar, com esforços oportunos a que Hone procurou fazer com o seu “Every-Day Book”, etc. E Atheneum, com sua larga circulação pode conseguir com eficácia dez vezes maior reunir um número infinito de fatos minuciosos, que ilustram a matéria mencionada, que vivem esparsos na memória dos seus milhares de leitores, e conservá-los em suas páginas até que seja um James Grimm e preste à mitologia das Ilhas britânicas o bom serviço que o profundo tradicionalista e filólogo prestou à Mitologia da Alemanha. Este século dificilmente terá produzido livro mais notável, imperfeito como seu próprio autor confessa na segunda edição de “Deutsche Mythologie”: o que é isso? – Uma soma de pequenos fatos, muitos dos quais, tomados separadamente, parecem triviais e insignificantes – mas, quando considerados em conjunto com o sistema no qual os entrelaçou sua grande mentalidade, adquirem então um valor, que jamais sonhou atribuir-lhes o que primeiro os recolheu. Quantos fatos semelhantes uma só palavra sua evocaria, do Norte e do Sul, de John O’Grot à Ponta da Terra! Quantos leitores ficariam contentes em manifestar-lhes seu reconhecimento pelas notícias que lhes transmite todas as semanas, enviando algumas recordações dos tempos antigos, uma lembrança de qualquer uso atualmente esquecido, de alguma lenda em desaparecimento, de alguma tradição regional, de algum fragmento de balada. Tal serviço não seria apenas para o tradicionalista inglês. A conexão entre o Folk-Lore da Inglaterra (lembre-se de que reclamo a honra de haver introduzido a denominação FolkLore, como Disraeli introduziu Father-Land, na literatura deste país) e o da Alemanha é tão íntima que essas comunicações servirão provavelmente para enriquecer uma futura edição da Mitologia de Grimm. Deixe-me dar-lhe um exemplo

dessas relações: Num dos capítulos de Grimm, que trata largamente do papel do Cuco na Mitologia Popular – do caráter profético que lhe deu a voz do povo – e cita muitos casos de derivar predições do número de vezes que seu conto é ouvido. E menciona também uma versão popular “Que o Cuco nunca canta antes de se ter fartado, três vezes, de cereja”. Agora, fui recentemente informado de um costume que existia outrora em Yorkshire, que ilustra o fato da conexão entre o Cuco e a cereja. – E isso, também, em seus atributos proféticos. Um amigo me comunicou que crianças em Yorkshire estavam acostumadas antigamente (e talvez ainda estejam) a cantar uma roda em torno da cerejeira com a seguinte invocação:

Cuco, Cerejeira

Venham cá e nos digam

Quantos anos nós teremos de vida.

Cada menino sacudia a árvore – e o número de cerejas derrubadas indicava o número de anos de vida futura.

Eu sei que o verso infantil que citei se conhece bem; a maneira, porém, de aplicá-lo não foi anotada por Hone, Brande ou Ellis: - é um desses fatos que, insignificantes em si mesmos, têm grande importância quando formam elos de uma grande cadeia – um desses fatos que uma palavra do Atheneum recolheria em abundância para o uso de futuros investigadores no interessante ramo das antiguidades literárias – nosso Folk-Lore. AMBROSE MERTON.”

## Anexo V

### **Carta do Folclore Brasileiro**

#### **CAPÍTULO I - CONCEITO**

1. Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO\*. A expressão cultural popular manter-se-á no singular, embora, entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.

2. Os estudos de folclore, com integrantes das Ciências Humanas e Sociais, devem ser realizados de acordo com metodologias próprias dessas Ciências. 3. Sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural, bem como seus estudos aos demais ramos das Humanidades. Consequentemente, deve ter o mesmo acesso, de pleno direito, aos incentivos públicos e privados concedidos à cultura em geral e às atividades científicas. \* Recomendação da UNESCO sobre salvaguarda do Folclore por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris em 1989 e publicada no Boletim n. 13, da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993.

#### **CAPÍTULO II - PESQUISA**

1. A pesquisa em folclore pede, na atualidade, um reaparelhamento metodológico dos pesquisadores, combinando os procedimentos de investigação e de análise provenientes das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

2. A pesquisa folclórica produtiva será aquela que constituir avanço teórico na compreensão do tema e em resultados práticos que beneficiem os agrupamentos estudados, objetivando também a autovalorização do portador e do seu grupo quanto à relevância de cada expressão, a ser preservada e transmitida às novas gerações.

3. Recomenda-se o desenvolvimento de programas de pesquisas integradas, regionais e nacionais, sobre temas específicos, com metodologias comuns, com o objetivo de propiciar estudos comparativos.

4. Recomenda-se, como metodologia de pesquisa, atuação participativa, integrando pesquisador e pesquisado em todas as etapas de apreensão, compreensão e devolução dos resultados da pesquisa à comunidade.

5. Recomenda-se a organização de núcleos de pesquisas científicas e multidisciplinares.

### **CAPÍTULO III - ENSINO E EDUCAÇÃO**

Recomenda-se:

1. Desenvolver ação conjunta entre os Ministérios da Cultura e da Educação a fim de que o conteúdo do folclore e da cultura popular seja incluído nos níveis de 1 a e 2 a graus, e incluindo enfoque teórico e prático através do ensino regular, de oficinas, de observações e de iniciação às pesquisas bibliográficas e de campo.
2. Considerar a cultura trazida do meio familiar e comunitário pelo aluno no planejamento curricular, com vistas a aproximar o aprendizado formal e não formal, em razão da importância de seus valores na formação do indivíduo.
3. Envolver os educadores de diferentes matérias em torno do folclore, considerando-o um amplo campo de ação para os estudos e a prática da multidisciplinaridade.
4. Buscar assessoramento para a ação pedagógica relacionada ao folclore junto a instituições de estudo e pesquisa e/ou especialistas.
5. Manter, ampliar e melhorar a oferta de cursos de Folclore com vistas ao aperfeiçoamento dos especialistas em exercício na área do Folclore e a reciclagem de professores, a fim de que possam recorrer à produção científica mais recente, que veicule uma visão contemporânea do folclore/cultura popular.
6. Intensificar a promoção de cursos de Folclore aplicando à Escola que envolvam, além da temática geral, o aprendizado de técnicas de construção artesanal e arte popular, a prática de grupos vocacionais e instrumentais, com repertório de música folclórica, direcionado a professores de 1º e 2º graus, propiciando-lhes condições que deles participem.
7. Incluir o ensino de Folclore nos cursos de 2º grau (Habilitação/ Magistério), nos cursos de Comunicação, de Artes, de Educação Física, de História, de Geografia, de turismo, nos Conservatórios e academias de Artes em geral, Faculdades de Ciências Humanas e Sociais, de Pedagogia, de Serviço Social.
8. Designar para lecionar a disciplina Folclore os professores com especialização na área ou em outras disciplinas afins com reconhecida experiência.
9. Fomentar a criação de cursos de Graduação e/ou Pós-Graduação que formem especialistas direcionados à pesquisa da cultura popular.

10. Incorporar o tema folclore aos programas do PET (Programa Especial de Treinamento) e outros programas, tais como Monitoria de Iniciação Científica, a estudantes participantes de pesquisa de folclore.
11. Enfatizar a importância da participação de portadores de folclore nas atividades de ensino/aprendizagem em todos os níveis.
12. Orientar a rede escolar para que as datas relativas ao Folclore e Cultura sejam comemoradas como um conjunto de temáticas que devem constar dos conteúdos das várias disciplinas, pois configuram expressões em diferentes linguagens - a da palavra, a da música, a do corpo - bem como técnicas, cuja prática implica acumulação e transmissão de saberes e conhecimentos hoje sistematizados pelas Ciências. Instruir os professores para que motivem seus alunos, em tais datas, a estudar manifestações do seu próprio universo cultural.
13. Estreitar o contato das Comissões Estaduais de Folclore com diferentes instituições de 1º, 2º e 3º graus, para estabelecer e/ou atualizar programas regulares de cursos sobre pesquisa e ensino de Folclore.
14. Promover a articulação entre pesquisadores e professores no sentido da participação na coleta e organização de coletâneas que reflitam as diversidades culturais regionais, com vistas à sua divulgação, valorização e aproveitamento didático do acervo folclórico.
15. Realizar o levantamento mais completo possível do cancioneiro folclórico, das danças e dos brinquedos e brincadeiras infantis, considerando-se fatores de educação, de desenvolvimento do gosto pela música/dança e de sociabilidade, valorizando-se o material tradicional com vistas ao seu aproveitamento no processo educativo. As canções devem ser transmitidas e pauta musical com o respectivo texto e as demais indicações necessárias: tessitura conveniente para voz infantil, detalhes da prosódia musical, eventual movimentação.
16. Incentivar a produção de textos e outros recursos em linguagem acessível ao leigo, bem como a produção de textos para deficiente visual e/ou aditivo, recorrendo-se para a sua divulgação a veículos diversos: publicações acadêmicas, revistas de educação, programas de rádio e televisão, programas produzidos pelas televisões educativas e publicações paradidáticas.
17. Realizar seminários, congressos etc. para apresentação e discussão de relatos de experiências pedagógicas e resultados de pesquisas.
18. Reconhecer a diversidade linguística do Brasil e respeitar, sem discriminação, os falantes procedentes das várias regiões as camadas socioculturais.

#### **CAPÍTULO IV - DOCUMENTAÇÃO**

1. Reconhecer a importância da documentação folclórica em todos os seus aspectos, utilizando-se dos meios tecnológicos específicos.
2. Recomenda-se o levantamento do calendário folclórico em âmbito estadual, mediante com os grupos e órgãos locais.
3. Recomenda-se que a documentação deve ficar sob s guarda de instituições apropriadas, ligadas ao estudo e à pesquisa do folclore, como museus, fundações, universidades e outros centros de comunicação de documentação.

#### **CAPÍTULO V - SALVAGUARDA E PROMOÇÃO**

1. Reconhece-se a importância do apoio às manifestações folclóricas. Esse apoio deve-se dar, sobretudo, no sentido de assegurar as condições sociais e expressões aos homens para garantir o florescimento de suas expressões culturais dinâmicas.
2. Recomenda-se que as Comissões estaduais se articulem com os órgãos locais para realização de salvaguarda dos portadores e de grupos folclóricos de qualquer natureza.
3. Reconhece-se a necessidade de fortalecimento dos organismos oficiais, de caráter nacional. Estadual e municipal que se destinam à defesa do patrimônio folclórico do Brasil.

#### **CAPÍTULO VI - DIREITO DO AUTOR**

1. Recomenda-se adotar providências adequadas à defesa do patrimônio musical folclórico, particularmente no caso das melodias de domínio público, dos folhetos de cordel, impedindo a apropriação destes por terceiros, realizando-se o procedimento registro em órgãos componentes.
2. Instrumentalizar as Comissões estaduais para iniciarem o registro do patrimônio musical de suas regiões.
3. Recomenda-se a indicação da procedência dos temas folclóricos nas composições que contenham esses temas em qualquer de seus aspectos,
4. Zelar pelo direito dos artesãos e artistas populares de livremente estipularem o valor de suas obras e do mesmo modo zelar e respeitar o direito de imagem que lhes deve ser conferido.

## **CAPÍTULO VII - EVENTOS**

Recomenda-se:

1. Divulgar o calendário nacional de atividades culturais, em particular de eventos ligados à estrutura global das comunidades - considerando aspectos da economia, da ordem política e cultural - informando, além no registro cronológico das festas tradicionais, outros dados referentes à historicidade e estrutura da manifestação, detalhes dos participantes, importância para o contexto etc.
2. Prestigiar e divulgar as manifestações artísticas representativas das diferentes comunidades.
3. Respeitar os interesses dos representantes da cultura popular nas decisões relacionadas à dinâmica de suas manifestações, sem atitudes paternalistas nem imposição de modelos alheios ao próprio folclore.
4. Promover Semanas de Folclore.

## **CAPÍTULO VIII - TURISMO**

Reconhece-se que a relação folclore e turismo é uma realidade. O turismo poder atuar como divulgador do folclore e como fonte de recursos para o crescimento da economia local, o que pode significar melhoria da qualidade de vida das camadas populares. Esta relação, porém, precisa ser avaliada no sentido de resguardar os agentes da cultura popular das pressões econômicas e políticas.

## **CAPÍTULO IX - GRUPOS PARAFOLCLÓRICOS**

1. São assim chamados os grupos que apresentam folguedos e danças folclóricas, cujos integrantes, em sua maioria, não são portadores das tradições representadas, se organizam formalmente, e aprendem as danças e os folguedos através do estudo regular, em alguns casos, exclusivamente bibliográfico e de modo não espontâneo.
2. Recomenda-se que tais grupos não concorram em nenhuma circunstância com os grupos populares e que, em suas apresentações, seja esclarecido aos espectadores que seus espetáculos constituem recriações e aproveitamento das manifestações folclóricas.
3. Os grupos parafolclóricos constituem uma alternativa para a fábrica de ensino e para a divulgação das tradições folclóricas, tanto para fins educativos atendimento a eventos turísticos e culturais.

## **CAPÍTULO X - COMUNICAÇÃO**

Reconhece-se que não se pode mais desconsiderar o papel desempenhado pela comunicação de massa na dinâmica do folclore, tanto pela divulgação descontextualizante, quanto pela influência ideológica de valores lhe são próprios. Recomenda-se o estudo das inter-relações do folclore com os fatos da cultura de massa e, em especial, com as interferências, aproveitamos e reelaborações recíprocas.

## **CAPÍTULO XI - PUBLICAÇÕES**

1. Reconhece-se a necessidade da edição de obras sobre o folclore brasileiro e traduções de obras científicas em que se encontrem estudos e/ou pesquisas relevantes, além da reedição de livros fundamentais.
2. Reconhece-se a necessidade da divulgação dos estudos sobre as manifestações folclóricas através de todos os meios e recursos disponíveis.

## **CAPÍTULO XII – INTERCÂMBIO**

Considera-se de grande importância o intercâmbio entre estudiosos, pesquisadores e instituições afins, objetivando a mais ampla troca de informações, em âmbito nacional e internacional. Para tanto, recomenda-se a realização periódica de encontros, seminários, simpósios e congressos, nacionais e internacionais.

## **CAPÍTULO XIII - SUBCOMISSÕES**

Recomenda-se às Comissões Estaduais estimularem a criação de comissões municipais de folclore que poderão, se assim o quiserem, se vincular à Comissão Estadual.

## **CAPÍTULO XIV - HIERARQUIAS**

Recomenda-se atuar às autoridades religiosas, políticas, policiais e educacionais no sentido do reconhecimento, prestígio e respeito às várias formas populares de expressão cultural.

## **CAPÍTULO XV - RECURSOS FINANCEIROS**

Reconhece-se a necessidade de recursos financeiros para a realização de pesquisas e ações de divulgação e apoio ao campo do folclore. Para isso, sugere-se a sua

captação junto às instituições oficiais de financiamento, bem como o desenvolvimento de mecanismos de parceria com a iniciativa privada.

## Anexo VI – Termos

## Carta de Apresentação



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

**Docência para  
Educação Básica**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

O mestrando Lauro Roberto Martiniano Gomes é graduado em Pedagogia pela UNISEB Interativo COC, Artes Visuais pela UNIMES, Música pela UNIMES. Tem especialização em Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa e LIBRAS, AEE, Arte na Educação, e outras. Atualmente é aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica (DEB), UNESP/Bauru- SP.

Atualmente é professor da rede Sesi CE 206 Catanduva e pretende realizar o trabalho intitulado **“PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO SOCIAL DE ALUNOS SURDOS”** com uma sala alunos da Sala de AEE. O objetivo deste trabalho é produzir, aplicar vídeo aulas interativas interdisciplinares, fichas de leituras em LIBRAS dos contos e lendas do Folclore Brasileiro.

Em respeito às normas de ética (Resolução 510/16) cumpre salientar que a pesquisa que ela realizará tem, exclusivamente, objetivos de natureza acadêmica e científica. Desse modo, destacamos que as identidades de alunos, de familiares e de professores participantes (entrevistados) serão preservadas e que não haverá nenhum tipo de divulgação comercial das informações coletadas. Informamos também que nenhuma das ações propostas envolverá um possível risco de dano físico ou moral aos envolvidos na pesquisa e nenhum custo.

Agradecemos a autorização para a realização da pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,

Bauru, 15 de março de 2024.

---

Prof. Dr. Fabio Villela Fernandes  
Professor Orientador  
Email: [fabio.villela@unesp.br](mailto:fabio.villela@unesp.br)

---

Prof. Esp. Lauro Roberto Martiniano Gomes  
Pesquisador discente (mestrando)  
Email: [lauro.gomes@unesp.br](mailto:lauro.gomes@unesp.br)

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Solicitamos o consentimento da Secretaria Municipal de Educação, a senhora Cláudia de Carvalho Cosmo, para a realização de ações vinculadas ao desenvolvimento da pesquisa: **“PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE**

**NO CONTEXTO SOCIAL DE ALUNOS SURDOS”**, em nível de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, UNESP/Bauru- SP.

O objetivo desta pesquisa é produzir, aplicar aulas interativas com o componente curricular Arte, o tema dessa aplicação será o tema “Folclore”. A metodologia utilizada será a pesquisa qualitativa, na AEE em 2024, pelo professor pesquisador e professora da sala AEE.

A pesquisa terá início no primeiro semestre de 2024, com a aprovação da Secretaria Municipal de Educação e do Comitê de Ética. A primeira etapa será teórica, a fim de fundamentar a produção científica e as análises de como os professores de Arte lidam com os alunos surdos da Escola. A segunda etapa será em campo, com uma sondagem inicial para compreender os conhecimentos prévios dos alunos relacionados aos conceitos do Folclore. Ainda na segunda etapa, será realizado um questionário com os alunos a fim de compreender a visão e a expectativa deles com o tema Folclore. Concomitantemente, será realizada uma entrevista com os professores da unidade escolar com o objetivo de compreender a visão dos docentes em relação à participação dos alunos nas aulas oferecidas.

Após a coleta desses dados, serão elaboradas as aulas. Na terceira etapa, ocorrerá a aplicação dessas aulas, no primeiro semestre de 2024, após a aplicação dessas aulas, em que serão trabalhados conceitos folclóricos, elaboração de materiais juntamente com a professora da Sala de AEE, durante a prática o pesquisador fará observação sistemática com a finalidade de compreender o envolvimento do aluno e aprendizagem ocorrida nas aulas e ainda será feito um questionário para que os alunos avaliem as aulas interativas produzidas pelo pesquisador. Diante de tal análise, esperamos que a interação com as tecnologias digitais e recompensas digitais oferecidas nas videoaulas interativas motivem os alunos a serem protagonistas em

seu processo de aprendizagem. As ações propostas não irão gerar custos ou prejuízos para nenhum dos envolvidos.

O estudo proposto integra o Programa de Pós-Graduação em Mestrado do Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, UNESP/Bauru-SP, sob orientação do Professor Dr. Fábio Villela Fernandes. Os dados colhidos serão eticamente tratados, seguindo as normas prescritas pelo Comitê de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos.

Em respeito às normas de ética (**Resolução 510/16**), cumpre salientar que a pesquisa supracitada tem, exclusivamente, objetivos de natureza acadêmica e científica. Desse modo, destacamos que as identidades dos alunos e familiares serão preservadas e que não haverá nenhum tipo de divulgação comercial das informações coletadas. Informamos também que nenhuma das ações propostas envolverá um possível risco de dano físico ou moral aos envolvidos na pesquisa.

Agradecemos a autorização para a realização da referida pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Atenciosamente,

Prof. Dr Fabio Fernandes Villela  
Professor Orientador  
Av. Eng, Luiz Edmundo Carrijo Coube,  
14-01  
Bairro Vargem Limpa-Bauru -SP  
CEP17033-360  
Email: fabio.villela@unesp.br

Prof. Esp. Lauro Roberto Martiniano Gomes  
Pesquisador discente (mestrando)  
Av. Eng, Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01  
Bairro Vargem Limpa-Bauru -SP  
CEP17033-360  
Email: lauro.gomes@unesp.br

Carta de Aceite – U.E.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA



**Docência para  
Educação Básica**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

## CARTA ACEITE DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Catanduva, 18 de abril de 2024.

Ilma. Sra. Maria Eduarda Ferreira de Jesus

Meu nome é **Lauro Roberto Martiniano Gomes**, sou professor do componente Arte, atuando no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, na Rede SESI – SP (CE-206), alocado na cidade de Catanduva, em março de 2022 ingressei no Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, da Unesp de Bauru, orientado pelo Prof. Dr. Fabio Fernandes Villela.

As inquietações que resultaram na pesquisa que estou propondo realizar surgiram do meu contexto de trabalho em 2016, atuando como professor interlocutor de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) também da necessidade e anseios dos professores a promoverem uma educação inclusiva de qualidade, e proponho uma aplicação e observação de aula e um protótipo de produto educacional, sendo exigência do programa.

A pesquisa, está voltada para análise de como o aluno com surdez aprende nas aulas de Arte, e como os professores lidam com o aluno surdo sem o interlocutor de LIBRAS, ressalta que esta parte será apenas de observação, sem nenhuma interferência nas aulas dos ministrantes. O tema de minha dissertação é **“PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO SOCIAL DE ALUNOS SURDOS”**, e como proposta de produto educacional “DO FOLCLORE”, aplicar atividades para este aluno voltadas ao tema, essas atividades vem a ser desde conhecimento prévio até práticas com o pesquisador, juntamente com o professor do componente Arte da Unidade Escolar (U.E.) e interlocutor de LIBRAS.

O objetivo da pesquisa é:

“O objetivo geral estipulado será evidenciar a relevância de se propor metodologias alternativas efetivas para o ensino de arte e avaliações de aprendizagem voltadas à necessidade de cada aluno. “

A pesquisa será realizada com os educandos surdos laudados do Ensino Fundamental II da EMEF Prof<sup>a</sup> Graciema Ramos da Silva, tendo como colaboradores professores regentes das turmas selecionadas, os professores especialistas e as auxiliares da educação especial e inclusiva. As aulas acontecerão durante o período letivo, no período da manhã durante um período de um mês (a partir de sua aprovação). A previsão é que a pesquisa inicie em abril de 2024, após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade envolvida.

Cada aula terá seu plano individual com seu objetivo e será acompanhado por uma redação de um diário de bordo, o qual conterà descrições de observações do pesquisador, uma entrevista semiestruturada será aplicada com os professores participantes antes e após aplicação da ferramenta para levantamento das dificuldades, facilidades, sucessos e fracassos no processo.

Como instrumentos de coleta de dados, serão utilizados: diários de aula feitos pelo professor-pesquisador, entrevista semiestruturada com os professores participantes, protocolo de observação comportamental; áudio da entrevista, vídeo das aulas para posterior análise do professor-pesquisador.

Neste sentido, encaminho o presente ofício, solicitando, por gentileza, a manifestação da instituição sobre o desenvolvimento desta pesquisa. Coloco como observação que a Secretária de Educação, juntamente com a Supervisora de Educação Especial já autorizaram o procedimento a ser feito na Rede Municipal (essa autorização estará anexada).

Sem mais para o momento, apresento protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

---

Lauro Roberto Martiniano Gomes

---

Ilma. Maria Eduarda Ferreira de Jesus  
**Diretora Escolar**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA


**Docência para  
Educação Básica**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

| IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Pesquisa:</b> “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O Impacto do Ensino da Arte no Contexto Social de Alunos Surdos”.                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                   |
| <b>Orientador:</b> Prof. Dr. Fabio Fernandes Villela                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | <b>Instituição / Departamento:</b> UNESP/Bauru – Departamento de Educação         |
| <b>Telefone:</b> (17) 991126075                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <b>E-mail:</b> <a href="mailto:fabio.villela@unesp.br">fabio.villela@unesp.br</a> |
| <b>Aluno responsável:</b> Lauro Roberto Martiniano Gomes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <b>Instituição / Departamento:</b> UNESP/Bauru – Departamento de Educação         |
| <b>Telefone:</b> (17) 992308018                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <b>E-mail:</b> <a href="mailto:lauro.gomes@unesp.br">lauro.gomes@unesp.br</a>     |
| <b>Comitê de Ética em Pesquisa (responsável pela aprovação deste trabalho):</b><br>Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP.<br>Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), E-mail: <a href="mailto:cepesquisa@fc.unesp.br">cepesquisa@fc.unesp.br</a><br>Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP-Bauru - Faculdade de Ciências. |                                                                                   |

O(A) seu(ua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa a ser realizado EMEF Profª Graciema Ramos da Silva, aprovado pelo CEP-UNESP sob o parecer nº **6.803.405** pelo CAAE nº **78755624.9.0000.5398**.

Declaro ter sido informado (a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia da pesquisa intitulada “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O Impacto do Ensino da Arte no Contexto Social de Alunos Surdos”, bem como as atividades envolvidas. Esta pesquisa tem como **objetivo** geral produzir **lâminas/fichas** de leitura em formato de LIBRAS, através de sinais e/ou alfabeto datilológico com o tema do Folclore, **desenvolvidas pelo pesquisador**.

O objetivo referente às vídeo aulas motivar e engajar os alunos para aprender conteúdos do Folclore Brasileiro, através de aulas expositivas junto com o (a) professor da Sala de Recursos.

Enquanto pesquisador informo que os **riscos** da participação nesta pesquisa são mínimos e se dão por aumento de stress dos participantes envolvidos durante o preenchimento do questionário e realização da ação (caso dos alunos: fazer os desenhos, refletir sobre o conceito abstrato do Folclore), caso haja os riscos citados, para amenizá-los, uma pausa, e novas reflexões serão bem-vindas. Já o **benefício** é que este trabalho possibilitará aos alunos uma aproximação com os aspectos culturais e sociais do nosso país, bem como o entendimento da rica cultura que é o Folclore, e auxílio na leitura e incentivo para as aulas de Arte.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em três vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, outra será fornecida a você, e mais uma arquivada na Secretaria Municipal de Educação. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Estou ciente de que:

- a privacidade do(a) meu filho(a) será respeitada, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar meu filho(a) serão mantidos em sigilo;
- meu filho(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação, palestra, curso, etc., que possam resultar deste trabalho;
- posso recusar a participação de meu filho(a), retirar meu consentimento ou interromper a participação dele(a) a qualquer momento, sem precisar justificar;
- a participação é voluntária, na pesquisa, sem o recebimento ou pagamento de qualquer valor;
- a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Caso aconteça algum problema, ou alguma coisa, nos procure pelo telefone (17)992308018 ou pelo e-mail [lauro.gomes@unesp.br](mailto:lauro.gomes@unesp.br).

**Lauro Roberto Martiniano Gomes**  
(17)992308018 (WhatsApp) -  
[lauro.gomes@unesp.br](mailto:lauro.gomes@unesp.br)

Dessa forma, declaro que CONCORDO com a participação do meu filho(a), como voluntário(a), da pesquisa acima descrita.

Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

| Nome             | RG           | Assinatura                       |
|------------------|--------------|----------------------------------|
|                  |              | Assinatura no documento impresso |
| Rox M. Bauru Rox | 26.516-109-5 | Rox M. B. Rox                    |

**Comitê de Ética em Pesquisa (responsável pela aprovação deste trabalho):**

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP

Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), E-mail: [cepesquisa@fc.unesp.br](mailto:cepesquisa@fc.unesp.br)

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-Bauru - Faculdade de Ciências.

## TALE – Estudante



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA


**Docência para  
Educação Básica**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) – ALUNOS**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **"PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO SOCIAL DE ALUNOS SURDOS"**, aprovado pelo CEP- UNESP nº 6.803.405 pelo CAAE nº 78755624.9.0000.5398, sob responsabilidade do pesquisador professor **Lauro Roberto Martiniano Gomes**. Seus pais ou responsáveis sabem de tudo o que vai acontecer na pesquisa (riscos e benefícios) e permitiram sua participação.

Esta pesquisa analisará como fichas interativas e vídeos em LIBRAS, podem ajudar você a interagir com tecnologias digitais para aprender.

Você não é obrigado(a) a participar e poderá desistir sem problema nenhum. Você só participa se quiser. Os alunos que irão participar dessa pesquisa tem de 11 a 15 anos de idade. Caso você não participe da pesquisa, irá realizar suas atividades na sala de aula.

A pesquisa será feita na EMEF "Profª Graciema Ramos da Silva", onde você estuda. Para isso, será realizado sondagem para verificação da aprendizagem, apresentação de vídeo aulas interativas e produção de desenhos e interação em LIBRAS. Esta pesquisa será realizada para aproximar os alunos dos conceitos artísticos e interpretações para conhecimento do Folclore Brasileiro. Assim, a sua participação na pesquisa pode ajudar a melhorar a qualidade do ensino destes conceitos nas séries/anos. Enquanto pesquisador informo que os **riscos** da participação nesta pesquisa são mínimos e se dão por aumento de stress dos participantes envolvidos durante o preenchimento do questionário e realização da ação (caso dos alunos: fazer os desenhos, refletir sobre o conceito abstrato do Folclore), caso haja os riscos citados, para amenizá-los, uma pausa, e novas reflexões serão bem-vindas. Já como **benefícios** é que este trabalho possibilitará aos alunos uma aproximação com os aspectos culturais e sociais do nosso país, bem como o entendimento da rica cultura que é o Folclore, e auxílio na leitura e incentivo para as aulas de Arte.

Estou ciente de que:

. Caso aconteça algo errado, nos procure pelo telefone (17) 99230-8018 ou pelo email: lauro.gomes@unesp.com.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados em uma dissertação de mestrado, mas sem identificar os alunos que participaram.

|                                                                                                                                 |                                |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA<br><input type="checkbox"/> NÃO ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA |                                |
| Nome                                                                                                                            | Assinatura do aluno            |
|                                                                                                                                 | Assinado no documento impresso |
| <i>Manuelley Bragui Rosa</i>                                                                                                    | <i>Manuelley Bragui Rosa</i>   |

**Comitê de Ética em Pesquisa (responsável pela aprovação deste trabalho):**

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP

Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-Bauru - Faculdade de Ciências.

TCLE – Professora AEE e Professora ARTE



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA


**Docência para  
Educação Básica**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

## IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

**Pesquisa: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO SOCIAL DE ALUNOS SURDOS**

|                                                          |                                                                                   |
|----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Orientador:</b> Dr. Fabio Fernandes Villela           | <b>Instituição / Departamento:</b> UNESP/Bauru – Departamento de Educação         |
| <b>Telefone:</b> (17) 99112-6075                         | <b>E-mail:</b> <a href="mailto:fabio.villela@unesp.br">fabio.villela@unesp.br</a> |
| <b>Aluno responsável:</b> Lauro Roberto Martiniano Gomes | <b>Instituição / Departamento:</b> UNESP/Bauru – Departamento de Educação         |
| <b>Telefone:</b> (17) 99230-8018                         | <b>E-mail:</b> <a href="mailto:lauro.gomes@unesp.br">lauro.gomes@unesp.br</a>     |

**Comitê de Ética em Pesquisa (responsável pela aprovação deste trabalho):**

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP.

Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), E-mail: [cepesquisa@fc.unesp.br](mailto:cepesquisa@fc.unesp.br)

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP-Bauru - Faculdade de Ciências.

Sou professor do Ensino Fundamental – Anos Finais e Médio e gostaria de convidá-lo(a) a participar da minha pesquisa de Mestrado intitulada “**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO SOCIAL DE ALUNOS SURDOS**” Esta pesquisa se **justifica** pela relevância do tema de lidar todos os dias com a educação inclusiva,

O **objetivo** desta pesquisa é observar como o professor de Arte lida, ensina e explica os conteúdos para um estudante surdo e acima de tudo analisar como é explorado os conteúdos a este estudante quando não há presença de interlocutor de LIBRAS.

Enquanto pesquisador informo que os riscos da participação nesta pesquisa se dão por aumento de stress dos participantes durante a entrevista. Já os benefícios é que este trabalho busca construir um espaço para refletir, debater e buscar alternativas sobre questões relacionadas às novas formas de ensino.

Para responder essa questão, a **metodologia** desta pesquisa será dividida em etapas:

1. Nesta primeira etapa, elaborou-se um questionário (formulário Google).
2. Na segunda etapa, será realizada uma entrevista com os professores com o objetivo de compreender a visão dos docentes em relação a participação de um estudante surdo.
3. Na terceira etapa, será feita por esse pesquisador a análise dos resultados dos participantes.
4. Na quarta etapa, serão apresentadas ao estudante imagens folclóricas e levantamento de conhecimento prévio do estudante.
5. Na quinta etapa, o estudante fará uma atividade prática.
6. Na sexta etapa, o estudante responderá a outro questionário.

Eu, pesquisador, sou responsável pelo acompanhamento de todas as etapas da pesquisa, juntamente com a professo de AEE. Você, professor participante da pesquisa, tem liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem ser penalizado ou sofrer qualquer punição: **sua participação é totalmente voluntária.**

Os estudos oriundos da pesquisa poderão ser publicados, mantendo-se sempre o sigilo absoluto do seu nome e instituição de origem. Você receberá uma cópia deste termo em que constam os meus dados: telefones (WhatsApp) e e-mail, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação em qualquer momento.

**Lauro Roberto Martiniano Gomes**  
(17) 99230-8018 (WhatsApp) -  
[Lauro.gomes@unesp.br](mailto:Lauro.gomes@unesp.br)

Declaro ter sido informado(a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia desta pesquisa de Mestrado. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar serão mantidos em sigilo.

| <b>Nome</b> | <b>RG</b> | <b>Local de Trabalho</b> | <b>Assinatura</b> |
|-------------|-----------|--------------------------|-------------------|
|             |           |                          |                   |

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE IMAGEM E VOZ**

Eu, \_\_\_\_\_, portadora do CPF \_\_\_\_\_ depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O Impacto do Ensino da Arte no Contexto Social de Alunos Surdos” poderá trazer e entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha interpretação dos contos e lendas do Folclore Brasileiro, **AUTORIZO** por meio deste termo, o professor pesquisador Lauro Roberto Martiniano Gomes a realizar a gravação de imagem e de voz sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citado em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, através de novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade do pesquisador coordenador da pesquisa, Lauro Roberto Martiniano Gomes, e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição da interpretação.

Agradeço a autorização para a realização da referida pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais. Atenciosamente,

Bauru, 18 de abril de 2024.

Nome Completo  
Interlocutora de LIBRAS

Prof. Esp. Lauro Roberto Martiniano Gomes  
Pesquisador discente (mestrando)  
Av. Eng, Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01  
Bairro Vargem Limpa-Bauru -SP  
CEP17033-360  
Email: lauro.gomes@unesp.br

### TERMO DE ADESÃO VOLUNTÁRIO

Pelo presente Termo de Adesão e ciente da Lei n. 9.608/1998 que rege o trabalho voluntário, decido espontaneamente realizar atividade voluntária nesta organização. Declaro, ainda, que estou ciente de que o trabalho não será remunerado e que não configurará vínculo empregatício ou gerará qualquer obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim. Declaro, por fim, que estou ciente de que eventuais danos pessoais ou materiais causados no exercício do trabalho voluntário serão de total e integral responsabilidade minha e não serão imputados a esta organização ou o pesquisador.

Por este termo o Voluntário acima qualificado, eu \_\_\_\_\_, cujo CPF \_\_\_\_\_, me comprometi a prestar serviço voluntário apenas em prol do Produto Educacional “Do Folclore” do professor pesquisador *Lauro Roberto Martiniano Gomes*, conforme características, especialmente nos dias e horários discriminados no quadro abaixo:

| <b>Dia, mês, ano</b> | <b>Hora:</b> | <b>Local:</b> | <b>Características do serviço:</b>                                |
|----------------------|--------------|---------------|-------------------------------------------------------------------|
| 20/03/2024           | 10h          | Catanduva     | Interpretação dos contos/lendas do Folclore Brasileiro em LIBRAS. |

O Voluntário reconhece que alguns serviços poderão, por suas peculiaridades, ser executados fora das dependências da instituição.

O Voluntário declara conhecer que a prestação dos serviços descritos acima não gera vínculo empregatício, nem obrigações de natureza trabalhista, previdenciária ou afim; que inexistirá controle de frequência ou exigência de aviso prévio formal no caso de descontinuidade da relação objeto deste Termo.

O Voluntário declara que é detentor de todas as condições necessárias ao desempenho dos serviços a que se compromete e que tem ciência de que, no caso de acarretar danos a terceiros, sejam decorrentes de dolo ou culpa, poderá ficar sujeito a arcar com os consequentes prejuízos.

O Voluntário declara, espontaneamente, estar ciente e de acordo com os termos da Lei Federal nº 9.608 de 18/02/98, que dispõe sobre o serviço voluntário, cujo texto está transcrito no verso deste termo.

Bauru, 18 de abril de 2024.

Nome Completo  
Interlocutora de LIBRAS  
Desenhista

Prof. Esp. Lauro Roberto Martiniano Gomes  
Pesquisador discente (mestrando)  
Av. Eng, Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01  
Bairro Vargem Limpa-Bauru -SP  
CEP17033-360  
Email: lauro.gomes@unesp.br